



O QUE VÊS... E O QUE DESEJAS?

Efeitos do processamento global-local nas relações
interpessoais com foco no *self*; diferentes contextos e
sociosexualidades

LEONOR RIBEIRO SIMÕES VALE DE ANDRADE

Orientador de Dissertação

PROFESSORA DOUTORA TERESA GARCIA-MARQUES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA TERESA GARCIA-MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutora Teresa Garcia-Marques, apresentada no ISPA-IU – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

À Professora Teresa Garcia-Marques que me foi sempre transmitindo, de forma contagiante, a magia e encanto da investigação; por ser um modelo nesta área que me ajuda a saber para onde quero ir. Que me desafiou e apoiou – no verdadeiro sentido do que é uma orientação – em equilíbrio. A quem eu devo a concretização deste projeto.

Ao Professor David Rodrigues pelo seu papel fundamental ao longo deste trabalho; pelas discussões de ideias, sugestões, apoio, e por me ajudar a pensar e olhar de diferentes formas.

Ao Pedro Figueira pelas infindáveis horas que disponibilizou; por se sentar ao meu lado a discutir ideias e resultados. Por ser um dos melhores professores que tive (sem o ser). Por ter sido a base de todos os meus conhecimentos em investigação, mas principalmente pela amizade e por ser quem nunca se esquece da pessoa que eu realmente sou.

Ao Professor Victor Cláudio por ser sempre quem eu lembro quando procuro fazer a ligação entre a cognição e a clínica.

Ao Professor Bruno Rodrigues por tudo aquilo que me ensinou acerca da investigação ao longo destes anos. Por acompanhar e se entusiasmar no desenvolvimento desta dissertação.

A todos os que se disponibilizaram para responder e partilhar o meu questionário sem os quais nada disto teria sido possível.

À Catarina e à Beatriz por viverem comigo o *drama*, mas, por nunca lhe darem a importância que ele não tem; por terem tornado este processo menos individual do que ele o é necessariamente. À Rita por ser um exemplo para mim na tranquilidade de olhar para um projeto como este. Às três por festejarem comigo as pequenas vitórias.

Um agradecimento muito especial à minha família; em particular ao meu pai que apesar de já não se encontrar presente fará sempre parte do que eu sou e da minha forma de olhar; e à minha mãe pelo apoio incondicional, pela compreensão, pela exigência equilibrada e por acreditar mesmo quando eu não acredito.

Ao Ricardo, um verdadeiro pilar, pela paciente e respeitosa espera e pelo amor.

Aos meus colegas e amigos pelo apoio, por respeitarem e aceitarem a minha não presença neste longo período de tempo. Um agradecimento muito especial à Leonor, grande amiga e, impulsionadora da concretização deste trabalho.

A todos vocês que me inspiram todos os dias a pensar o que é o amor nas suas diferentes dimensões e em toda a sua globalidade.

Resumo

A literatura indicou que o processamento global está associado a sentimentos como amor e amizade e o processamento local tem sido associado à luxúria (ou desejo sexual). O objetivo do presente estudo foi compreender se esta relação entre processamento e sentimentos ativados (desejo sexual, amor, amizade) ocorria também em referência ao *self*. Procurou-se perceber se esta relação é identificada numa situação de atração inicial do próprio e se emergem sentimentos por um dado alvo em diferentes contextos relacionais (*dating* vs. profissional). Explorou-se o papel da homossexualidade e do estado de espírito na mesma relação.

Um total de 91 participantes responderam a um questionário *online*, onde se mediu através de uma tarefa perceptiva a tendência para cada participante se envolver num processamento global-local. Seguidamente, foi apresentada uma suposta nova rede social associada a um de dois contextos relacionais; *dating* ou profissional.

Os resultados sugerem que nestas condições o processamento global-local não influenciou os sentimentos ativados em relação a um alvo no sentido esperado. Apenas no contexto profissional se detetou um efeito do tipo de processamento sobre todos os sentimentos. No entanto, contrariamente ao esperado, o impacto sob desejo sexual, amor e amizade foi no mesmo sentido. Neste estudo destacou-se o papel do género e da homossexualidade dos participantes. Esta moderou a relação do processamento com o desejo sexual apenas para os participantes do sexo masculino. Tal indica que futuros estudos deverão ter estas variáveis em consideração.

Palavras chave: processamento global-local, sentimentos ativados, amor, desejo sexual, homossexualidade

Abstract

Literature has indicated that global processing is associated with feelings such as love, and friendship and local processing is associated with lust (or sexual desire). The purpose of this study was to understand if the relation between processing and activated feelings (sexual desire, love, friendship) also occurred in reference to the self. We sought to understand if this relationship is identified in an initial attraction situation of the self and if feelings emerge for a given target in different relational contexts (dating vs. professional). We explored the role of sociosexuality and mood in the same relationship.

A total of 91 participants answered a web survey, where the tendency for each participant to engage in global-local processing was measured through a perceptual task. Then, we presented an alleged new social network associated to one of two relational contexts; dating or professional.

The results suggest that under these conditions global-local processing did not influence the activated feelings towards a target in the expected direction. Only in the professional context was an effect of the type of processing in all feelings. However, contrary to expected, the impact on sexual desire, love and friendship went in the same direction. In this study the role of sociosexuality and gender of participants was highlighted. Sociosexuality moderated the relationship of processing with sexual desire only to male participants. This suggests that future studies should take these variables into account.

Key-words: global-local processing, activated feelings, love, sexual desire, sociosexuality

Índice

Introdução	1
Apresentação do estudo	6
Método.....	7
Participantes e delineamento	7
Materiais e Instrumentos	8
Procedimento	10
Resultados.....	11
Critérios de inclusão/exclusão de dados para análise.....	11
Computação das variáveis em análise	12
Caracterização dos participantes relativamente às variáveis em estudo.....	13
Estudo da relação entre processamento e sentimentos	13
Dimensões da Sociossexualidade e sentimentos pelo alvo	22
Discussão	24
Sentimentos ativados	24
O contexto e problemáticas da manipulação	27
Sociossexualidade.....	28
Crítica	31
O processamento: tarefa; os efeitos no género e estado de espírito	32
Conclusões, limitações e direções futuras	32
Referências	34

Lista de Tabelas

Tabela 1 Correlações entre processamento para as variáveis dependentes amor, sexo, amizade para o geral dos participantes e para cada um dos contextos	14
Tabela 2 Correlações e p-value entre processamento, variáveis dependentes (desejo sexual, amor e amizade) e variáveis de controlo (estado de espírito, homossexualidade) para o geral dos participantes e para cada um dos contextos	14
Tabela 3 Tabela de Regressões do género masculino para desejo sexual	17
Tabela 4 Tabela de Regressões do género feminino e contexto social para desejo sexual	17
Tabela 5 Média e desvio padrão dos sentimentos ativados para ambos os contextos separadamente	19
Tabela 6 Média e desvio padrão dos sentimentos ativados para ambos os géneros separadamente	19
Tabela 7 Média e desvio padrão dos sentimentos ativados para processamento e contexto....	20
Tabela 8 Tabela de Regressões das dimensões de homossexualidade para desejo sexual	22
Tabela 9 Tabela de Regressões das dimensões de homossexualidade para amor.....	23
Tabela 10 Tabela de Regressões das dimensões de homossexualidade para Processamento...	23

Lista de Figuras

Figura 1. Exemplo de estímulo Kimchi-Palmer-figures-task (Kimchi & Palmer, 1982).....	8
Figura 2. Modelo de Moderação.	15
Figura 3. Efeitos da interação do processamento e contexto na variável dependente desejo sexual.....	21
Figura 4. Efeitos da interação do processamento e contexto na variável dependente amor.....	21
Figura 5. Efeitos da interação do processamento e contexto na variável dependente amizade.	21

Lista de Anexos

Anexo A – Revisão da Literatura	41
Anexo B – Desenvolvimento de materiais	76
Anexo C - Estímulos da medida de Processamento Global-Local.....	78
Anexo D – Critérios de inclusão e exclusão de dados para análise.....	80
Anexo E – Estudo das características métricas da escala de homossexualidade (AFE)	81
Anexo F – Teste T entre género e índices de processamento.....	81
Anexo G – Teste de regressões do modelo entre processamento e homossexualidade com a variável critério desejo sexual	82
Anexo H – Correlações entre processamento e homossexualidade e as três variáveis dependentes (amor, desejo sexual, amizade) para ambos os géneros separadamente; para ambos os contextos (G) e para cada um deles separadamente	82
Anexo I – Teste de regressões do modelo entre processamento e homossexualidade com a variável critério desejo sexual apenas para os participantes do género feminino	83
Anexo J – Teste da Moderação a partir de regressões com as variáveis critério processamento e homossexualidade com a variável critério amor	83
Anexo K - Análises multivariadas e univariadas (MANCOVA)	84
Anexo L - Contrastes planeados	87
Anexo M - Tabelas para estudo das dimensões da homossexualidade referente a desejo sexual, amor e amizade	90

Introdução

O estudo de processamento diferencia-se em local e global. A literatura tem defendido que este tipo de processamento tem várias implicações nomeadamente ao nível de relações interpessoais. Mais especificamente, o processamento global está associado a sentimentos como o amor e amizade, enquanto o processamento local tem sido associado à luxúria (ou desejo sexual). A investigação nesta área, apesar de ter sugerido essas implicações e sua direção, deixa ainda por saber se os efeitos se verificam com a referência ao *self*, nomeadamente se o processamento global vs. local influencia o que sentimos quando conhecemos alguém; e se pode ser generalizada a vários contextos. Mais concretamente, se o processamento tem um papel apenas nas relações mais íntimas dos indivíduos ou se pode ser generalizado a outros contextos das relações interpessoais importantes nas nossas vidas, como num contexto das relações profissionais.

Neste trabalho, pretende-se verificar se os efeitos se replicam nestas condições (relativamente ao *self*; noutros contextos) e apurar o papel que as variáveis do indivíduo como homossexualidade, género e estado de espírito podem ter nas mesmas.

Para este efeito revemos a literatura que sustenta estes efeitos e apresentamos um estudo empírico onde se testa diretamente o papel destes fatores.

Segundo uma das teorias do processamento de informação (e.g. Navon 1977), as pessoas podem atender a um acontecimento de duas formas: ou olham para o todo (*gestalt*) ou para a parte (foco nos detalhes). Noutras palavras, ou as pessoas se focam na floresta – relacionado a um estilo de processamento global – ou se focam nas árvores – ligado a um estilo de processamento local.

Förster e Dannenberg (2010a) criaram o modelo chamado *GLOMO^{SYS} (the GLOBAL versus LOCAL processing MODEL, a systems account)* que integra e procura compreender os mecanismos cognitivos subjacentes a ambos os tipos de processamento (o como); as variáveis que levam ao processamento global/local (antecedentes); e discute o porquê de as pessoas entrarem em ambos os tipos de processamento (as suas funções). Neste modelo, são indicados dois sistemas de processamento: o sistema global (*glo-sys*) e o sistema local (*lo-sys*). Ao ser ativado o *glo-sys* as pessoas percebem a *gestalt*, ativam na memória categorias mais amplas e integram informação em estruturas de conhecimento já existentes. Aquando a ativação do *lo-sys* são percecionados os detalhes e há ativação de categorias mais limitadas. O *GLOMO^{SYS}* postula que o processamento global/local é transferido para outras tarefas sem que haja essa

consciência; havendo uma relação entre processamento perceptivo e estilos de processamento conceituais. Nomeadamente, o processamento global está associado a maior procura de similaridades (Förster, 2009), a maior criatividade (e.g. Förster & Denzler, 2012) e a melhor reconhecimento de faces (Macrae & Lewis, 2002). Além disso, inúmeras variáveis “do mundo real” poderão levar ao processamento global-local (ver Förster, 2012; Förster & Dannenberg, 2010b para revisão) como o estado de espírito que abordaremos mais adiante. Mais especificamente: obstáculos (Marguc, Förster & Kleef, 2011), novidade (Förster, Liberman, Shapira, 2009) e maior distância psicológica (Liberman & Förster, 2009a, 2009b) levam a uma maior globalidade de processamento.

O conceito de distância psicológica ganha especial relevo quando se pensa na forma com o ser humano estabelece relações com o ambiente que o rodeia, nomeadamente a nível social. Estas implicações têm sido foco de abordagem na *Construal Level Theory (CLT)* (Trope & Liberman, 2003; Trope & Liberman, 2010; Liberman & Trope, 2008; Liberman & Trope, 2014). A teoria define distância psicológica como a sensação subjetiva de que objetos ou eventos estão afastados ou próximos do *self* e da experiência presente, definindo também como esta se relaciona com o modo de representar informação. Qualquer evento ou objeto pode ser representado em diferentes níveis de representação (*construal*) que tem funções cognitivas diferentes. As representações de nível superior (*high level construal*) são mais abstratas e esquemáticas servindo a uma representação de objetos distantes, mantendo as suas propriedades centrais. As representações de nível inferior (*low level construal*) acarretam uma representação mais minuciosa, rica, detalhada, concreta, mas pouco estruturada; para um uso imediato. Quando um evento é percebido a uma maior distância, maior é a probabilidade de este ser representado num nível de representação superior (associado ao porquê e.g. Liberman & Trope, 1998). A proximidade psicológica é associada a representações de nível inferior (o como; Liberman & Trope, 1998). A distância psicológica define-se a um nível hipotético, social, temporal e espacial, estando estas dimensões associadas mentalmente. Assim, de forma automática, uma dimensão da distância psicológica ativará as outras dimensões (Bar-Anan, Liberman & Trope, 2006). A distância operacionaliza-se tanto ao nível conceptual como ao nível perceptivo (Trope & Liberman, 2008, 2010).

A natureza das representações, de nível superior ou inferior, relaciona-se respetivamente com o processamento global e o processamento local. Do ponto de vista empírico, Liberman e Förster (2009a) verificaram que a maior distância psicológica aos níveis temporal, espacial e social aumentam o processamento global em estímulos visuais. E que a ativação de processamento global/local tem um impacto nas estimativas de distância

temporal, espacial, social e hipotética (Liberman & Förster, 2009b).

Förster, e colaboradores (Förster, Epstude & Özelsel, 2009; Förster, Özelsel, & Epstude, 2010; Förster, 2010; Epstude & Förster 2011) desenvolveram um conjunto de estudos a sugerir que esta forma de processamento e associação com o distanciamento psicológico associa-se com os sentimentos ativados numa relação interpessoal. Estes estudos focam a relação entre processamento global/local e sentimentos como amor/luxúria.

Nas investigações anteriormente referidas (ver também Diamond, 2003), amor é definido como o desejo de aproximação e de cuidado para um outro particular (Rubin, 1970), incluindo sentimentos de paixão e ligação emocional duradoura (*Atachment*) (Hazan & Shaver, 1987; Aron, Fisher & Strong, 2006) que têm uma perspetiva de longo prazo e compromisso (Sternberg, 1986), de partilha de uma vida em comum (e.g. relações românticas); em contraste a luxúria (*lust*), ou desejo sexual, é definida como a necessidade ou procura de objetos sexuais ou de um envolvimento numa atividade sexual (Regan & Berscheid, 1995, 1999), que funciona no “aqui e no agora” (e.g. sexo casual) não implicando de forma necessária uma perspetiva de longo prazo (Spreacher & Regan, 1998; Regan & Berscheid, 1995). Embora reconhecendo que amor e luxúria são processos interligados, os seus estudos dissociam-nos definindo que o amor e o desejo sexual originam diferentes formas de processar informação (Förster, et al., 2009; Förster, et al., 2010; Förster, 2010).

Os investigadores (Förster, et al., 2009; Förster, et al., 2010; Förster, 2010) utilizaram um paradigma que permitiu primar vários sentimentos: indicaram aos participantes para imaginarem um passeio com alguém que amassem e reviverem o quanto apaixonados se sentiam (amor); imaginarem uma situação de sexo com alguém por quem não nutrissem sentimentos amorosos (luxúria); ou para imaginarem um passeio com um amigo de quem gostassem mas pelo qual não tivessem inclinações amorosas (amizade; Förster, et al., 2010). Consistentemente, os resultados indicaram que a primação de amor leva a um processamento mais global e a primação de desejo sexual leva a um processamento mais local. A amizade funciona de forma semelhante ao amor. Foi ainda demonstrado por Epstude e Förster (2011) que os efeitos acontecem igualmente de forma inversa, ou seja, que a primação de um tipo de processamento leva a sentimentos de amor ou desejo sexual em situações românticas ambíguas. A primação foi realizada, por exemplo, pedindo aos participantes que completassem frases, como “*o Empire state Building é um exemplo de...*”, tendo de inferir uma categoria de ordem superior (*hight level of construal*) ou “*um exemplo para um arranha-céus é...*” tendo de inferir uma categoria de nível inferior (*low level of construal*). A tarefa de manifestação dos sentimentos consistia na escolha de um fim para uma história que relatava

um episódio em que um homem e uma mulher se conheciam, considerando-se mutuamente atraentes, e este a acompanha à porta de sua casa. Os indivíduos primados com uma representação de nível superior interpretavam a situação como mais amorosa, do que sexual, e viam maior probabilidade na manutenção do contacto passado um ano; já os primados com uma representação de nível inferior o inverso acontecia, tomando a situação como mais sexual e antecipando uma menor probabilidade na manutenção do contacto.

Estes dois tipos de estudos apesar de parecerem abordar a mesma questão têm características diferentes que convém salientar.

Förster e colaboradores (Förster, et al., 2009; Förster, et al., 2010; Förster, 2010) encontraram uma relação entre amor/amizade (luxúria) e processamento global (local) medindo o processamento através de tarefas perceptivas (Navon, 1977; Kimchi & Palmer, 1982). Contudo, quando Epstude e Förster (2011) verificaram a relação inversa, de processamento de nível superior (ou nível inferior) para amor (sexo casual), utilizaram uma tarefa de primação semântica; não avaliando a amizade.

Além disto, estes autores (Epstude & Förster, 2011) pediram aos participantes que avaliassem situações externas a si próprios. Os dados tornaram claro que a forma como se processa informação vai influenciar o modo como são interpretadas situações sociais ambíguas. Porém, como os próprios denotam, fica ainda por saber se o nível de processamento tem impacto na forma como os participantes se relacionam com os outros. Isto é, se o processamento também influenciará a forma como avaliamos situações nas quais estamos diretamente envolvidos.

No presente estudo pretende-se compreender se os dados obtidos por Epstude e Förster (2011) se replicam com uma tarefa preceptiva (de modo a expandir a compreensão deste efeito para várias tarefas de processamento) e relativamente a uma situação na qual estamos diretamente envolvidos. Para o efeito foca-se um contexto de atração inicial. A atração inicial foi definida como o sentimento que é desencadeado no primeiro momento em que alguém toma consciência unilateral da presença de um outro (Rodrigues, 2010). Este é um fenómeno chave no desenvolvimento de relações íntimas aumentando a probabilidade de futuras interações (Rodrigues & Garcia-Marques, 2005).

Um outro objetivo deste estudo relaciona-se com a generalização do efeito a outros contextos relacionais. Nas investigações dos autores (Förster, et al., 2009; Förster, et al., 2010; Förster, 2010; Epstude e Förster, 2011) verifica-se que estes apenas tentaram compreender a relação em questão num contexto das relações íntimas ou *dating* (recordação de uma situação passada ou avaliação do desfecho de histórias). Sabemos que o contexto das

relações íntimas tem a particularidade de as mesmas serem relações voluntárias, i.e., são escolhidas pelos próprios; todavia, também outras relações interpessoais são relevantes nas suas vidas e não têm este carácter voluntário, como por exemplo, relações profissionais (ver VanLear, Koerner & Allen, 2006). Pretende-se, por esse motivo, perceber qual o papel de dois contextos (*dating* e profissional) na relação entre processamento de informação e sentimentos ativados. Para o efeito utilizaremos o termo sentimentos ativados com o propósito de captar as dimensões emocional e cognitiva de afetos como amor (Noller, 1996), desejo sexual e amizade.

Nos seus estudos Förster e colaboradores (Förster, et al., 2009; Förster, et al., 2010; Förster, 2010; Epstude & Förster, 2011; ver também Lamy, Guéguen & Fisher-Lokou, 2016) não encontraram efeitos do estado de espírito na relação entre processamento e sentimentos. Tal facto é de estranhar visto que um tipo de processamento global (processamento local) foi sistematicamente relacionado com um estado de espírito positivo (negativo; e.g. Gasper & Clore, 2002, Gasper, 2004). Além disso, as relações próximas podem ser associadas a emoções de valência emocional positiva como amor e compaixão, mas também a emoções de valência emocional negativa como ciúme e medo (Fitness, 2006). Neste sentido seria de esperar que o estado de espírito tivesse tido um papel importante na ligação entre processamento e amor/desejo sexual. Um terceiro objetivo deste trabalho será o de abordar esta relação com vista a sustentar ou refutar os dados previamente obtidos por Förster e colaboradores (Förster, et al., 2009; Förster, et al., 2010; Förster, 2010; Epstude & Förster, 2011)

Por último, focaremos o papel moderador de algumas variáveis de sujeito, como o género e a homossexualidade. Nos estudos de Förster (Förster, et al., 2009; Förster, et al., 2010; Förster, 2010) a relação entre amor e processamento não é influenciada pelo género e no estudo de Epstude e Förster (2011) apenas participaram indivíduos do género feminino. Deste modo, e tendo em conta a falta de clareza do efeito do género nesta relação, pretende-se olhar atentamente para esta variável e explorar qual o papel da homossexualidade nos nossos resultados.

Está bem estabelecido na literatura que os homens, comparativamente às mulheres, pensam mais em sexo (Conley, Moors, Matsick, Ziegler & Valentine, 2011). A literatura tem destacado que as diferenças entre géneros são maiores no que se refere a relações de carácter sexual do que em relações de carácter amoroso (Jackson & Kirkpatrick, 2007). Se sexo leva a um processamento mais localista, então, seria de esperar que os homens fossem mais localistas. Contudo, esta relação entre processamento e género é controversa na literatura.

Alguns estudos indicam que as mulheres processam mais rapidamente estímulos locais e os homens processam mais rapidamente estímulos globais (Roalf, Lowery & Turetsky, 2006), outras destacam o inverso (Schmid, Mast, Bombardieri, Mast & Lobmaier, 2011) ou apontam que é dependente da tarefa (Kimchi, Amishav & Sulitzanu-Kenan, 2009). Tendo em conta a possível incongruência, importa perceber se o processamento na realidade não está relacionado à homossexualidade, e não propriamente ao género. A homossexualidade alude à predisposição dos indivíduos para se envolverem em sexo casual, i.e., sexo sem compromisso ou ligação emocional (Simpson & Gangestad, 1991; Simpson & Gangestad 1992). Esta tem sido conceptualizada de forma multidimensional, com três componentes: comportamentos, referindo-se aos comportamentos individuais passados; atitudes, a disposição avaliada para entrar em sexo sem compromisso; e desejo, tratando-se este da disposição motivacional para usar estratégias relacionais (*mating strategies*) de curto ou longo prazo, associada ao desejo sexual (Penke & Asendorpf, 2008). A homossexualidade é vista num contínuo (Simpson & Gangestad, 1991; Simpson & Gangestad, 1992) em que valores mais baixos indicam uma homossexualidade restritiva, caracterizada pela necessidade de uma relação íntima antes do envolvimento em relações sexuais; valores mais altos representam uma homossexualidade menos restritiva, i.e., indivíduos que estão confortáveis e apreciam ter sexo casual sem a necessidade de intimidade e compromisso, tendo tendência para se envolverem em relacionamentos de curto prazo. De forma sistemática têm sido encontradas diferenças na homossexualidade entre géneros, sendo os homens menos restritivos em comparação com as mulheres (Rodrigues, Lopes & Pereira, 2016; Schmitt, 2005a).

Apresentação do estudo

Neste estudo replica-se conceptualmente a investigação de Epstude e Förster (2011); solicitando aos participantes que realizem uma tarefa onde ativam o processamento ora mais global ora mais local e, de seguida, são confrontados com um alvo sobre o qual reportam os sentimentos ativados no *self* sobre esse alvo.

Pelo facto de se focar a relação no *self* torna-se relevante controlar o estado de relação, isto é, se os indivíduos estão solteiros ou comprometidos. Embora esta variável não tenha tido qualquer efeito nos estudos de Förster (Förster, et al., 2009; Förster, et al., 2010; Förster, 2010); desconhece-se se esta terá impacto quando se estuda a relação inversa, visto que Epstude e Förster (2011) não verificaram esta variável. Assim, ir-se-á controlar para a mesma trabalhando unicamente com os indivíduos solteiros. A investigação tem apontado que as pessoas que se encontram numa relação amorosa têm tendência a reportar menor atração por

alvos atraentes (e.g., Simpson, Gangestad, & Lerma, 1990; Rodrigues & Lopes, 2017; Rodrigues & Garcia-Marques, 2005). Este fenómeno deve-se ao facto de os indivíduos numa relação amorosa tenderem a comportar-se de forma a proteger a estabilidade da relação, na medida em que apresentam um comportamento de derrogação de alternativas (e.g. Johnson & Rusbult, 1989; Rodrigues, Lopes & Kumashiro, 2017). Ademais, os indivíduos quando entram numa relação tendencialmente passam a situar-se numa homossexualidade mais restritiva (e.g., Simpson, Wilson & Winterheld, 2004).

O estudo foca dois contextos relacionais; o *social* (de *dating*) e o *profissional*. O cenário que operacionaliza estes contextos será um *site* de *internet*. Esta escolha recai no facto da *internet* apresentar um papel de crescente importância nas relações interpessoais (Howard, Rainie & Jones, 2001; Ellison, Steinfield & Lampe, 2007; Oh, Ozkaya, & LaRose, 2014). Muitos indivíduos utilizam as redes sociais para formarem relações (Raacke & Bonds-Raacke, 2008; Finkel, Eastwick, Karney, Reis, & Sprecher, 2012). Neste sentido, e de forma a dar um carácter mais ecológico ao presente estudo, pretende-se situar os participantes numa circunstância próxima à que vivenciam em redes *dating*/profissionais (e.g. *Tinder*, *Linkdin*) e que sejam incentivados a expressar como se sentiriam se vissem determinado perfil numa destas redes.

Somente no contexto de *dating* se replicam os estudos de Förster e colaboradores, contando-se obter efeitos semelhantes. Espera-se igualmente que estes se repliquem no contexto profissional, apesar desta hipótese ter um carácter exploratório.

Método

Participantes e delineamento

Um total de 91 participantes voluntários solteiros (52 mulheres; $M_{idade_mulheres}=23.14$, $SD=4.53$; $M_{idade_homens}=22.15$, $SD=2.90$) foram distribuídos aleatoriamente pela condição experimental do delineamento contexto. No que respeita a estilo de processamento os participantes foram distribuídos em dois grupos em função das suas respostas. Por conseguinte, o estudo apresenta um delineamento 2 (contexto *dating* vs. contexto profissional) x 2 (processamento global vs. processamento local).

As habilitações literárias dos participantes dividem-se em ensino secundário (25.3%), licenciatura (60.9%) e mestrado (8%); sendo que de 5.7% não foi possível ter acesso à informação.

Dos participantes do sexo masculino, a maioria tem preferência por indivíduos do sexo oposto (63.6%), 15.2% relacionam-se principalmente com o sexo oposto, 9.1% tanto com um sexo como com outro, 6.1% principalmente com o mesmo sexo e os restantes com o mesmo sexo (6.1%). Relativamente aos participantes do sexo feminino, a maioria tem preferência sexual por indivíduos do sexo oposto (77.6%), outros têm preferência predominante pelo sexo oposto (16.3%) e os restantes interessam-se igualmente por ambos os sexos (6.1%).

Materiais e Instrumentos

Processamento. De forma a avaliar o tipo de processamento (global vs. local) utilizou-se uma adaptação da *Kimchi-Palmer-figures-task* (Kimchi & Palmer, 1982; Gasper & Clore, 2002). Esta tarefa inclui 24 estímulos, sendo cada um deles repetidos duas vezes, perfazendo um total de 48 ensaios. No presente estudo, procedeu-se a uma alteração à tarefa, i.e., mantiveram-se os 24 estímulos utilizados em investigações anteriores (Gasper & Clore, 2002; Gasper, 2004; Förster, 2010; Förster et al., 2009), mas criaram-se outros 24 estímulos baseados nos estudos de Kimchi e Palmer (1982; ver Anexo B), evitando efeito de repetições. Seguiu-se de perto as opções metodológicas de Förster (2010) no que diz respeito a medidas das figuras e número de ensaios. Cada ensaio envolve a apresentação de três figuras, uma figura alvo (na parte superior da folha) e outras duas na parte inferior da folha, lado a lado (Figura 1). Cada uma destas figuras (figura global) é constituída por pequenas figuras (figuras locais). Os primeiros 24 ensaios envolvem figuras compostas por quadrados e triângulos e nos 24 ensaios seguintes, quadrados e retângulos. As dimensões das figuras globais mantêm-se constantes (quadrados 4.3x4.3cm; triângulos 4.3x2.15cm; retângulos 2x8.9cm) e as figuras locais variam as suas dimensões (Ver Anexo C).

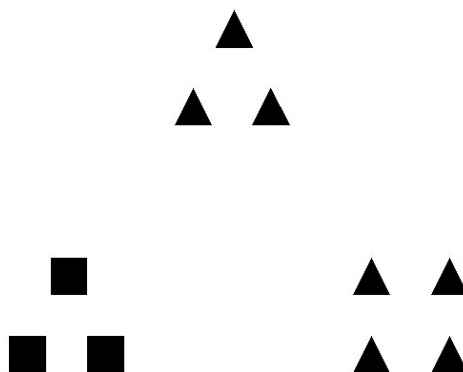


Figura 1. Exemplo de estímulo Kimchi-Palmer-figures-task (Kimchi & Palmer, 1982).

Perfil de alvo. A imagem de um homem e de uma mulher associada ao perfil de uma plataforma social e profissional foi selecionada por 4 juízes. Estas fotografias foram avaliadas na sua atratividade média, idade (jovens adultos), aparência de nacionalidade portuguesa e adequação geral da fotografia aos dois contextos (*dating*/social e profissional). Surgiram assim duas fotografias (homem ou mulher), com a apresentação do nome (João ou Joana), idade (22 anos), área de residência (Lisboa) e profissão (estudante).

O *Revised Sociosexual Orientation Inventory* (SOI-R) permitiu aceder à homossexualidade do participante. Este inventário foi desenvolvido por Penke e Asendorpf (2008) tendo apresentado boa fiabilidade para o *score* total ($\alpha_{homens} = .76$; $\alpha_{mulheres} = .75$) e para todas as suas dimensões ($\alpha_{comport_homens} = .85$, $\alpha_{comport_mulheres} = .84$; $\alpha_{atitudes_homens} = .87$, $\alpha_{atitudes_mulheres} = .83$; $\alpha_{desejo_homens} = .86$, $\alpha_{desejo_mulheres} = .85$). O SOI-R foi adaptado para a População Portuguesa por Rodrigues e Lopes (2016) tendo elevados níveis de consistência interna para a versão portuguesa ($\alpha_{global} = .84$, $\alpha_{comportamento} = .81$, $\alpha_{atitudes} = .82$, $\alpha_{desejo} = .85$). O inventário é composto por 9 itens divididos equitativamente por 3 dimensões, nomeadamente, acontecimentos passados, atitudes pessoais e desejo. A escala de resposta é de 7 pontos, variando os pontos de ancoragem consoante o item, i.e., acontecimentos passados (1= 0, 7= 10 ou mais), atitudes pessoais (1= discordo totalmente, 7= concordo totalmente), desejo (1= raramente, 7= frequentemente). Para aceder ao nível de homossexualidade, primeiramente inverteu-se o item 6 e de seguida somaram-se os valores de modo a perfazer uma média, o que resultou num único valor de homossexualidade por participante. Os valores mais altos indicam uma homossexualidade menos restritiva e valores mais baixos uma homossexualidade mais restritiva.

O estado de espírito dos participantes foi avaliado pelo conjunto de diferenciais semânticos estudados por Garcia-Marques (2004). A medida envolve a utilização de 6 diferenciais semânticos constituídos por pares de adjetivos (cansado-descansado, tenso-relaxado, aborrecido-alerta triste-contente, positivo-negativo e bem-mal) A partir da questão inicial “como se sente neste preciso momento?” os sujeitos posicionam-se numa escala de 9 pontos. Somente os diferenciais semânticos triste-contente, positivo-negativo e bem-mal medem o estado de espírito e melhor explicam como os sujeitos se sentem naquele momento. Depois de invertido o item triste-contente procedeu-se a uma média que resultou num valor global de estado de espírito. Quanto mais alto o valor, mais negativo é o estado de espírito. Os restantes diferenciais não avaliados (cansado-descansado, tenso-relaxado e aborrecido-alerta) permitem verificar a validade diferencial da medida (Garcia-Marques, 2004). A medida de

estado de espírito apresentou boa consistência interna ($\alpha = .84$) bem como a totalidade de todos os diferenciais semânticos ($\alpha = .83$).

Procedimento

As pessoas foram convidadas a participar no estudo através de redes sociais e *e-mail* com um endereço de acesso desenvolvido no *Qualtrics*. Os critérios de participação consistiam em ser atualmente estudante universitário bem como procurar responder ao questionário através de um computador e evitar outros dispositivos, para que a tarefa que acedia ao processamento fosse observada em dimensões semelhantes. Antes de acederem ao *link* os participantes foram informados dos critérios de participação e de que o estudo seria acerca da forma como percebemos objetos, pessoas e relações. Ao entrarem no *link* era informado que o estudo demoraria cerca de 15 minutos garantindo-se que os dados eram confidenciais e anónimos e seriam utilizados apenas para fins estatísticos. Por fim, havia a informação que ao avançar para a página seguinte confirmavam ter lido os termos descritos e que aceitavam participar.

Na página seguinte, foi solicitado aos participantes que indicassem a sua idade, se o seu interesse era maioritariamente por homens ou mulheres e se estavam presentemente numa relação amorosa. Estas questões foram requeridas no início do estudo para que fosse possível redirecionar os participantes para as diferentes condições.

De seguida, todos os participantes executaram uma tarefa de correspondência visual para avaliar o tipo de processamento (adaptação da *Kimchi-Palmer-figures-task*, 1982). Estes teriam de decidir o mais rapidamente possível qual de duas figuras apresentadas era mais semelhante a uma figura alvo. Indicou-se a relevância de darem a primeira resposta que lhes viesse à cabeça e que não existiam respostas certas nem erradas. Os participantes apenas poderiam selecionar uma figura. Ao fim de 2 segundos, caso não escolhessem nenhuma, apareceria uma mensagem a pedir-lhes que seleccionassem uma opção. A tarefa, constituída por 48 estímulos, foi dividida em dois blocos, sendo que a meio da mesma estava presente um ecrã de pausa para que esta não se tornasse exaustiva. Além disso, como a segunda parte da tarefa foi criada para o presente estudo permite analisar ambas as tarefas separadamente; para cada um destes dois blocos as imagens foram apresentadas aleatoriamente.

Posteriormente, aparecia uma imagem de um perfil alegando-se que se estava a traduzir uma nova plataforma de inglês para português. Pediu-se que olhassem para a imagem apresentada e informou-se que de seguida se faria algumas questões. A imagem seria de um homem ou mulher, dependendo do interesse que os participantes expusessem no momento

inicial do estudo. Tendo em conta a idade e profissão da pessoa alvo, um dos critérios necessários para a participação no estudo foi de ser estudante universitário (efeito da similaridade). A metade dos participantes comunicou-se que esta nova plataforma era de *Social Networking* e aos restantes de *Professional Networking*.

No ecrã seguinte, a partir da questão “se encontrasse este perfil nesta plataforma o que sentiria por esta pessoa?” foi requerido aos participantes que respondessem a cinco questões que indicavam os sentimentos ativados por aquele alvo. Mais concretamente: (1) gostaria, (2) gostaria de trabalhar (3) gostaria de ser amigo, (4) gostaria de ter sexo casual, (5) gostaria de ter uma relação de amor.¹ Os sentimentos foram apresentados de modo a darem a indicação de um gradual aumento de intimidade. A escala de resposta foi de Nada (1) a Muito (7).

Logo após estas perguntas foi aplicada uma escala de Sociossexualidade (Rodrigues & Lopes, 2016) e de estado de espírito (Garcia-Marques, 2004).

Por fim os participantes responderam a questões sociodemográficas, nomeadamente, sexo, orientação sexual (numa perspetiva de fluidez sexual, em que 1 representa total heterossexualidade e 5 total homossexualidade), área de residência, profissão, habilitações literárias. Para terminar, havia uma questão para confirmar se os participantes tinham respondido num computador, seguida de um breve agradecimento e de uma caixa de texto para fazer sugestões e, caso desejassem obter mais informação, poderiam deixar um *e-mail*.

Resultados

Crítérios de inclusão/exclusão de dados para análise

Nem todos os participantes foram incluídos nas análises dos dados (ver anexo D). Por exemplo, esperava-se que a duração de participação se encontrasse entre 5 e 20 minutos máximo. No entanto, alguns participantes demoraram mais de uma hora a preenchê-lo. Procedeu-se assim a uma análise prévia de dados com vista a compreender se o tempo de resposta poderia moderar os dados obtidos. Apesar de tal não parecer influenciar os presentes dados, decidiu-se excluir os participantes que tivessem demorado mais de 67.35 minutos ($M=10.53$; $SD=9.26$).

Com vista a homogeneizar as características etárias da amostra, excluíram-se os participantes com idade superior a 50 anos. Por se verificar uma homogénea distribuição dos

¹ Foram igualmente explorados os efeitos de processamento no sentimento de gostar geral e no desejo de trabalhar, no entanto, não houve efeitos relevantes e por isso não serão abordados no presente trabalho.

participantes por diferentes níveis de habilitações literárias, e já que este fator não teve qualquer tipo de efeito sobre os dados, foram mantidos todos os seus níveis nas análises.

Apesar do objetivo inicial ser o de apenas utilizar os participantes que tivessem respondido ao questionário através do computador, o equipamento em que os participantes responderam ao estudo, nomeadamente computador ($N=57$), *tablet* ($N=3$) e telemóvel ($N=21$) não afetou nenhuma das variáveis em estudo, designadamente o processamento ($F<1$), homossexualidade ($F<1$), nem os sentimentos ativados ($F<1$), por isso foram mantidos na análise.

Após a aplicação destes critérios de inclusão e exclusão, as análises foram realizadas com 87 sujeitos, dos quais, apenas 81 responderam à totalidade do estudo. O critério de manter estes últimos participantes foi o de se ter acesso às principais variáveis em estudo de cada participante (processamento, contexto e sentimentos ativados pelo alvo). Tal facto leva a que o número de participantes em cada análise possa variar.

Computação das variáveis em análise

Estudo das características métricas da escala da Homossexualidade

Com o objetivo de estudar a validade fatorial da escala de homossexualidade na amostra de 86 participantes (ainda sem as exclusões citadas acima) foi realizada uma análise fatorial confirmatória com o software *AMOS* (v.25 *SPSS*, An IBM Company, Chicago, IL). O modelo de 3 fatores, apresentou um ajustamento muito bom, tendo em conta os seguintes índices: $X^2/df = .85$; $CFI = 1$; $GFI = .95$; $RMSEA = .00$; $P[rmsea \leq 0.05] = .86$; $MECVI = .80$. O total de variância explicada para os 3 fatores foi de 75.72% (ver Anexo E).

A medida demonstrou igualmente bons níveis de fiabilidade para a totalidade da escala $\alpha = .92$ e para cada fator isoladamente; $\alpha = .92$ para ‘Acontecimentos Passados’, $\alpha = .74$ para ‘Atitudes Pessoais’, $\alpha = .79$ para ‘Desejo’.

Criação de um índice de Processamento Global/Local

Com vista a ter uma medida geral de tipo de processamento procedeu-se a uma codificação das escolhas globais e locais dos 48 estímulos, atribuindo-se uma cotação de 1 ponto para as escolhas globais e 0 pontos para as locais. Executou-se um somatório das respostas dos participantes nos diferentes ensaios da tarefa e em cada uma das tarefas. Correlacionaram-se as duas partes da tarefa de medição de processamento e esta foi

significativa ($r=.55$; $p<.001$). Pelo facto de os índices individuais obtidos nas duas tarefas se encontrarem correlacionadas optou-se por calcular um índice geral.

Com vista a contrastar os participantes que se definam como globalistas vs. localistas, dicotomizou-se o índice obtido dividindo em dois grupos; os que forneceram mais respostas locais – participantes com *scores* entre 0 e 23 – foram considerados locais (0) e os que forneceram mais respostas globais – participantes com *scores* entre 25 e 48 – foram considerados globais (1). Um participante seleccionou tantas imagens locais como globais e, como tal, foi excluído da análise. Os participantes fizeram mais escolhas globais que locais ($M=30.13$; $SD=13.00$), sendo que 52 participantes se encontraram no grupo global e 34 no grupo local.

Caracterização dos participantes relativamente às variáveis em estudo

Os homens ($M=29.00$; $SD=12.89$) e as mulheres ($M=31.71$; $SD= 13.17$) não diferiram significativamente ao nível do modo de processar informação ($t<1$) (ANEXO F).

De forma genérica, os participantes, apresentaram um estado de espírito médio com tendência para negativo ($M=4.13$; $SD= 1.79$) e, no contínuo da homossexualidade, são mais restritivos ($M=3.37$; $SD=1.24$).

No que respeita às médias dos sentimentos ativados relativamente ao desejo sexual ($M= 3.64$; $SD=1.90$) e ao amor ($M= 3.39$; $SD=1.86$) os valores foram inferiores ao ponto médio da escala; tendo os participantes referido preferir ter uma relação de amizade com o alvo ($M= 4.16$; $SD=1.41$).

Estudo da relação entre processamento e sentimentos

Com objetivo de verificar se os dados replicam os efeitos observados por Epstude e Förster (2011), estimou-se a correlação entre processamento e sentimentos ativados em ambos os contextos e para cada contexto em particular. Como definido na Tabela 1 estes dados não apresentam os efeitos esperados. Quer em termos gerais quer em cada condição específica os dados não têm o padrão previsto em anteriores investigações. No entanto, estes dados sugerem que o contexto pode fazer diferença. Se no amor se encontrou uma relação positiva esperada marginalmente significativa, tal só acontece para o contexto social. Se algum efeito existisse no contexto profissional seria no sentido inverso.

Tabela 1

Correlações entre processamento para as variáveis dependentes amor, sexo, amizade para o geral dos participantes e para cada um dos contextos

Correlação com Tipo de Processamento	D. sexual	Amor	Amizade
Geral	-.06 ($p=.56$)	.03 ($p=.81$)	.04 ($p=.68$)
Social	.12 ($p=.43$)	.28 ($p=.06$)	.15 ($p=.31$)
Profissional	-.21 ($p=.20$)	-.22 ($p=.16$)	-.06 ($p=.71$)

Para compreender estes efeitos ou a sua ausência, analisou-se a relação que as variáveis em estudo estabelecem umas com as outras. Para o efeito, realizámos um estudo correlacional que teve em conta as características individuais dos participantes, a sua homossexualidade e estado de espírito. A Tabela 2 sistematiza a relação entre estas variáveis e outras variáveis em estudo, principalmente o nível de processamento.

Tabela 2

Correlações e p-value entre processamento, variáveis dependentes (desejo sexual, amor e amizade) e variáveis de controlo (estado de espírito, homossexualidade) para o geral dos participantes e para cada um dos contextos

	Sociossexualidade	E. Espírito	D. Sexual	Amor	Amizade
Proces G	-.28* ($p=.01$)	-.22* ($p=.05$)	-.06 ($p=.56$)	.03 ($p=.81$)	.04 ($p=.68$)
Social	-.17 ($p=.27$)	-.21 ($p=.18$)	.12 ($p=.43$)	.28 ($p=.06$)	.15 ($p=.31$)
Profis	-.42* ($p=.01$)	-.23 ($p=.16$)	-.21 ($p=.20$)	-.22 ($p=.16$)	.06 ($p=.71$)
Sociossex		.23* ($p=.04$)	.25* ($p=.03$)	.06 ($p=.58$)	-.00 ($p=.98$)
Social		.27 ($p=.07$)	.22 ($p=.14$)	.02 ($p=.92$)	-.12 ($p=.45$)
Profis		.17 ($p=.30$)	.32* ($p=.05$)	.14 ($p=.40$)	.17 ($p=.30$)
E. Espírito			.11 ($p=.35$)	.03 ($p=.78$)	-.04 ($p=.72$)
Social			.21 ($p=.18$)	.12 ($p=.40$)	.04 ($p=.80$)
Profis			-.03 ($p=.88$)	-.12 ($p=.46$)	-.20 ($p=.23$)
D. Sexual				.75** ($p<.001$)	.52** ($p<.001$)
Social				.69** ($p<.001$)	.38* ($p=.01$)
Profis				.79** ($p<.001$)	.61** ($p<.001$)
Amor					.63** ($p<.001$)
Social					.51** ($p<.001$)
Profis					.72** ($p<.001$)

Nota. *O valor é significativo para $p<.05$ e ** O valor é significativo para $p<.001$

Esta análise correlacional sugere que em termos gerais e independentemente do contexto, as respostas às três dimensões, desejo sexual, amor e amizade, estão positivamente correlacionadas, não admirando que a relação positiva encontrada com o processamento no contexto social e negativa no contexto profissional seja geral para todas as dimensões (exceto para a amizade), mas apenas significativa para o amor no contexto social. Da análise retira-se ainda que a variável processamento não é independente do estado de espírito e da homossexualidade do participante, sendo a relação com a homossexualidade claramente identificada no contexto profissional. O estado de espírito e homossexualidade estabelecem uma relação positiva, sugerindo que uma homossexualidade não restritiva está associada a um estado de espírito negativo ($r=.23$; $p=.04$). Também o nível de processamento demonstrou estar negativamente correlacionado com as duas variáveis (sendo a relação mais clara ao nível do contexto de trabalho). No referente ao estado de espírito ($r= -.22$; $p=.05$), em termos globais, os participantes que processaram mais globalmente estão mais felizes e os que processaram mais localmente têm um estado de espírito mais negativo; no que concerne à homossexualidade ($r= -.28$; $p=.01$) indica que os participantes com maiores níveis de globalidade têm níveis de homossexualidade mais restritiva (sendo esta relação mais clara ao nível do contexto profissional).

Apenas a homossexualidade estabelece uma relação com uma das três variáveis relacionais, nomeadamente o desejo sexual ($r=.25$; $p=.03$) sendo esta mais nítida no contexto profissional.

Com o objetivo de perceber como a homossexualidade pode estar a interferir com o efeito previsto de processamento, testou-se se o efeito poderia ocorrer para alguns dos níveis de homossexualidade. Isto é, verificou-se se a homossexualidade modera o efeito em estudo (Figura 2).



Figura 2. Modelo de Moderação.

Para estudar o possível papel moderador da variável homossexualidade, nos efeitos de processamento sobre o desejo sexual, centraram-se as variáveis e criou-se uma variável a representar a interação entre processamento e homossexualidade. O modelo de regressão com este componente de moderação explica 4% do desejo de ter sexo com o alvo ($F(2,78) = 2.15$; $p=.10$; $R_a^2=.04$). Contudo, tal não se deve ao efeito de interação, que não é significativo ($\beta = -.12$; $t(78) = -1.10$; $p=.27$). O modelo sugere que os níveis de homossexualidade dos participantes não interferiram com a deteção dos efeitos esperados de processamento. Os resultados demonstram que não existe um efeito do processamento no desejo ($\beta = 0.02$; $t(78) = -0.14$; $p=.89$) e apenas o efeito de homossexualidade ($\beta = .24$; $t(78) = 2.11$; $p=.04$) previamente identificado (Ver Anexo G).

O papel do género

Dado que o estudo de Epstude e Förster (2011) trabalhou apenas com participantes do sexo feminino, explorou-se os efeitos obtidos separadamente para homens e mulheres.

Em primeiro lugar analisámos a influência de processamento e homossexualidade em ambos os géneros e contextos nas 3 variáveis dependentes (ver Anexo H). Apenas se destaca a dimensão desejo sexual, sendo que a relação direta e geral entre desejo sexual e homossexualidade é apenas clara para os homens ($r = .44$; $p=.01$) parecendo ser inexistente para mulheres ($r=.02$; $p=.91$). Por seu lado, os efeitos de processamento sobre o desejo sexual não são claros para os homens ($r = -.19$; $p = .29$), dando indicação que quando maior a globalidade de processamento menor o desejo sexual; e para as mulheres apenas se verifica em contexto social ($r = .41$; $p = .04$) onde a relação é positiva, indicando que quanto mais global o processamento maior o desejo sexual, tendendo a ser negativa no contexto profissional ($r = -.30$; $p = .17$).

Abordou-se então se a homossexualidade poderia interferir com os efeitos de processamento sobre o desejo sexual², em cada um dos géneros.

Corroborando a relação definida acima, em termos globais, o modelo é apenas significativo para os homens ($F(3,29) = 4.50$; $p=.01$; $R_a^2=.25$) e não para as mulheres ($F(3,45) = 0.11$; $p=.95$; $R_a^2=.06$; ver Anexo I). Assim, para os homens, como indicado na Tabela 3, a regressão linear múltipla apesar de sugerir que não existe efeito de processamento ($\beta = .04$; $t(29) = 0.23$; $p=.82$) permitiu identificar não só que a variável homossexualidade é

² Testou-se o mesmo modelo para a variável dependente amor não tendo este modelo resultados relevantes (Ver Anexo J).

preditora de desejo sexual ($\beta = 0.35$; $t(29) = 2.10$; $p = .05$) como a existência de um efeito de interação ($\beta = -.37$; $t(29) = -2.24$; $p = .03$); possivelmente sugerido que o processamento global atenua o efeito da homossexualidade no desejo sexual.

Tabela 3

Tabela de Regressões do gênero masculino para desejo sexual

<i>Variáveis Predictoras</i>	<i>Não-Padronizados</i>	β	<i>t</i>	<i>p-value</i>
Constante	4.10		14.26	
Processamento centrado	0.01	.04	0.23	.82
Homossexualidade centrado	0.53	.35	2.10	.05
Interação (Processamento *Homossexualidade)	-0.04	-.37	-2.24	.03

Para as mulheres estudou-se o mesmo modelo em exclusivo para a condição de contexto social onde o processamento evidencia ter uma relação positiva, e o modelo não é estatisticamente significativo ($F(3,22) = 1.56$; $p = .23$; $R_a^2 = .06$) nem existe efeito de interação, revelando-se apenas um efeito do processamento ($\beta = .43$; $t(22) = 2.26$; $p = .04$), já demonstrado, indicando que um processamento mais global reflete-se em maior desejo sexual (Tabela 4).

Tabela 4

Tabela de Regressões do gênero feminino e contexto social para desejo sexual

<i>Variáveis Predictoras</i>	<i>Não-Padronizados</i>	β	<i>t</i>	<i>p-value</i>
Constante	2.53		8.57	.00
Processamento centrado	0.05	.427	2.16	.04
Homossexualidade centrado	0.07	.063	0.32	.75
Interação (Processamento *Homossexualidade)	0.00	.003	0.01	.99

Em suma, o conjunto de análises apresentadas indicam que o impacto do nível de processamento não é o esperado. O efeito é apenas identificado relativamente ao desejo sexual e não ao amor e está dependente de variáveis de contexto (social vs. profissional), e da homossexualidade dos participantes. Para os homens é mais independente do contexto do que para as mulheres. A relação do processamento sobre o desejo sexual para os homens parece

ser dependente do nível de homossexualidade, sugerindo os dados que um processamento global atenua a relação entre homossexualidade e desejo e que um processamento local a acentua. Para as mulheres os efeitos de processamento no desejo sexual só ocorrem de forma clara – mas contrária ao esperado – no contexto social, podendo chegar a inverter-se no contexto profissional.

Estes dados apontam, porém, duas questões adicionais. A primeira refere a natureza contínua do nível de processamento usado nestas análises. A análise correlacional pode estar a captar uma variabilidade que introduz erro na classificação dos indivíduos. Como esta variável pode ser considerada dicotômica, abaixo, compararam-se os dois grupos (globalistas vs. localistas, previamente definidos) nas respostas dadas às três variáveis dependentes. A segunda questão é compreender quais das dimensões (comportamentos, atitudes, desejo) da homossexualidade são relevantes nestas relações, nomeadamente no processamento e nas variáveis dependentes. Note-se que apenas houve um efeito da homossexualidade para o desejo sexual, mesmo assim, novas análises para todas as variáveis dependentes serão executadas, já que estes efeitos poderão ocorrer apenas nalgumas dimensões da homossexualidade.

Tipos de processamento

A dicotomização da variável processamento resultou em grupos de dimensão desigual. O grupo de localistas é o grupo com número de participantes mais reduzido ($N_{social}=17$; $N_{profissional}=14$) comparando com o grupo de globalistas ($N_{social}=27$; $N_{profissional}=23$). Tal facto influencia a potência dos testes realizados.

Sabendo-se de antemão o papel da homossexualidade, estado de espírito e comportamento sexual (que se correlacionou com a homossexualidade $r=.35$; $p<.001$) controlou-se estas variáveis introduzindo-as como co-variáveis na análise. Conhecendo os efeitos esperados de género e contexto estas variáveis foram incluídas como fatores na análise, conjuntamente com a variável de interesse: o processamento. A estratégia de análise seguida foi a de incluir todas as variáveis na análise realizando primeiramente uma MANCOVA. Para uma leitura mais completa de dados prosseguiu-se com análises multivariadas e univariadas (ver anexo K) permitindo compreender o padrão dos dados identificados. Contrastes planeados sustentam a nossa interpretação dos dados.

A MANCOVA realizada introduziu como fatores três variáveis; tipo de processamento, contexto analisado e género do participante. Como variáveis dependentes desejo sexual, amor e amizade. Como co-variáveis homossexualidade, estado de espírito e

comportamento sexual. Os dados sugerem que o tipo de processamento não se diferencia nas variáveis dependentes ($F < 1$) mas que os seus efeitos são moderados pelas outras variáveis, como abaixo se detalha. Ambas as variáveis contexto ($F(3,68) = 5.83$; $p < .001$; $\eta^2 = .21$) e género ($F(3,68) = 4.68$; $p < .01$; $\eta^2 = .17$) (ver Anexo K1), têm efeitos principais que são detalhados nas análises univariadas.

As análises univariadas sugerem que o efeito de contexto é geral, tendo impacto nos sentimentos desejo sexual ($F(1,63) = 13.19$; $p < .001$; $\eta^2 = .16$), amor ($F(1,63) = 9.37$; $p < .001$; $\eta^2 = .12$) e amizade ($F(1,63) = 12.75$; $p < .001$; $\eta^2 = .15$). No contexto profissional os participantes reportam mais sentimentos ativados pelo alvo (ver Tabela 5).

Tabela 5

Média e desvio padrão dos sentimentos ativados para ambos os contextos separadamente

	<i>M_{Social}</i> (N=44)	<i>SD</i>	<i>M_{Profissional}</i> (N=37)	<i>SD</i>
Desejo Sexual	3.20	1.64	4.32	1.96
Amor	3.00	1.82	3.97	1.79
Amizade	3.80	1.44	4.54	1.26

As análises univariadas do efeito principal do género permitem perceber que o fator género tem igualmente um efeito individual sobre todas as variáveis dependentes. Existe uma prevalência do sexo masculino (Tabela 6) no que se refere à vontade de ter sexo, amor e amizade com o alvo ($F_{desejo}(1,63) = 12.71$, $p < .001$, $\eta^2 = .15$; $F_{amor}(1,63) = 4.34$; $p = .04$, $\eta^2 = .06$; $F_{amizade}(1) = 5.61$; $p = .02$, $\eta^2 = .07$).

Tabela 6

Média e desvio padrão dos sentimentos ativados para ambos os géneros separadamente

	<i>M_{Masculino}</i> N=33	<i>SD</i>	<i>M_{Feminino}</i> N=48	<i>SD</i>
Sexo	4.48	1.77	3.19	1.76
Amor	3.85	1.81	3.17	1.86
Amizade	4.36	1.88	3.98	1.15

Tal como era expetável, dado as análises anteriores, o efeito do processamento é dependente do género e do contexto. A interação entre processamento e contexto ($F(3,68) = 3.05$; $p = .03$; $\eta^2 = .12$) indica que as diferenças são dependentes do alvo ter sido pensado em

contexto social ou profissional. Mais, estas análises univariadas permitem perceber que esta interação ocorre para todos os sentimentos ativados: sexo ($F(3,68)= 4.50$; $p=.04$; $\eta^2=.06$), amor ($F(3,68)= 6.55$; $p=.01$; $\eta^2=.09$) e amizade ($F(3,68)= 7.84$; $p=.01$; $\eta^2=.10$). Porém, o padrão destes dados é contrário ao esperado teoricamente. Todos os sentimentos são ativados simultaneamente em maior ou menor grau, apenas diferindo o padrão inter-contexto.

No contexto social verificámos que os participantes localistas obtiveram em todos os sentimentos ativados médias mais baixas do que os globalistas. Apurou-se também que no contexto profissional, invertendo-se o padrão inter-contexto, os participantes localistas obtiveram médias mais altas para todos os sentimentos ativados que os participantes globalistas (ver Tabela 7).

Tabela 7

Média e desvio padrão dos sentimentos ativados para processamento e contexto

	Global				Local			
	M_{Social} N=27	SD	$M_{Profissional}$ N=23	SD	M_{Social} N=17	SD	$M_{Profissional}$ N=14	SD
D. Sexual	3.34	1.45	3.87	1.91	2.82	1.88	5.07	1.86
Amor	3.37	1.88	3.52	1.70	2.41	1.58	4.71	1.73
Amizade	4.04	1.40	4.22	1.13	3.41	1.46	5.07	1.33

Análises parcelares destes efeitos através de contrastes planeados, corroboram estas afirmações. Assim, para o contexto social em todos os sentimentos ativados apenas existem diferenças significativas entre contexto social e profissional no processamento local ($t_{desejo}(1,81)=12.58$; $p<.001$; $t_{amor}(1,81)= 13.19$; $p<.001$; $t_{amizade}(1,81)=12.41$; $p<.001$); sendo que os participantes mais globalistas não diferem entre contextos ($t_{desejo}(1,81)=1.59$; $p=.21$; $t_{amor}<1$; $t_{amizade}<1$). Além disso, é de destacar que apenas no contexto profissional se verificou um impacto do processamento ($t_{desejo}(1,81)=4.13$; $p=.05$; $t_{amor}(1,81)=4.15$ $p=.05$; $t_{amizade}(1,81)=4.00$ $p=.05$), não tendo este sido observado no contexto social ($t_{desejo}<1$; $t_{amor}(1,81)=2.20$; $p=.14$; $t_{amizade}(1,81)=2.44$ $p=.12$). Como é visível nos gráficos (Figura 3, 4, 5), verifica-se que as médias dos participantes localistas são as mais elevadas para a luxúria ($M=5.07$; $SD=1.86$), amor ($M=4.71$; $SD=1.73$) e amizade ($M=5.07$; $SD=1.33$), no contexto profissional.

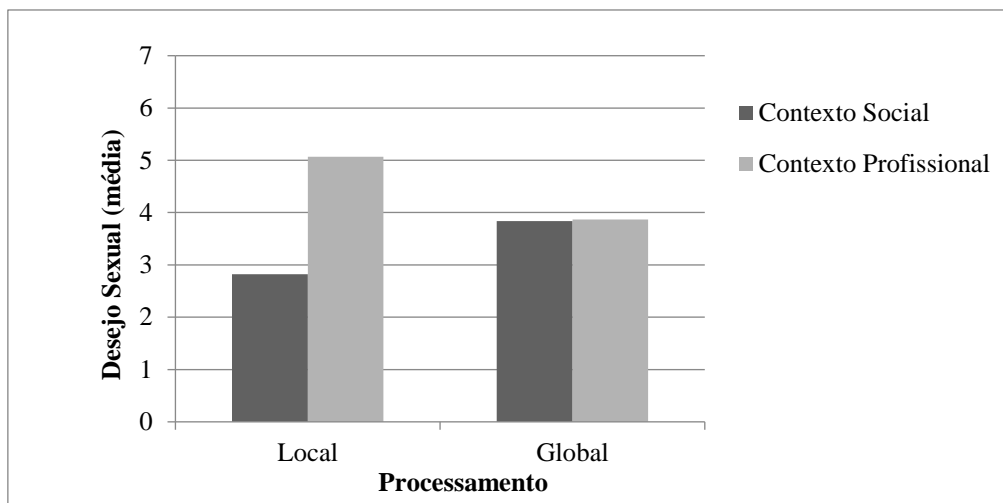


Figura 3. Efeitos da interação do processamento e contexto na variável dependente desejo sexual.

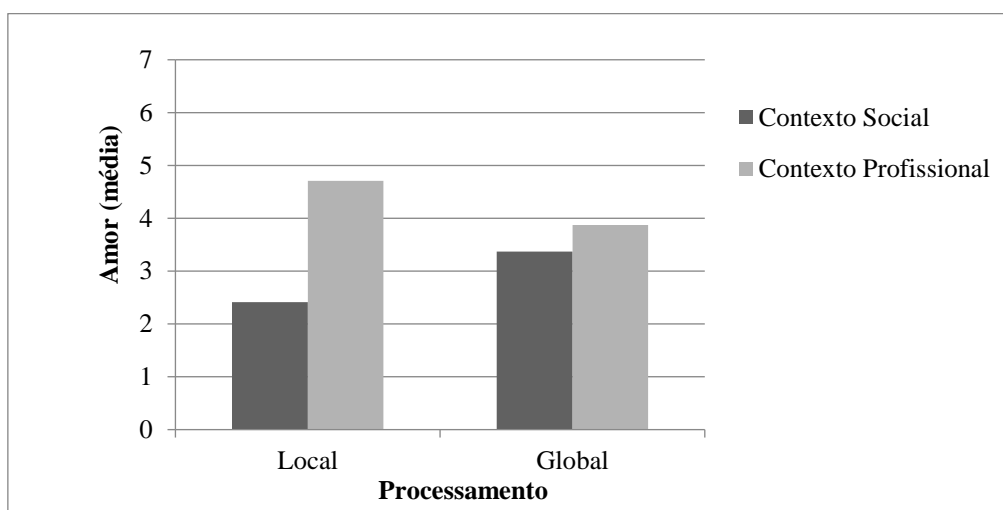


Figura 4. Efeitos da interação do processamento e contexto na variável dependente amor.

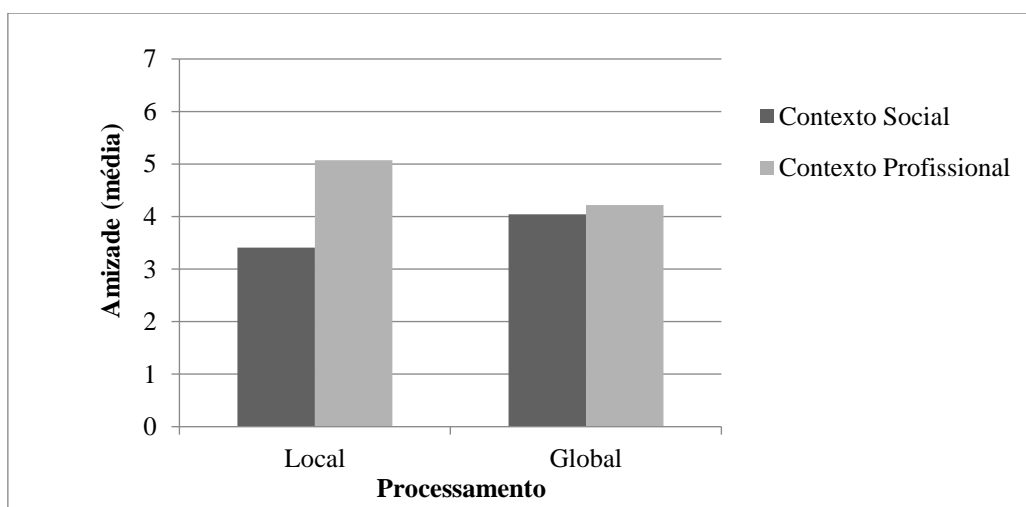


Figura 5. Efeitos da interação do processamento e contexto na variável dependente amizade.

A interação de terceira ordem – processamento, contexto e género – não sendo fiável ($F(3,68) = 2.22$; $p = .09$; $\eta^2 = .09$) sugere que, como verificado anteriormente nas análises correlacionais, a variável género pode estar a interferir com todos estes efeitos. No entanto, a mesma interação não é visível para nenhuma variável dependente isoladamente (desejo sexual $F(3,68) = 1.12$; $p = .29$; $\eta^2 = .02$; amor $F < 1$; e amizade $F(3,68) = 2.76$; $p = .10$; $\eta^2 = .04$) (ver Anexo L para contrastes planeados).

Dimensões da Sociossexualidade e sentimentos pelo alvo

Sendo a variável sociossexualidade multidimensional, subsiste a possibilidade de existirem efeitos específicos de cada dimensão nas variáveis processamento e desejo sexual. Para melhor se compreender esta relação, através de regressões lineares, apuraram-se os efeitos das três dimensões da sociossexualidade relativamente aos sentimentos ativados (desejo sexual, amor, amizade) e ao processamento (Ver Anexo M).

Para a variável dependente desejo sexual o modelo é estatisticamente significativo explicando 18% da variância do desejo de ter sexo casual ($F(3,78) = 6.91$; $p < .001$; $R_a^2 = .25$), aliás como já tinha sido indicado. Como se observa na Tabela 8, o desejo tem o papel mais determinante no desejo sexual, demonstrando que quanto maior é o desejo ao nível da sociossexualidade maior é o desejo de ter uma relação de cariz sexual com o alvo ($\beta = .35$; $t(78) = 2.98$; $p < .001$), ao nível das atitudes o padrão é semelhante mas o seu impacto é apenas marginalmente significativo ($\beta = .25$; $t(78) = 1.85$; $p = .07$). Surpreendentemente, os acontecimentos passados têm um impacto estatisticamente significativo, mas este é no sentimento inverso ($\beta = -.31$; $t(78) = -2.56$; $p = .01$), indicando que quanto mais comportamentos restritivos tiveram no seu passado maior é o desejo de terem uma relação sexual com o alvo.

Tabela 8

Tabela de Regressões das dimensões de sociossexualidade para desejo sexual

<i>Variáveis Predictoras</i>	β	t	p-value
<i>Acontecimentos_passados</i>	-.31	-2.56	.01
<i>Atitudes</i>	.25	1.85	.07
<i>Desejo</i>	.35	2.98	.00

As mesmas análises foram executadas para as variáveis dependentes amizade e amor. Para a variável dependente amizade o modelo não é estatisticamente significativo ($F(3,78) = 1.34$; $p = .27$; $R_a^2 = .01$). Para o amor o modelo é estatisticamente significativo explicando 8%

da variância da variável amor ($F(3,78) = 3.27$; $p=.03$; $R_a^2=.08$). Como é observado na Tabela 9 e, ao contrário do que seria expectável (num padrão semelhante ao desejo sexual), o modelo indica que quando maior é o desejo (dimensão da homossexualidade) maior é o desejo de ter uma relação de cariz amoroso com o alvo ($\beta = .34$; $t(78) = 2.70$; $p=.01$), o efeito das outras dimensões não é estatisticamente significativo mas aponta no sentido inverso, i.e., quando mais atitudes e comportamentos restritivos maior é o desejo de ter uma relação amorosa com o alvo.

Tabela 9

Tabela de Regressões das dimensões de homossexualidade para amor

<i>Variáveis Predictoras</i>	β	t	p-value
<i>Acontecimentos_passados</i>	-.23	-1.79	.08
<i>Atitudes</i>	-.03	-0.19	.85
<i>Desejo</i>	.34	2.70	.01

Na procura de compreender quais as dimensões da homossexualidade que têm um maior impacto no processamento global verificou-se que o modelo é estatisticamente significativo ($F(3,78) = 3.64$; $p=.02$; $R_a^2=.09$). A partir da Tabela 10 é visível que apenas a dimensão desejo da homossexualidade se relaciona significativamente com o processamento, indicando que quanto mais desejo de entrar em relações casuais menos globalistas são os participantes ($\beta = -.34$; $t(29) = -2.76$; $p=.01$).

Tabela 10

Tabela de Regressões das dimensões de homossexualidade para Processamento

<i>Variáveis Predictoras</i>	β	T	p-value
<i>Acontecimentos_passados</i>	-.10	-0.80	.42
<i>Atitudes</i>	.08	0.55	.59
<i>Desejo</i>	-.34	-2.76	.01

Conclui-se que apenas a dimensão do desejo se encontra sistematicamente relacionada com as principais variáveis em estudo: processamento, desejo sexual e amor.

Discussão

O presente estudo tinha como objetivo compreender se o processamento global vs. local influenciava os sentimentos ativados que os indivíduos experienciavam numa situação de atração inicial, mais especificamente se ativariam sentimentos de amor, desejo sexual (ou luxúria) e amizade. Para alcançar os objetivos utilizou-se uma tarefa perceptiva – através de uma adaptação *Kimchi Palmer Task* (Kimchi & Palmer, 1982) – ao invés de conceptual, como tinha sido realizado anteriormente (Förster & Epstude, 2011). Deste modo, procurou-se replicar os efeitos de Epstude e Förster (2011) em relação ao *self*. Era esperado que um processamento mais global levasse a mais sentimentos de amor por um alvo e a menos sentimentos de desejo sexual, e um processamento local levasse a maior desejo sexual e menos sentimentos de amor. Os presentes resultados não vão ao encontro do hipotetizado. Mesmo criando dois grupos artificialmente – os globalistas e os localistas – a hipótese não é confirmada.

Um outro objetivo deste estudo prendia-se com o generalizar da relação entre processamento e sentimentos ativados a outros contextos, para isso, fez-se a primação de dois contextos: *dating* (operacionalizado como social) e profissional. Seria expectável, tendo em conta os estudos de Förster e colaboradores (Förster, et al., 2009; Förster et al., 2010; Förster, 2010; Epstude & Förster, 2011), que esta relação existisse para um contexto de *dating*; tal não sucedeu nos nossos dados. No entanto, os resultados indicaram que o contexto poderá fazer a diferença nesta relação, destacando-se que foi no contexto profissional que as pessoas revelaram mais sentimentos (amor, desejo sexual, amizade) em relação ao alvo. Os nossos resultados sugeriram que o contexto poderá ter um papel importante já que este interage com o processamento. Adicionalmente, os presentes dados indicaram que o género e a homossexualidade têm um papel relevante nesta relação.

No entanto, ao contrário do que se esperava, todos os sentimentos ativados tiveram o mesmo padrão, ou seja, os indivíduos que participaram no presente estudo percebem amor, desejo sexual e amizade como sentimentos intimamente interligados, não parecendo que diferentes formas de processar ao nível perceptivo levem a diferentes sentimentos.

Sentimentos ativados

Tal como destacámos, seria expectável que um nível de processamento levasse a diferentes sentimentos ativados. Esta ideia surge da investigação que destaca o amor e desejo sexual como processos distintos (e.g., Gonzaga, Turner, Keltner, Campos & Altemus, 2006),

tendo diferentes motivações associadas (Jonason, 2013), questão esta que tem sido corroborada pelas neurociências (Acevedo, Aron, Fisher & Brown, 2011; Fisher, Aron & Brown, 2005). À luz destas perspectivas considerámos que diferentes modos de processar informação perceptiva ativariam ou amor ou luxúria. No entanto, existem outras abordagens relativamente à ligação/dissociação do amor e do desejo sexual. Mais especificamente, outros autores defenderam uma indissociável ligação entre esses mesmos sentimentos (Berscheid & Walster, 1978; Hazan & Shaver, 1987), em que o desejo sexual pode ser conceptualizado na ausência de amor, mas o amor tem uma componente necessária de desejo sexual (Regan & Berscheid, 1999; Regan, Kocan & Whitlock, 1998).

Sabemos que esta ligação ou dissociação entre amor e sexualidade poderá variar culturalmente, com características individuais e consoante o género. Förster et al. (2010), que encontraram esta dissociação, alertam para o facto de a sua amostra fazer uma clara distinção entre amor e desejo sexual, mas que esta dissociação pode não ser generalizável para outros contextos culturais. Designadamente, as culturas orientais, em comparação com as ocidentais, são menos direcionadas para uma tipologia de amor ligada à sexualidade, é sim mais dominante um amor mais pragmático e baseado na amizade que, por outro lado, pode ser visto como menos romântico aos olhos ocidentais (ver Lee 1977; para revisão ver Dion & Dion, 1988; Hatfield & Rapson, 2006). Além disso, o amor tem significados diferentes para diferentes pessoas (Fehr, 2013) e poderá incluir uma noção mais dominante de desejo sexual (Regan, et al., 1998) ou de compromisso (Fehr, 1988; Fehr & Russel, 1991). Note-se também que a maioria da nossa amostra é do sexo feminino. Sabemos que as mulheres fazem uma menor distinção entre estes sentimentos do que os homens (Regan & Berscheid, 1996; Regan, & Dreyer, 1999). Pelo menos para os participantes deste estudo – portugueses – desejo sexual vs. amor vs. amizade são vistos de forma semelhante.

No presente estudo, os sentimentos ativados foram colocados numa gradação de intimidade – que inclusive poderá ser questionada. Existe, contudo, a possibilidade do modo dos participantes revelarem os sentimentos ter contribuído para os presentes resultados, na medida em que estes poderão ter inferido esse mesmo padrão e interpretarem os sentimentos como parte de um só construto. Consequentemente, poderão ter procurado ser consistentes nas suas respostas se considerarmos que os seres humanos valorizam a consistência (Smith, Mackie & Claypool, 1999) e, por isso, ao responderem à primeira questão poderão ter procurado responder de modo semelhante a todas as questões seguintes. Esta hipótese reenvia-nos igualmente para o efeito de Halo (Thorndike, 1920), ou seja, os participantes poderão ter avaliado o alvo de forma geral tendo a sua primeira resposta influenciado as

restantes, levando a correlações inflacionadas entre os vários sentimentos ativados (Murphy, Jako & Anhalt, 1993).

Repare-se que Epstude e Förster (2011) pediram aos participantes que dissessem se determinado casal iria ter uma relação casual ou amorosa, havendo um processo de escolha associado. Sugere-se que o presente estudo seja replicado mas que, nessa replicação, cada participante responda apenas como se sentiria relativamente a um só sentimento ativado (desejo sexual vs. amor vs. amizade); ou que tenha de escolher qual o sentimento mais provável de experienciar, tendo de selecionar um entre três sentimentos; ou, em alternativa, futuros estudos poderão colocar os sentimentos em ordem aleatória o que permitirá que esta criação de padrão não se verifique.

Adicionalmente, ficam duas questões por responder: talvez a ligação entre processamento e sentimentos ativados não ocorra efetivamente em relação ao *self*; ou poderá acontecer, mas os participantes não revelam o que verdadeiramente sentem em relação ao alvo, de forma a retirarem uma imagem positiva de si, por mecanismos de desejabilidade social (Uziel, 2010). Com vista à desmistificação destas questões, sugere-se que futuras investigações utilizem um estudo comparativo com um paradigma semelhante ao aqui utilizado; a título de exemplo, que uma parte dos participantes responda à questão “*como se sentiria se visse esta pessoa nesta rede social/profissional?*” e que aos restantes seja questionado “*como acha que um amigo(a) seu(sua) se sentiria se visse esta pessoa nesta rede social/profissional?*”. Uma vez que existe investigação que destaca que os enviesamentos são reconhecidos nos outros, mas não são reconhecidos pelos próprios – ou seja, que as pessoas fazem distinções não razoáveis sobre a suscetibilidade de enviesamento entre o próprio e os outros (e.g. Pronin, Lin & Ross, 2002) – é possível que estes efeitos se apliquem também ao papel do processamento nos sentimentos ativados. Isto é, que haja um menor controlo quando os indivíduos se expressam em relação aos outros. Porém, existe também a possibilidade de não se tratar de uma questão de desejabilidade social e que a ativação do processamento não seja forte o suficiente para ter um impacto no próprio.

Atenda-se que Förster e colaboradores (Förster, et al., 2009; Förster et al., 2010; Förster, 2010) utilizaram uma tarefa de memória com vista a primar amor ou luxúria, no qual havia um tempo e preparação para pensar numa situação de amor ou sexo. Porventura, a forma repentina como foi pedido aos participantes que respondessem aos sentimentos em relação ao alvo recria uma situação demasiado fria e impactante que não permite aos participantes colocarem-se verdadeiramente numa situação real o que poderá diminuir os sentimentos ativados. É de destacar que os participantes não revelaram sentimentos muito

fortes pelo alvo. Acrescente-se ainda a possibilidade de os participantes não se terem efetivamente sentido atraídos pelo mesmo; contudo, a limitação da não realização de pré-testes não nos permite deixar de lado esta hipótese. Repare-se também que a homossexualidade dos participantes desta investigação é ligeiramente mais restritiva, o que, apesar de estar de acordo com outras investigações em Portugal (Rodrigues & Lopes, 2017; Schmitt, 2005a), poderá ter igualmente contribuído para uma menor atração pelo alvo; isto se tivermos em conta a investigação de que indivíduos restritivos desejam mais facilmente parceiros que demonstrem potencialidades de investirem e serem exclusivos (Simpson & Gangestad, 1992); uma questão difícil de aceder a partir de uma situação de atração inicial, que é apenas unilateral (Rodrigues, 2010). Todas estas questões levam-nos a pensar que a ausência de efeitos poderá também ter ocorrido por avaliações muito baixas ao nível de sentimentos ativados, e que esta falta de variabilidade de respostas não permita o efeito.

O contexto e problemáticas da manipulação

Existe a possibilidade de a manipulação de contexto ter alterado as duas condições (*dating* vs. profissional). Ambas as condições tinham exatamente as mesmas características à exceção da palavra “social” ou “profissional” na alegada rede a ser traduzida. Talvez não seja o contexto profissional propriamente dito que promove estes resultados, mas sim uma dedução de que os alvos que se encontram numa rede profissional possivelmente estarão motivados para trabalhar. Consequentemente poderá surgir uma inferência de traços de personalidade tendo em conta que as pessoas poderão conceber inferências além das informações dadas e a simples apresentação da ocupação profissional poderá promover estes efeitos (ver Garrido, Garcia-Marques, Jerónimo & Ferreira, 2013, para revisão). Mais concretamente, os participantes poderão inferir que alvos – tendo em conta que são jovens estudantes – que estão numa rede profissional, em hipótese, são jovens mais inteligentes, mais trabalhadores, mais empenhados (traços intelectuais). Consequentemente, os participantes poderão fazer avaliações mais positivas em relação ao alvo do contexto profissional e sentir por ele maior atração inicial, tendo por isso mais sentimentos ativados neste contexto.

Além disso, ao se ter procurado criar as duas condições de contexto o mais semelhante possível poderá ter trazido simultaneamente alguns inconvenientes. Os efeitos do contexto nos sentimentos ativados só se verificaram para os participantes localistas. É possível que os participantes mais globalistas, como é esperado, tenham reparado apenas na *gestalt* e por isso não tenham percebido a única palavra que fazia divergir os contextos, i.e., a manipulação não funcionou para os participantes globais. Além disso, está bem destacado na literatura que

o processamento local está mais associado a um melhor reconhecimento verbal e que o processamento global está associado a um melhor reconhecimento de faces inibindo o processamento local (Macrae & Lewis, 2002; Förster, 2010). Deste modo, existe a possibilidade de os localistas terem tomado mais atenção à instrução escrita, e por isso à manipulação, enquanto que os globalistas focaram o seu olhar apenas na face do alvo.

O objetivo era primar um contexto de *dating*, contudo operacionalizámo-lo através da expressão “*social networking*”. Este contexto poderá não estar necessariamente associado a *dating*, já que alguma investigação tem destacado que os indivíduos usam redes sociais para outros fins nomeadamente para manter amizades (Raacke & Bonds-Raacke, 2008), ou mesmo para fins não sociais, como aquisição de informação (Park, Kee & Valenzuela, 2009). Sugerimos que em estudos futuros se substitua o termo social por *dating* de modo a garantir que é esse o conceito ativado pelos participantes. Igualmente a continuidade na exploração de outros contextos continuará a ser relevante para uma extensão da compreensão nesta área de pesquisa, por exemplo, se o efeito do processamento ativa diferentes sentimentos nas relações amorosas, e poderá ser utilizado como forma de intervenção com casais.

Sociossexualidade

O facto de o processamento ter estado relacionado com a sociossexualidade mas não com o desejo sexual poderá indicar que este tem um impacto na predisposição para ter sexo casual mas não tem um impacto direto num pré-comportamento, nomeadamente, nos sentimentos ativados perante um alvo, mais concretamente indicando que as atitudes explícitas não se traduzem necessariamente em comportamento (Penke & Asendorpf, 2008); pelo menos no paradigma que criámos e com estes participantes. Apesar desta ser uma hipótese, não parece ser a que mais se ajusta aos nossos dados, até porque a dimensão da sociossexualidade que explica o processamento é apenas o desejo, i.e., a dimensão associada às estratégias motivacionais de relacionamento de curto ou longo prazo e não a dimensão atitudinal. A dimensão motivacional da sociossexualidade é aquela que mais está associada à forma de os participantes processarem informação perceptiva, ou seja, podemos supor que há algo na sociossexualidade – ao nível motivacional – que afeta o modo como os participantes olham para o mundo que os rodeia, influenciando o processamento de informação, pelo menos ao nível perceptivo. Futuras investigações são necessárias para melhor compreender esta ligação.

No referente ao efeito da sociossexualidade na vontade efetiva de ter sexo casual com um alvo, encontrámos evidências de que o processamento global modera esta relação, mas

apenas para os participantes do sexo masculino. Apesar da hipótese principal não ter sido confirmada (o processamento não afetou os sentimentos ativados), e não ser congruente com o encontrado por Epstude e Förster (2001), parece que o processamento global tem realmente um impacto na dimensão da sexualidade dos indivíduos, já que este modera a relação entre homossexualidade e desejo sexual.

Primeiramente é de destacar que o efeito da homossexualidade sobre o desejo sexual – operacionalizado como vontade de ter sexo casual com o alvo – não é surpreendente já que a homossexualidade por definição é uma predisposição para ter sexo casual (Penke & Asendorpf, 2008). Por acréscimo, a dimensão da homossexualidade mais associada ao desejo sexual, é exatamente a dimensão do desejo, a qual, também por definição, está associada a desejo sexual (Penke & Asendorpf, 2008).

Uma investigação recente (Sevi, Aral & Eskenazi, 2018) identificou que os participantes com uma homossexualidade menos restritiva relataram maior desejo de ter sexo casual ao usar o *Tinder*, uma aplicação de encontros *online*. Note-se que, o paradigma utilizado inspirou-se exatamente no *layout* desta rede social, assim sendo, os nossos resultados vão no sentido do estudo anterior.

No entanto, os efeitos apenas ocorreram para os participantes do sexo masculino. Curiosamente, igualmente no estudo referido anteriormente, o modelo de homossexualidade para desejo de ter sexo casual apenas ocorre para os homens, sendo o modelo diferente para as mulheres (ver Sevi, Aral & Eskenazi, 2018), o que poderá indicar que existem diferenças de género no que concerne a estes aspetos da sexualidade. No que compete ao presente estudo, poder-se-á supor que as mulheres não se tenham sentido atraídas pelo alvo uma vez que a média de idade das participantes (23 anos) era superior à do alvo (22 anos). Sabemos da investigação, que as mulheres tendencialmente se sentem atraídas por homens mais velhos (e.g. Buss, 1994), poder-se-á admitir que, por esse mesmo motivo, as participantes do sexo feminino (pelo menos as heterossexuais) não se sentiram atraídas pelo alvo e puseram de lado a hipótese de ter uma relação de cariz sexual, amorosa ou de amizade com um indivíduo com uma idade inferior à delas.

O processamento global atenua o impacto da homossexualidade no desejo sexual, contudo, o mesmo efeito não acontece para o sentimento amor. Já Förster e colaboradores (Förster et al., 2010; Förster, 2010) tinham apontado que os efeitos eram mais claros para a luxúria do que para o amor. Nos estudos dos autores a luxúria aumenta o desempenho de tarefas locais (e.g. aumento de reconhecimento de palavras) e inibe o processamento global (inibindo também o reconhecimento de faces), porém, o amor apenas aumenta um

processamento global, mas não inibe um processamento local em comparação com um grupo de controlo (nomeadamente não reduz o reconhecimento de palavras). Mais recentemente, a investigação de Lamy et al. (2016) suporta esta ideia no que concerne à memória, em que os indivíduos após a primação de amor recordam tanto os detalhes como em profundidade um texto de problema-solução (ver Lamy et al., 2016). Estes resultados indicam que o amor está associado a ambos os tipos de processamento. Förster e colaboradores (Förster et al., 2010; Förster, 2010) põem em hipótese que num estado de amor, os dois tipos de processamento podem funcionar, apesar do processamento global funcionar melhor. Podemos presumir que o amor pode englobar e necessitar de mecanismos cognitivos mais complexos que a luxúria, i.e., existe a possibilidade de o amor estar associado a um processamento global e local e o desejo sexual estar associado apenas a um processamento local. Repare-se que estes estudos utilizaram a hipótese inversa à do presente estudo mas o facto da ligação não ser tão nítida quanto aparentemente parece faz-nos refletir sobre ideia de que existe a possibilidade do processamento global ter um efeito atenuador de aspetos da sexualidade, mas o processamento não ter um efeito tão forte no amor, já que este sentimento inclui uma maior complexidade de mecanismos cognitivos. Além de que uma investigação com casais (Neff & Karney, 2002) encontrou resultados de que os indivíduos fazem julgamentos tanto globais como locais dos seus parceiros, e que este é um mecanismo utilizado por casais que se consideram felizes.

Da pesquisa efetuada, este é o primeiro estudo a encontrar esta relação e por essa mesma razão mais estudos deverão explorá-la, com o fim de melhor compreendermos a que se deve este impacto, nomeadamente se os nossos resultados se deveram realmente à diferença de idades de participantes do sexo feminino e respetivos alvos ou se para as mulheres a homossexualidade não tem um impacto na vontade efetiva de ter sexo casual com um alvo, já que elas poderão ser mais estigmatizadas por isso (Conley, et al., 2011).

No que concerne à relação da homossexualidade e do estado de espírito, os presentes resultados indicam que indivíduos menos restritivos têm estados de espíritos mais negativos. Envolver-se em sexo casual poderá indicar uma maior dificuldade com a intimidade e por isso os indivíduos sentem maior tristeza. A ligação entre homossexualidade não restritiva e vinculação adulta insegura tem sido apontada na literatura (Feeney & Noller, 2004; Jackson & Kirkpatrick, 2007); a vinculação insegura, mais concretamente a evitante, está associada a uma tendência dos indivíduos se envolverem em atos sexuais com o intuito de auto-crescimento e não para atingir a intimidade (Schachner & Schaver, 2004). Esta hipótese poderá ser discutível se considerarmos os resultados de Schmitt (2005b) que destaca que

estratégias relacionais de curto prazo (sociosexualidade não restritiva) poderão estar associadas nalguns casos a uma maior autoestima, não sendo a relação vinculação insegura e sociosexualidade absolutamente causal. No entanto, tendo em conta os nossos resultados e o facto de não termos acedido à vinculação dos participantes a explicação apresentada é apenas especulativa. Futuras investigações poderão tomar atenção a estas diretrizes.

Crítica

Apesar de as inúmeras razões já destacadas para não ter havido resultados congruentes com as hipóteses em estudo e, apesar da consistência dos estudos publicados sobre o tema serem consistentes nos seus resultados (Förster, et al., 2009; Förster, et al., 2010; Förster, 2010; Epstude & Förster, 2011), importa destacar que talvez a ligação entre processamento global (local) e amor (desejo sexual) não seja tão estreita como se poderia pensar. Como foi descrito, existe uma estreita ligação entre representações de nível superior (inferior) associadas a uma maior (menor) distância psicológica e ao processamento global (local), i.e., existe uma ligação entre o modelo do *GLOMO^{SYS}* e a *Construal Level Theory* (CLT). Segundo a CLT todas as distâncias psicológicas se ativam mutuamente, por exemplo, uma maior distância temporal ativará igualmente uma maior distância social.

Segundo esta teoria, é expectável – e foi demonstrado por Förster e colaboradores (Förster, et al., 2009; Förster, et al., 2010; Förster, 2010) – que num estado de amor, que contém em si a ideia de compromisso e futuro (maior distância temporal) seja ativado um processamento global, associada a uma representação de nível superior. É também espetável que uma maior distância temporal (representações de alto nível) se ative o conceito de amor ou relação amorosa – aliás como Epstude e Förster (2011) demonstraram.

Porém, as relações amorosas são relações mais íntimas e por isso os alvos destas relações têm uma maior proximidade do *self* ativando, em teoria, uma menor distância social. Aliás, estar casado com alguém foi uma das primações para proximidade social e esteve associado a um processamento local (Lieberman & Förster, 2009a). Neste sentido, seria de esperar que numa situação amorosa fosse ativada uma representação de nível inferior ao comparar com situações de sexo casual, relações não íntimas que podem ser estabelecidas com pessoas estranhas e que estabelecem um maior distanciamento do *self*.

Parece haver uma incongruência e um efeito a ser explicado: se pessoas ativarem maior distância temporal pensam em amor, mas se ativarem maior distância social possivelmente pensariam em luxúria. Nos efeitos que se estabeleceram entre amor/luxúria e processamento possivelmente a distância temporal tem uma maior força do que os efeitos da

distância social, o que é de estranhar, tendo em conta que ao falarmos de sentimentos como amor, desejo sexual ou amizade, na realidade estamos a falar de dimensões das relações interpessoais e por isso, a distância social, hipoteticamente, poderia ter uma maior força; mas isto não é o que as investigações têm destacado. Sendo assim, o postulado pelo CLT de que as várias distâncias psicológicas se ativam umas às outras não parece ser verdade, pelo menos para o caso do amor/desejo sexual em específico. Investigações futuras deverão explorar esta incongruência.

O processamento: tarefa; os efeitos no género e estado de espírito

No presente estudo gerámos – baseados em Kimchi e Palmer (1982) – material de novos estímulos para uma tarefa perceptiva do processamento global-local. O facto de a nossa tarefa estar relacionada à tarefa utilizada em estudos anteriores é uma contribuição para outras investigações ao nível de materiais. Pode ser argumentado que não é necessária uma tarefa tão extensa de processamento que inclua 48 estímulos. Porém, para o presente estudo, e já que não primámos processamento, mas o utilizámos como variável preditora, considerámos relevante ter uma tarefa que nos mostrasse consistência de escolhas. Todavia, isto não parece acontecer, ou seja, os participantes utilizaram tanto escolhas globais como locais dando algum suporte à ideia de Förster (2012; Förster & Dannenberg, 2010b) que o processamento global-local funciona como contínuo.

Ao contrário do indicado em investigações anteriores (e.g. Schmid et al., 2011; Pletzer, 2014), o processamento não variou consoante o género, mesmo assim os resultados indicaram que as mulheres são mais globalistas que os homens. Este resultado contribui para a discussão e incongruência que tem sido apresentada na literatura; pelo menos, na amostra do presente estudo as mulheres são ligeiramente mais globalistas que os homens; no entanto, esta não é uma diferença suficientemente considerável.

Os nossos resultados estão de acordo com a ligação estreita entre processamento global (local) e estado de espírito positivo (negativo) (Gasper & Clore, 2002).

Conclusões, limitações e direções futuras

Em suma, os nossos resultados não foram no sentido das nossas hipóteses. Questionamo-nos se os efeitos não ocorreram por motivos da amostra em particular, pelo paradigma criado; ou se, por outro lado, o processamento não tem de facto um impacto nas relações interpessoais do próprio (*self*), sendo o seu papel restrito aos sentimentos ativados em relação aos outros.

Uma das grandes limitações deste estudo trata-se da discrepância do número de participantes entre condições. No que respeita ao processamento, ao ter sido utilizada uma tarefa de medida, e não de primação, contribuiu fortemente para isto, porque não controlámos o tipo de processamento ativado nos participantes. No entanto, segundo a hipótese de dominância global (Navon, 1977) os indivíduos tendem a olhar para a *gestalt*. Assim, a discrepância de participantes globalistas e localistas não é surpreendente já que o grupo de participantes globalistas foi bastante superior ao grupo de participantes localistas. Existe também a possibilidade de que uma tarefa perceptiva não tenha um efeito tão potente quanto uma tarefa de primação conceptual, que ative uma representação de nível superior vs. inferior. Sugerimos que futuras investigações sigam um paradigma mais próximo ao utilizado por Epstude e Förster (2011) e que se procure compreender se existe realmente um efeito em referência ao *self*, em situações de atração inicial, e não apenas em relação aos outros.

No presente estudo, tentámos compreender se o processamento afetava sentimentos numa situação de atração inicial e, apesar de termos procurado produzir um contexto naturalista, sabemos que a atração interpessoal a partir de perfis artificiais difere da atração sentida em contextos reais, como no face-a-face (e.g. Eastwick & Finkel, 2008; Eastwick, Finkel & Eagly, 2011); mais estudos são necessários para compreender qual o efeito em situações da realidade.

Por questões metodológicas os participantes foram apenas estudantes universitários, investigações futuras poderiam beneficiar de uma amostra mais heterogénea com acesso a um maior grupo etário de forma a possibilitar uma maior generalização.

Contudo, os nossos dados deram indicação de que a homossexualidade poderá ter um papel importante na relação entre processamento e sentimentos ativados, especialmente no desejo sexual. Os nossos resultados deram indicação de que o processamento global poderá tornar menos saliente algumas dimensões da sexualidade numa situação de atração inicial. A homossexualidade poderá assim ter um papel relevante na melhor compreensão dos efeitos encontrados anteriormente na literatura por Förster e colaboradores (Förster, et al., 2009; Förster, et al., 2010; Förster, 2010; Epstude & Förster, 2011).

Referências

- Acevedo, B. P., Aron, A., Fisher, H. E., & Brown, L. L. (2011). Neural correlates of long-term intense romantic love. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 7(2), 145–159. doi:10.1093/scan/nsq092
- Aron, A., Fisher, H. E., & Strong, G. (2006). Romantic love. In A. L. Vangelisti, & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 595-614). New York: Cambridge University Press.
- Bar-Anan, Y., Liberman, N., & Trope, Y. (2006). The association between psychological distance and construal level: evidence from an implicit association test. *Journal of Experimental Psychology: General*, 135(4), 609-622. doi:10.1037/0096-3445.135.4.609
- Berscheid, E., & Walster, E. (1979). *Interpersonal attraction* (2nd ed.). Reading, Mass.: Addison-Wesley.
- Buss, D. M. (1994). *The evolution of desire: what woman want*. New York: Basic Books
- Conley, T. D., Moors, A. C., Matsick, J. L., Ziegler, A., & Valentine, B. A. (2011). Women, men, and the bedroom: Methodological and conceptual insights that narrow, reframe, and eliminate gender differences in sexuality. *Current Directions in Psychological Science*, 20(5), 296-300.
- Diamond, L. M. (2003). What does sexual orientation orient? A biobehavioral model distinguishing romantic love and sexual desire. *Psychological Review*, 110, 173–192.
- Dion, L. & Dion, K. (1988). Romantic Love: Individual and cultural perspectives. In R. J. Sternberg, & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 264-289). Yale: University Press.
- Eastwick, P. W., Eagly, A. H., Finkel, E. J., & Johnson, S. E. (2011). Implicit and explicit preferences for physical attractiveness in a romantic partner: a double dissociation in predictive validity. *Journal of personality and social psychology*, 101(5), 993.
- Eastwick, P. W., & Finkel, E. J. (2008). Sex differences in mate preferences revisited: Do people know what they initially desire in a romantic partner?. *Journal of personality and social psychology*, 94(2), 245.
- Ellison, N. B., Steinfield, C., & Lampe, C. (2007). The benefits of Facebook “friends:” Social capital and college students’ use of online social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12(4), 1143-1168.
- Epstude, K., & Förster, J. (2011). Seeing love, or seeing lust: How people interpret ambiguous romantic situations. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47(5), 1017-1020.

- Feeney, J. A., & Noller, P. (2004). Attachment and sexuality in close relationships. In J. H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships* (pp. 183-201). New York: Psychology Press.
- Fehr, B. (2013). The social psychology of love. In J. A. Simpson, & L. Campbell (Eds.), *The Oxford handbook of close relationships* (pp. 201-233). Oxford: University Press.
- Finkel, E. J., Eastwick, P. W., Karney, B. R., Reis, H. T., & Sprecher, S. (2012). Online dating: A critical analysis from the perspective of psychological science. *Psychological Science in the Public Interest*, 13(1), 3-66.
- Fisher, H., Aron, A., & Brown, L. L. (2005). Romantic love: An fMRI study of a neural mechanism for mate choice. *The Journal of Comparative Neurology*, 493(1), 58–62. doi:10.1002/cne.20772
- Fitness, J. (2006). Emotion and Cognition. In Noller, P., & Feeney, J. (Eds.), *Close Relationships: functions, forms and processes* (pp. 285-203). New York: Psychology Press.
- Förster, J. (2009). Relations between perceptual and conceptual scope: How global versus local processing fits a focus on similarity versus dissimilarity. *Journal of Experimental Psychology: General*, 138(1), 88-111.
- Förster, J. (2010). How love and sex can influence recognition of faces and words: A processing model account. *European Journal of Social Psychology*, 40, 524–535. doi: 10.1002/ejsp.656
- Förster, J. (2012). GLOMO^{sys}: The how and why of global and local processing. *Current Directions in Psychological Science*, 21(1), 15-19.
- Förster, J., & Dannenberg, L. (2010a). GLOMO^{sys}: A systems account of global versus local processing. *Psychological Inquiry*, 21(3), 175-197.
- Förster, J., & Dannenberg, L. (2010b). GLOMO^{sys}: Specifications of a global model on processing styles. *Psychological Inquiry*, 21(3), 257-269.
- Förster, J., & Denzler, M. (2012). Sense creative! The impact of global and local vision, hearing, touching, tasting, and smelling on creative and analytic thought. *Social Psychological and Personality Science*, 3, 108–117. ^[1]_{SEP}
- Förster, J., Epstude, K., & Özelsel, A. (2009). Why love has wings and sex has not: How reminders of love and sex influence creative and analytic thinking. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35 (11), 1479-91. doi: 10.1177/0146167209342755
- Förster, J., Liberman, N., & Shapira, O. (2009). Preparing for novel versus familiar events: Shifts in global and local processing. *Journal of Experimental Psychology: General*,

- Förster, J., Özelsel, A., & Epstude, K. (2010). How love and lust change people's perception of relationship partners. *Journal of Experimental Social Psychology*, 46(2), 237-246.
- Garcia-Marques, T. (2004). A Mensuração da variável “Estado de espírito” na população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 2(1), 77-94.
- Garrido, M. V., Garcia-Marques, L., Jerónimo, R., & Ferreira, M. (2013). Formação de impressões e representações cognitivas de pessoas. In J. Vala, & M. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (9ª edição, pp. 43-98). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gasper, K. (2004). Do you see what i see? Affect and visual information processing. *Cognition and Emotion*, 18 (3), 405-421. doi: 10.1080/02699930341000068
- Gasper, K., & Clore, G. (2002). Attending to the big Picture: Mood and global versus local processing of visual information. *Psychological Science*, 13(1), 34-40.
- Gonzaga, G. C., Turner, R. A., Keltner, D., Campos, B., & Altemus, M. (2006). Romantic love and sexual desire in close relationships. *Emotion*, 6(2), 163–179. doi:10.1037/1528-3542.6.2.163
- Hatfield, E., & Rapson, R. (2006). Passionate love, Sexual desire and Mate Selection: Cross-cultural and historical perspectives. In P. Noller, & J. Feeney (Eds.), *Close Relationships: functions, forms and processes* (pp. 285-203). New York: Psychology Press.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of personality and social psychology*, 52(3), 511.
- Howard, P. E., Rainie, L., & Jones, S. (2001). Days and nights on the Internet: The impact of a diffusing technology. *American Behavioral Scientist*, 45(3), 383-404.
- Jackson, J. J., & Kirkpatrick, L. A. (2007). The structure and measurement of human mating strategies: Toward a multidimensional model of sociosexuality. *Evolution and Human Behavior*, 28(6), 382-391.
- Johnson, D. J., & Rusbult, C. E. (1989). Resisting temptation: Devaluation of alternative partners as a means of maintaining commitment in close relationships. *Journal of personality and social Psychology*, 57(6), 967.
- Jonason, P. K. (2013). Four functions for four relationships: Consensus definitions of university students. *Archives of Sexual Behavior*, 42(8), 1407-1414.
- Kimchi, R. (1992). Primacy of wholistic processing and global/local paradigm: a critical review. *Psychological Bulletin*, 112(1), 24-38.

- Kimchi, R., Amishav, R., & Sulitzeanu-Kenan, A. (2009). Gender differences in global–local perception? Evidence from orientation and shape judgments. *Acta Psychologica*, 130(1), 64-71.
- Kimchi, R., & Palmer, S. (1982). Form and texture in hierarchically constructed pattern. *Journal of Experimental Psychology*, 8 (4), 521-535.
- Lamy, L., Guéguen, N., & Fischer-Lokou, J. (2016). Remember it with love: Effects of love priming on text recall. *Review of psychology*, 23(1-2), 3-14.
- Lee, J. A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3(2), 173-182.
- Liberman, N., & Förster, J. (2009a). The Effect of Psychological Distance on Perceptual Level of Construal. *Cognitive Science*, 33(7), 1330–1341. doi:10.1111/j.1551-6709.2009.01061.x
- Liberman, N., & Förster, J. (2009b). Distancing from experienced self: How global-versus-local perception affects estimation of psychological distance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97, 203–216.
- Liberman, N., & Trope, Y. (1998). The role of feasibility and desirability considerations in near and distant future decisions: A test of temporal construal theory. *Journal of personality and social psychology*, 75(1), 5.
- Liberman, N., & Trope, Y. (2008). The psychology of transcending the here and now. *Science*, 322 (5905), 1201-1205.
- Liberman, N., & Trope, Y. (2014). Traversing psychological distance. *Trends in cognitive sciences*, 18(7), 364-369. doi: 10.1016/j.tics.2014.03.001
- Macrae, C. N., & Lewis, H. L. (2002). Do I know you? Processing orientation and face recognition. *Psychological Science*, 13(2), 194-196.
- Marguc, J., Förster, J., & Van Kleef, G. A. (2011). Stepping back to see the big picture: When obstacles elicit global processing. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(5), 883-901. doi: 10.1037/a0025013
- Murphy, K. R., Jako, R. A., & Anhalt, R. L. (1993). Nature and consequences of halo error - A critical analysis. *Journal of Applied Psychology*, 78(2), 218-225. doi: 10.1037/0021-9010.78.2.218
- Navon, D. (1977). Forest before trees: The precedence of global features in visual perception. *Cognitive Psychology*, 9, 353– 383.
- Neff, L. A., & Karney, B. R. (2002). Judgments of a relationship partner: Specific accuracy but global enhancement. *Journal of personality*, 70(6), 1079-1112.

- Noller, P. (1996). What is this thing called love? Defining the love that supports marriage and family. *Personal Relationships*, 3(1), 97-115.
- Oh, H. J., Ozkaya, E., & LaRose, R. (2014). How does online social networking enhance life satisfaction? The relationships among online supportive interaction, affect, perceived social support, sense of community, and life satisfaction. *Computers in Human Behavior*, 30, 69-78.
- Park, N., Kee, K. F., & Valenzuela, S. (2009). Being immersed in social networking environment: Facebook groups, uses and gratifications, and social outcomes. *CyberPsychology & Behavior*, 12(6), 729-733.
- Penke, L., & Asendorpf, J. B. (2008). Beyond global sociosexual orientations: A more differentiated look at sociosexuality and its effects on courtship and romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 1113–1135. doi:10.1037/00223514.95.5.1113.
- Pletzer, B. (2014). Sex-specific strategy use and global-local processing: a perspective toward integrating sex differences in cognition. *Frontiers in neuroscience*, 8, 425.
- Pronin, E., Lin, D. Y., & Ross, L. (2002). The bias blind spot: Perceptions of bias in self versus others. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(3), 369-381.
- Raacke, J., & Bonds-Raacke, J. (2008). MySpace and Facebook: Applying the uses and gratifications theory to exploring friend-networking sites. *Cyberpsychology & behavior*, 11(2), 169-174.
- Regan, P. C., & Berscheid, E. (1995). Gender differences in beliefs about the causes of male and female desire. *Personal Relationships*, 2, 345–358.
- Regan, P. C., & Berscheid, E. (1996). Beliefs about the state, goals, and objects of sexual desire. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 22(2), 110-120.
- Regan, P. C. & Berscheid, E. (1999). *Lust: What we know about human sexual desire*. London: Sage Publications.
- Regan, P. C., & Dreyer, C. S. (1999). Lust? Love? Status? Young adults' motives for engaging in casual sex. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 11(1), 1-24.
- Regan, P. C., Kocan, E. R., & Whitlock, T. (1998). Ain't love grand! A prototype analysis of the concept of romantic love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 411-420.
- Roalf, D., Lowery, N., & Turetsky, B. I. (2006). Behavioral and physiological findings of gender differences in global-local visual processing. *Brain and Cognition*, 60(1), 32-42.
- Rodrigues, D. (2010). “Só de olhar para ti...”: O fenómeno de atracção inicial (Tese de

- Doutoramento não publicada). Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal.
- Rodrigues, D., & Garcia-Marques, T. (2005). Marquemos o encontro ao cimo da escada: O papel da activação fisiológica na atracção interpessoal. *Análise Psicológica*, 23(4), 427-436.
- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2017). Sociosexuality, commitment, and sexual desire for an attractive person. *Archives of sexual behavior*, 46(3), 775-788. doi:10.1007/s10508-016-0814-3
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Kumashiro, M. (2017). The “I” in us, or the eye on us? Regulatory focus, commitment and derogation of an attractive alternative person. *PLoS ONE*, 12(3): e0174350. doi: 10.1371/journal.pone.0174350
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Pereira, M. (2016). “We agree and now everything goes my way”: Consensual sexual nonmonogamy, extradyadic sex, and relationship satisfaction. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 19(6), 373-379.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265–273.
- Schachner, D. A., & Schaver, P. R. (2004). Attachment dimensions and sexual motives. *Personal Relationships*, 11, 179–195.
- Schmitt, D. P. (2005a). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture, and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences*, 28(2), 247-275.
- Schmitt, D. P. (2005b). Is short-term mating the maladaptive result of insecure attachment? A test of competing evolutionary perspectives. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31(6), 747-768.
- Schmid, P. C., Mast, M. S., Bombari, D., Mast, F. W., & Lobmaier, J. S. (2011). How mood states affect information processing during facial emotion recognition: an eye tracking study. *Swiss Journal of Psychology*, 70, 223-231. doi: 10.1024/1421-0185/a000060
- Sevi, B., Aral, T., & Eskenazi, T. (2018). Exploring the hook-up app: Low sexual disgust and high sociosexuality predict motivation to use Tinder for casual sex. *Personality and Individual Differences*, 133, 17-20.
- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 870–883. doi:10.1037/0022-3514.60.6.870
- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1992). Sociosexuality and romantic partner choice.

- Journal of Personality*, 60, 31–51. doi:10.1111/j.1467-6494.1992.tb00264.x
- Simpson, J., Gangestad, S., & Lerma, M. (1990). Perception of physical attractiveness: Mechanisms involved in the maintenance of romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1192–1201. doi:10.1037/0022-3514.59.6.1192
- Simpson, J. A., Wilson, C. L., & Winterheld, H. A. (2004). Sociosexuality and romantic relationships. In J. H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships* (pp. 87–112). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Smith, E. R., Mackie, D. M., & Claypool, H. M. (2014). *Social psychology*. New York: Psychology Press.
- Sprecher, S., & Regan, P. C. (1998). Passionate and Companionate Love in Courting and Young Married Couples. *Sociological Inquiry*, 68(2), 163–185. doi:10.1111/j.1475-682x.1998.tb00459.x
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119–135.
- Thorndike, E. L. (1920). A constant error in psychological ratings. *Journal of applied psychology*, 4(1), 25-29.
- VanLear, C. A., Koerner A., & Allen, D. (2006) Relationships Typologies. In A. L. Vangelisti, & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 91-110). New York: Cambridge University Press.
- Uziel, L. (2010). Rethinking Social Desirability Scales: From Impression Management to Interpersonally Oriented Self-Control. *Perspectives on Psychological Science*, 5(3), 243-262. doi:10.1177/1745691610369465

Anexos

Anexo A – Revisão da Literatura

Na presente revisão são abordados alguns conceitos associados às relações interpessoais: amor, desejo sexual, amizade, atração interpessoal, homossexualidade. Será revista a teoria do processamento de informação global-local e os constructos que lhes foram relacionados (e.g. género, distância psicológica, estado de espírito). Por fim, é revista a relação entre os sentimentos amor, desejo sexual e amizade e processamento de informação.

Relações Interpessoais

Atração Interpessoal

A atração interpessoal é um fenómeno que pode ser caracterizado pelo desejo de conhecer um outro (Rodrigues & Garcia-Marques, 2005) por uma atitude positiva em relação a uma pessoa (e.g., Mikula, 1984; Newcomb, 1963 cit. por. Rodrigues & Garcia-Marques, 2005), estando na base de vários relacionamentos, que poderão ir dos mais casuais aos mais significativos (Rodrigues, 2010)

Adicionalmente, a atração romântica é um fenómeno ligado ao “*falling in love*” (Aron, Fisher & Strong, 2006) que pode ser definido como os sentimentos específicos associados ao desejo e voluntariedade para conhecer alguém intimamente (Rodrigues & Garcia-Marques, 2005); podendo-se associar ao *Eros* (Lee, 1973) e ao amor passionai (Berscheid e Walster, 1978; Berscheid & Reis, 1998)

A atração inicial, é um modo específico de atração. Esta foi definida como o sentimento que é desencadeado no primeiro momento em que alguém toma consciência unilateral da presença de um outro (Rodrigues, 2010), ou seja, é baseado numa primeira impressão (Newcomb, 1963), expressando-se pela vontade de melhor conhecer a pessoa em questão e de querer interagir com a mesma (Rodrigues & Garcia-Marques, 2007). Este é um fenómeno importante porque é um momento chave no desenvolvimento de relações íntimas aumentando a probabilidade de futuras interações (Rodrigues & Garcia-Marques, 2005). Este conceito é operacionalizado multidimensionalmente incluindo (1) um sentimento positivo associado à experiência de voluntariedade para interagir com um outro, (2) reações fisiológicas e (3) aumento de fantasias e desejo em relação a uma pessoa (Rodrigues, 2010).

A literatura tem destacado que existem fatores que se relacionam e aumentam a atração (ver Smith, Mackie & Claypool, 2014, para revisão), nomeadamente a similaridade em relação a um alvo, a atratividade física do alvo (Dion, Berscheid & Walster, 1972) e a

interação positiva; estas variáveis em conjunto levam as pessoas a gostar; todos estes aspetos se influenciam e reforçam, tendo a reciprocidade sido igualmente apontada como um importante fator (Berscheid & Reis, 1998).

No que toca à atração inicial semelhantes fatores atuam numa maior atração pela positividade que um alvo nos faz sentir, os fatores são percepção de semelhança e sensação de familiaridade bem como atratividade física (Rodrigues, 2010). No entanto, em contextos reais a similaridade não parece ter um papel tão relevante (Luo & Zhang, 2009).

Os homens têm preferência por atratividade física, em comparação com as mulheres (Feingold, 1990) e as mulheres valorizam mais o estatuto social (Regan, Levin, Sprecher, Christopher & Gate, 2000; ver também Buss 1989; Li, Baley & Kendrich, 2002). Porém, em relações potenciais longas ambos os géneros valorizam características de personalidade e em relações de curto termo a atratividade física assume um papel principal (ver Smith, Mackie & Claypool, 2014, para revisão).

Teorias do amor

Rubin (1970), procura compreender o amor como um conceito unitário, a partir do contraste entre o gostar (“*liking*”) e amar (“*loving*”). Para isso desenvolveu uma escala para cada um destes dois conceitos acabando por os conseguir diferenciar. O conceito de amor é definido a partir dos fatores emergentes na sua escala, mais especificamente contempla três fatores: Afiliativo, dependência ou desejo de aproximação (vinculação); predisposição para ajudar, ou pôr a necessidade do outro acima das necessidades do próprio; exclusividade e intimidade, sentimento de união com o parceiro. O gostar está associado ao respeito, avaliação favorável e a noção de similaridade. Rubin foi um pioneiro na operacionalização do amor destacando que o amor romântico inclui estas duas componentes enquanto a amizade inclui apenas o gostar. Consequentemente, define o amor como uma atitude multifacetada em relação a alguém particular que envolve predisposições para pensar, sentir e comportar-se de uma determinada forma em relação à pessoa em questão (Rubin, 1970).

Igualmente, nesta linha de abordagens pioneiras e dicotómicas acerca do amor, foi proposto por Berscheid e Walster (1978), uma distinção entre amor passionai/romântico e amor companheiro que se caracteriza resumidamente por uma presença ou ausência de dimensão sexual. Mais especificamente, nesta perspetiva o amor passionai é um estado com uma grande componente emocional, esta é confusa, intensa, e de uma grande abrangência, mas mais volátil; inclui uma componente de ativação fisiológica e sentimentos sexualizados, havendo um forte desejo de união com a pessoa. Por outro lado, o amor companheiro,

caracteriza-se por uma menor intensidade da componente emocional, mas é mais estável, é um amor afetuosos, amigável, ligado, que inclui componentes como o respeito, confiança e admiração. Este tipo de amor difere do *linking* porque o primeiro refere-se às relações com aqueles com que as nossas vidas estão interligadas (Hatfield & Walster, 1985). O amor passional foi operacionalizado na *Passionate Love Scale* (PLS) por Hatfield e Sprecher (1986), pretendendo assim avaliar os seus componentes cognitivos, emocionais e comportamentais. No processo de validação de escala, Hatfield e Sprecher (1986) corroboraram que o amor passional estava significativamente associado a itens que mediam aspetos da sexualidade. Esta é uma das teorias que mais acompanha o estudo do amor (Sprecher & Regan, 1998).

Por sua vez, Lee (1977, 1988) desenvolveu uma abordagem em que definiu diversos estilos de amor, não se prendendo o seu objetivo à definição do amor em si, como variável única. Estes estilos poderão ser primários (*Eros*, *Ludos* e *Storge*) e secundários resultando da combinação dos anteriores (*Pragma*, *Mania*, *Ágape*); para o autor as cores são uma boa analogia para a sua abordagem de estilos de amor – donde surge o nome do livro *Colours of Love* no qual o autor apresenta a teoria pela primeira vez – na medida em que nenhum estilo amoroso é superior ao outro. O *Eros* (vermelho) caracteriza-se por se focar na atratividade física e beleza, é um amor erótico; estes amantes têm um ideal de beleza que procuram, e valorizam a intimidade. O *Ludos* (amarelo) trata-se de um amor vivido como um jogo, i.e., permissivo, com baixo compromisso, plural, controlador e manipulativo. Existe uma apreciação de vários tipos de atratividade física. A intimidade é olhada como um momento de divertimento e não com séria emocionalidade. O *Storge* (azul) corresponde a um amor baseado no afeto evitando sentimentos de paixão, é um amor que se baseia na amizade e compromisso, existindo uma partilha de interesses. O *Mania*, formando-se a partir do *Eros* e *Ludos*, é um amor emotivo, irracional, possessivo, dependente e ciumento; estes amantes caracterizam-se por serem ansiosos. O *Pragma*, constitui-se pelo *Ludos* e *Storge*, caracteriza-se por ser um amor prático em que os amantes se concentram nos ganhos e custos da relação. Por fim, o *Ágape*, formado pelo *Eros* e *Storge*, é um amor altruísta, não egoísta, ideal, em que o amante sente um dever de não esperar reciprocidade. Esta teoria refletiu-se e foi suportada pela criação de uma escala primeiramente desenvolvida por Lasswell e Lasswell (1976) e validada por Hendrick e Hendrick (1986). Os mesmos estilos de amor foram reencontrados numa amostra de estudantes portugueses (Neto, 1994).

Sternberg (1986) desenvolveu uma diferente teoria intitulada a Teoria Triangular do Amor que reflete a ideia que o amor pode ser compreendido em termos de três componentes

principais e vértices de um triângulo: intimidade, paixão e decisão/compromisso. A intimidade refere-se à proximidade e união, derivando em parte de um investimento emocional na relação. A paixão relaciona-se com a atração física, impulso que leva à consumação sexual, sendo uma fonte motivacional e de excitação de uma relação. Desempenha uma importante função numa fase primordial da relação e poderá diminuir ao longo do tempo. A decisão/compromisso especifica a dimensão decisional (mas não exclusiva), e consequentemente cognitiva, de amar alguém ou fazer durar esse amor, podendo a perspectiva ser de curto ou longo prazo.

As combinações destas componentes refletem-se em oito formas de amor. À ausência de todas as componentes do amor o autor refere-se a ela como não amor (*non love*) que se caracterizam por interações casuais. O gostar (*liking*) baseia-se apenas na intimidade e associa-se naturalmente à amizade com sentimentos de proximidade e ligação. Quando apenas está presente a componente da paixão estamos perante a paixão louca (*infatuated love*), este pode ser despertado nas circunstâncias certas quase imediatamente, é o “amor à primeira vista”. O amor vazio (*empty love*) trata-se de um amor apenas composto pela componente compromisso; pode dar-se no final de uma relação a longo prazo, ou numa fase inicial de uma relação quando os casamentos são arrançados. O amor romântico (*romantic love*) é composto por paixão e intimidade, existindo uma componente física e uma ligação emocional. O amor companheiro (*companionate love*) é composto por intimidade e compromisso e desprovido da paixão, que pode acontecer em casamentos longos. O amor fátuo trata-se da combinação entre paixão e compromisso. Por fim, O amor consumado (*consummate love*) trata-se de um amor completo por todas as componentes. Podendo estar associado a casais mas também ao amor entre pais e filhos. As várias tipologias de amor podem ser representadas em triângulos com diversas formas espelhando as componentes mais ou menos preponderantes, sendo o triângulo equilátero o expoente máximo do equilíbrio no amor (Sternberg, 1997). Mais tarde, foi construída e validada uma escala, pelo próprio autor (Sternberg, 1997) baseada nestas componentes.

Por sua vez, Hazan e Shaver (1987) desenvolveram uma teoria em que defenderam que o amor estava ligado à Teoria da Vinculação de Bowlby. Os autores defenderam que, em diversos aspetos, as relações amorosas adultas são semelhantes à vinculação nas relações precoces e que as frequências dos estilos de vinculação são semelhantes em crianças e adultos. Em crianças, a teoria da vinculação tem indicado que diferentes padrões dos cuidadores estão na raiz dos estilos de vinculação segura, ansiosa/ambivalente e evitante (Feeney & Noller, 2004), esta base vinculativa parece estar na origem de modelos internos

acerca do próprio e dos outros que, por sua vez, estarão presentes nas relações íntimas de adultos (i.e., vinculação adulta), através de tendências tanto comportamentais como relacionais (Hazan & Shaver, 1987; Collins & Read, 1990). As relações românticas são originárias das relações precoces (Shaver, Hazan, 1988).

É sugerido um conceito unificado de amor, que envolve cognições, emoções e comportamentos, e como este se desenvolve ao longo do ciclo de vida, destacando as formas primárias com que se desenvolvem laços afetivos, nos vários contextos (Shaver, Hazan & Bradshaw 1988); concebendo assim uma abordagem do amor mais ampla que envolve relações pais-filhos, amizades, relações amorosa e procura explicar processos de separação intrinsecamente ligados às relações (sentimentos de rejeição e abandono).

Tem sido amplamente demonstrada a relação entre esta teoria não só com o amor mas igualmente com aspetos da sexualidade como o funcionamento sexual (Stefanou & McCabe, 2012; Schachner & Schaver, 2004;), aliás, a própria teoria inicial de Hazan e Shaver (1987) defende que a atração e comportamentos sexuais estão relacionados ao amor, e aos diferentes tipos de vinculação. Assim, o amor romântico nesta perspetiva é visto como um sistema dinâmico integrando três componentes: vinculação, cuidado e sexualidade; sendo biológico e não uma resultante do contexto cultural (Shaver et al., 1988).

A perspetiva do protótipo (“*Prototype Approach*”) é uma outra corrente que procurou definir e estudar o amor (Berscheid & Meyers, 1996) contribuindo com alguns dados relevantes (Reis & Aron, 2008). Esta perspetiva procura abordar o amor numa perspetiva *bottom-up* e não *top-down*, i.e., nesta abordagem pergunta-se diretamente a pessoas comuns acerca do seu conhecimento e representações mentais acerca do amor, bem como acerca das suas experiências ao invés de se partir de definições formais, sendo deste modo possível compreender quais as características mais centrais e periféricas do conceito.

O primeiro autor a aplicar o modelo do protótipo ao amor foi Fehr (1988), tendo num estudo anterior (Fehr & Russel, 1984) encontrado evidência que o amor seria uma emoção protótipo podendo consequentemente ser organizado na representação cognitiva. No estudo de Fehr (1988) era requerido aos participantes que listassem características do conceito de amor, consequentemente, procurou identificar – através das respostas dos participantes – os conceitos centrais e periféricos do amor. As características centrais consistiram em honestidade, responsabilidade, amizade, respeito, lealdade, confiança, compromisso, “*caring*”. As características periféricas encontradas foram “borboletas no estômago”, medo, incerteza, dependência, ver apenas as boas qualidades. Fehr (1988) concluiu também que os leigos atribuíam características que se sobrepunham ao compromisso e ao amor (e.g.

confiança, partilha, respeito, lealdade e sacrifício) e características que se distingiam (e.g. fidelidade, esperança vs. sentimentos calorosos, felicidade), indicando assim que compromisso e amor não estão absolutamente sobrepostos, mas também que não são totalmente independentes. Esta perspetiva elucida que os leigos parecem identificar uma maior quantidade características e tipos de amor que os investigadores (Fehr, 1988; Fehr & Russel, 1991).

Além de que a visão mais prototípica de amor parece ser o correspondente a um amor comprometido – amizade, afeição, amor familiar – apesar de existir também um outro grupo menos prototípico correspondente a um amor romântico ou passiona (Fehr & Russel, 1991). Tal como tinha acontecido anteriormente em que as características mais mencionadas pelos leigos, no que se refere ao conceito de amor, são características que normalmente se associam a um amor companheiro (Fehr, 1988). Estudos posteriores corroboram estes resultados (Fehr, 1994).

Os estudos a partir desta abordagem (Fehr, 1988; Fehr & Russel, 1991; Fehr, 1994) parecem indicar que as pessoas comuns representam o amor tanto em termos de amor apaixonado e romântico (que parecem ser o mesmo; Fehr, 1994) como em amor companheiro. No entanto, faz-nos pensar que a palavra amor ativa mais facilmente noções de compromisso, companheirismo, sentimentos de preocupação com a pessoa amada, do que as questões da paixão e da sexualidade; apesar de existirem investigações que contradizem este resultado (e.g. Regan, Kocan & Whitlock, 1998). De notar que as pessoas associam o amor também ao amor familiar, inclusive a característica mais mencionada foi o amor materno (Fehr & Russel, 1991).

Um outro estudo nesta linha de pesquisa (Aron & Westbay, 1996), que acedeu a participantes universitários de ambos os sexos, deu suporte à Teoria Triangular de Sternberg (1986). A partir da exploração da estrutura subjacente do amor e da sua redução em fatores, descobriram que estes eram semelhantes às componentes paixão, intimidade e compromisso, parecendo ser estas as dimensões latentes do protótipo.

Uma outra abordagem, a teoria da expansão do *self* (e.g. Aron & Aron, 1986) postula que as pessoas procuram expandir o seu *self* através da abrangência do outro no próprio *self*. A expansão do próprio *self* é possível a partir das relações íntimas. Amor, para os autores, inclui principalmente uma dimensão motivacional.

O modelo de Neff e Karney (2002, 2005, 2009) baseia-se na premissa de que o amor é uma atitude para com uma pessoa em particular (Rubin, 1970) o que pressupõe que os indivíduos têm uma série de julgamentos e perceções acerca dessa mesma pessoa sendo que a

percepção varia consoante o nível de abstração. Através de uma série de estudos com casais, em que estes teriam que preencher algumas baterias de testes (acerca da sua auto-percepção e percepção do parceiro) ao longo de um período de dois anos, demonstraram que em termos globais os indivíduos percebem o parceiro de um modo díspar do que o próprio se auto-perceciona. Porém, ao nível de atributos específicos as auto e hétero-percepções são coincidentes, o que traduz num enviesamento de percepção ao nível global, mas não ao nível das especificidades. Por exemplo, em termos específicos o parceiro pode ter cozinhado um bom prato e os indivíduos poderão dizer “é muito talentoso”, enviesando a característica positiva colocando-a em termos globais; por outro lado o parceiro pode ter queimado o mesmo prato e os parceiros não irão aumentar tão facilmente o nível de abstração destacando “que é pouco talentoso”. Em suma, casais que se percebem como felizes usam descrições globais para identificar atributos positivos e características específicas quando identificam os seus atributos negativos. Ainda que os traços globais assumam um papel de maior importância em comparação com os específicos no que toca à percepção do parceiro de um modo positivo e à satisfação da relação. Assim os indivíduos numa relação percebem os seus parceiros em termos globais e específicos, amando-os pelo que são nas suas partes boas e más.

De acordo com a perspetiva de outros investigadores nomeadamente os trabalhos de Förster e colaboradores (Förster, Epstude & Özelsel, 2009; Förster, Özelsel, & Epstude, 2010; Förster, 2010), definimos amor como desejos de expansão do self (Aron & Aron, 1986), de identificação com uma pessoa, cuidar de alguém (Rubin, 1970), incluindo sentimentos de paixão e ligação emocional que incluem motivação e desejo de ligação duradoura (*Attachment*) (Diamond, 2003; Aron, et al., 2006; Hazan & Shaver, 1987) que têm uma perspetiva de longo prazo e compromisso de partilha de uma vida em comum, e estão comumente associados a relações românticas. O amor tem uma dimensão cognitiva para além de afetiva (Rubin, 1970; Noller, 1996).

Amizade

Como foi observado a amizade poderá ser considerada como uma tipologia de amor (Fehr & Russell, 1991), nomeadamente pelo *Stroge* (Lee, 1977), ou mesmo pelo amor companheiro que não contém em si uma dimensão sexual (Berscheid & Walster, 1978). Poderá também ser vista como *linking*, um conjunto de sentimentos e experiências nas relações que incluem sentimentos de ligação e proximidade, ausentes da componente de paixão e uma noção de longo prazo (Sternberg, 1988). Na visão de Davis (1982; 1985 cit. por.

Peele, 1988), amizade distingue-se pela intimidade, compreensão, aceitação, respeito e equidade; e ao adicionarmos a componente desejo sexual este sentimento expande-se para um sentimento de amor.

Desejo Sexual

O desejo sexual, também chamado luxúria (*lust*) poderá ser definido como uma experiência subjetiva de interesse num objeto sexual ou o desejo de envolvimento numa atividade sexual (Regan & Berscheid, 1999).

De acordo com a perspectiva dos mesmos investigadores (Förster, et al., 2009; Förster, et al., 2010; Förster, 2010), definimos luxúria (*lust*) como desejo, necessidade ou procura de objetos sexuais ou de um envolvimento numa atividade sexual (Diamond, 2003; Regan & Berscheid, 1995), que inclui sentimentos de desejo sexual, que funciona no “aqui e no agora” (e.g. sexo casual) não envolvendo de forma necessária uma perspectiva de longo prazo (Spreacher & Regan, 1998; Regan & Berscheid, 1995).

Diferenças de género no amor e desejo sexual

As mulheres, em comparação com os homens, têm maior probabilidade de experimentar atração romântica, sendo mais orientadas de forma pragmática para o amor (Dion & Dion, 1973). Os homens, em relação às mulheres, pensam mais em sexo e entram mais facilmente em sexo casual, demoram menos tempo a ter relações sexuais, e têm um maior desejo de relações de cariz sexual de curto prazo, preferindo um maior número de parceiras ao longo do tempo; estas diferenças poder-se-ão dever ao facto de as mulheres anteciparem estigmatização quando entram em relações de cariz sexual (Schmitt, Shackelford & Buss, 2001; Conley, Moors, Matsick, Ziegler, & Valentine, 2011).

A literatura tem destacado que as diferenças entre géneros são maiores no que se refere a relações de carácter mais sexual do que em relações de carácter amoroso (Jackson & Kirkpatrick, 2007). Sendo que as mulheres, em comparação com os homens, vêem desejo sexual como uma experiência mais romântica e interpessoal e acreditam que existe uma maior ligação entre amor e desejo sexual (Regan e Bersheid, 1996; Regan & Dreyer, 1999).

Sociossexualidade

Existem diferenças individuais relativamente à sexualidade e à predisposição para os indivíduos se envolverem em sexo casual, i.e., sexo sem compromisso ou ligação emocional, a esta dimensão dá-se o nome de Sociossexualidade (Simpson & Gestade, 1991; Simpson &

Gestade 1992). Esta foi operacionalizada pela Social Orientation Scale (Simpson & Gestade, 1991). Inicialmente a homossexualidade era vista como uma dimensão global e mais comportamental (Simpson & Gestade, 1991) no entanto, mais recentemente, e com o argumento que uma visão global pode esconder alguns efeitos importantes, a homossexualidade tem sido conceptualizada de forma multidimensional, com três componentes: comportamentos, referindo-se aos comportamentos individuais passados de curta duração; atitudes, a disposição avaliada para entrar em sexo sem compromisso; e desejo, tratando-se este da disposição comportamental para usar estratégias relacionais (*mating strategies*) de curto ou longo prazo (Penke & Asendorff, 2008). O desejo referido é próximo ao desejo sexual, mas no desejo que a homossexualidade implica é um desejo para ter sexo sem compromisso e não um desejo sexual genérico. Estas três dimensões foram definidas e operacionalizadas dando lugar à *Revisited Homosexual Orientation Inventory* (SOI-R; Penke & Asendorff, 2008).

A homossexualidade é vista num contínuo em que os valores mais baixos indicam uma homossexualidade restritiva, caracterizada pela necessidade de uma relação íntima e de proximidade antes de terem relações sexuais, havendo um menor interesse em sexo casual; e os valores mais altos representam uma homossexualidade menos restritiva, i.e. indivíduos que estão confortáveis e apreciam ter sexo casual sem a necessidade de intimidade e compromisso.

Os indivíduos com uma homossexualidade restritiva, em relação aos com uma homossexualidade menos restritiva, caracterizam-se por terem menos parceiros sexuais e tendem a terem relações que se caracterizam por maior investimento, compromisso, fortes laços afetivos, dependência, tendo normalmente relações de longo prazo (Simpson & Gestade, 1991). Têm preferência por parceiros mais afetivos, responsáveis e leais (Simpson & Gestade, 1992).

Os indivíduos com uma homossexualidade não restritiva têm relações sexuais mais cedo, têm mais facilmente relações sexuais com mais do que um parceiro no mesmo período de tempo; têm atitudes mais permissivas perante sexo com diferentes parceiros; tendo tendência para se envolverem em relacionamentos de curto prazo, apreciam mais facilmente sexo agressivo e pornografia (Simpson & Gestade, 1991), preferindo parceiros com maior atratividade física (Simpson & Gestade, 1992).

A homossexualidade, porém, não está diretamente relacionada com a mera frequência sexual, ou seja, um indivíduo poderá desejar ter relações sexuais frequentes e, no entanto, não desejar ter relações sexuais com diferentes parceiros (Simpson & Gestade, 1991).

Deste modo, a homossexualidade parece ter um papel fundamental numa fase inicial do estabelecimento de relações, podendo ter diferentes critérios de relacionamento conforme os indivíduos se situem no contínuo da orientação homossexual (Simpson & Gangestad, 1991). De tal forma que a homossexualidade influencia a escolha e preferência de parceiros (Simpson & Gangestad, 1992; Fletcher, Simpson, Thomas, & Giles, 1999), diferentes estratégias relacionais (*mating*) e as características que apresentam de si próprios, se acentuam estratégias competitivas ou características da personalidade (Simpson, Gangestad, Christensen & Leck, 1999) e afeta o comportamento não verbal em relações iniciais (Simpson, Gangestad & Biek, 1993).

De forma sistemática têm sido encontradas diferenças na homossexualidade entre géneros, até em diversos contextos culturais, sendo os homens menos restritivos em comparação com as mulheres (Rodrigues, Lopes & Pereira, 2016; Rodrigues & Lopes, 2017; Penke & Asendorpf, 2008; Jackson & Kirkpatrick, 2007; Simpson & Gangestad, 1991; Schmitt, 2003; Schmitt 2005; Sprecher, Treger & Sakaluk, 2013). É provável que a diferença de géneros da homossexualidade global possa ser explicada pelo desejo (Penke & Asendorpf, 2008). Todavia, alguns autores argumentam (e.g. Gangestad & Simpson, 2000; Simpson, Wilson & Winterheld, 2004) que as diferenças entre géneros não são tão dominantes como as diferenças intra-géneros, e que a variabilidade do género explica apenas uma parte da variabilidade que pertence à variação da orientação homossexual. Por exemplo, as diferenças de género ao nível das preferências de um parceiro parecem ser mais explicadas pela homossexualidade do que pelo género em si (Simpson & Gangestad, 1992). Nomeadamente, a literatura tem destacado sistematicamente que a atratividade física é mais importante para os homens do que para as mulheres (e.g., Buss, 1989; Sprecher, Sullivan, & Hatfield, 1994), no entanto, além do género, indivíduos restritos desejam pessoas atraentes enquanto os não restritos desejam mais facilmente parceiros que demonstrem potencialidades de investirem e serem exclusivos (Simpson & Gangestad, 1992).

Alguns autores têm defendido que a orientação homossexual é relativamente estável, nomeadamente os comportamentos e o desejo de indivíduos não restritivos tendem a repetir-se comportamentalmente no futuro (Penke & Asendorpf, 2008). Contudo, quando as pessoas estão numa relação tendem a tornar-se mais restritivas (Rodrigues & Lopes, 2017; Penke & Asendorpf, 2008; Simpson & Gangestad, 1991; Gangestad & Simpson, 2000; Simpson, et al., 2004) dando indicação que a homossexualidade não é um traço de personalidade e se altera conforme as circunstâncias.

Amor e desejo sexual: processos dependentes ou independentes?

A ligação do amor e do desejo sexual tem sido abordada de diferentes formas (para revisão ver Regan & Berscheid, 1999). Alguns autores estudaram o amor na ausência de sexualidade. Na escala de Rubin (1970), por exemplo, nenhum dos itens contém a ideia de desejo sexual. Por outro lado, outras visões têm conceptualizado o amor romântico como ligado a aspetos da sexualidade. Como foi visto Berscheid e Walster (1978) definem amor apaixonado por uma forte componente sexual; o tipo de amor Eros apontado por Lee (1977) contém em si esta componente; que se associa à paixão de Sternberg (1986). Igualmente Hazan e Shaver (1987) vêem na sexualidade um dos três aspetos relevantes para a compreensão do amor romântico. Nesta abordagem, o desejo sexual pode ser conceptualizado na ausência de amor, mas o amor tem uma componente necessária de desejo sexual e é este último componente que o torna romântico (Regan & Berscheid, 1999). Por exemplo, através da abordagem do protótipo, estudantes consideraram o desejo sexual como a segunda característica mais central do amor romântico bem como características da sexualidade “física” (e.g. beijar, atividade sexual; Regan, et al., 1998). Neste sentido, Gillath, Mikulincer, Birnbaum e Shaver (2008) encontraram resultados nos quais estímulos sexuais ativam motivações relacionais nomeadamente a iniciação e manutenção relações. O que sugere que o desejo sexual estimula sentimentos de amor e que são sistemas que se afetam mutuamente.

Por oposição, outras investigações têm destacado, que apesar de amor romântico e desejo sexual estarem interligados são também conceptualizados de formas distintas (Aron, et al., 2006). As motivações por trás de relações amorosas ou relações com uma componente sexual têm diferentes motivações associadas, nomeadamente relações de uma noite (*one night stands*) surgem do desejo de gratificação sexual, enquanto relações amorosas e comprometidas têm a intrínseca motivação de um ganho de suporte social e emocional (Jonason, 2013).

Por exemplo, Fisher (2004) propõe que o ser humano tem três impulsos principais: Amor romântico, caracterizado por uma euforia e sentimentos de paixão concentrados numa pessoa em particular; Luxúria, associada à motivação para a gratificação sexual sem ter associada uma pessoa particular; e ligação (*attachment*), associada à segurança e união com um parceiro de longo prazo, tendo uma maior tranquilidade que as restantes. Inclusive a autora defende que cada um destes está associado a diferentes neurotransmissores, o amor romântico está ligado essencialmente à dopamina, e, possivelmente, à serotonina e norepinefrina; a luxúria à testosterona; e a ligação à oxitocina e vasopressina. A área das neurociências tem contribuído para consolidar estas perspetivas, destacando que diferentes

áreas cerebrais estão associadas de forma diferencial ao amor e desejo sexual (e.g. Acevedo, Aron, Fisher & Brown, 2011; Bartels, & Zeki, 2000; Fisher, Aron & Brown, 2005). Outros autores têm enfatizado estas diferenças (ver Diamond, 2003; Diamond, 2004; Gonzaga, Turner, Keltner, Campos & Altemus, 2006).

De acordo com a ideia que são processos interligados, mas distintos (e.g. Fisher, 2004) uma nova corrente de investigação tem defendido que o amor e o desejo sexual, tem independência ao nível cognitivo originando diferentes formas de processar informação (Förster et al., 2009; Förster et al., 2010; Förster, 2010).

É expectável que determinados sentimentos estejam relacionados com o processamento de informação. Sabe-se das teorias da cognição social que adquirimos conhecimento sobre o mundo e de como este funciona através das nossas experiências. Quando estas são sucessivas e consistentes estes conhecimentos são armazenados em estruturas de conhecimento ou representações gerais na memória – chamados esquemas, *scripts*, protótipos ou modelos internos. A sumarização destas experiências ao longo do tempo permite-nos não estarmos constantemente em sobrecarga de informação (ver Fitness (2006). Quando estas estruturas de conhecimento são ativadas – normalmente de forma automática por pistas internas ou externas – vão modelar os nossos afetos, cognições e consequente comportamento, tendo assim um papel determinante na nossa perceção, modos de processar informação, atitudes, crenças, objetivos, motivação, avaliações, expectativas ou estratégias comportamentais, ou seja, no todo das nossas relações interpessoais. (ver Fitness, 2006; Fletcher, Overall, Friesen, 2006).

Processamento de informação

Segundo uma das teorias do processamento de informação (e.g. Navon 1977), as pessoas podem atender a um acontecimento de duas formas: ou olham para o todo (*gestalt*) ou olham para a parte (foco nos detalhes). Ou seja, ou as pessoas se focam na floresta – ligado a um estilo de processamento global – ou se focam nas árvores – ligado a um estilo de processamento local.

Que tarefas são utilizadas?

Existem algumas tarefas clássicas de forma a medir/primar Processamento Global/Local.

O primeiro autor a fazer esta distinção entre processamento global- local foi Navon (1977); tendo para isso criado uma tarefa. Na tarefa de Navon (1977) – *Navon letter Task* – é

requerido aos participantes que indiquem que letra está a ser apresentada num ecrã. É apresentado aos participantes uma letra global constituída por pequenas letras locais. Sendo, a título de exemplo, apresentado um L grande constituído por pequenos H's. A letra a ser escolhida pelos participantes pode ser uma letra global ou local.

Navon (1977), a partir da sua investigação, postulou a hipótese da dominância global onde destaca que por defeito as pessoas são mais rápidas a identificar alvos globais ao invés de alvos locais, e, por isso, os globais são processados primeiro. Estes resultados foram encontrados em estudos mais recentes (e.g. Liberman & Förster, 2009a). Kimchi (1992) criticou esta explicação e alerta para haver algum cuidado a fazer interpretações deste efeito porque ainda não é claro o que leva a existir, podendo as letras maiores serem vistas mais facilmente.

Existe também uma alteração desta tarefa (e.g. Macrae & Lewis, 2002; Förster, Friedman, Özelsel & Denzler, 2006; Huntsinger, et al., 2010; Derryberry & Reed, 1998; Förster & Higgins, 2005) que serve ao objetivo de primar diferentes estilos de processamento entre participantes. Nesta tarefa é requerido aos participantes que se foquem, conforme a condição em que se encontrem, ou na letra Global ou nas letras locais. Para isso pede-se aos participantes que primam uma tecla se virem um H e primam outra se virem um L. Os participantes da condição global apenas encontrarão estas letras na *gestalt* (H global constituído por F's e T's; L global constituído por T's e F's) e os da condição local apenas as encontrarão nas pequenas letras (F global constituído por H's e L's; T global constituído por H's e L's); o que consequentemente modula o seu foco. A tarefa contém quatro estímulos que são repetidos perfazendo um total de doze ensaios por condição.

Em ambas as tarefas os ensaios são apresentados aleatoriamente e em cada ensaio aparece num ecrã uma letra composta por letras mais pequenas (cinco letras por linha); e em ambas é necessário tempos de reação para a análise.

Existe também o Paradigma chamado *Kimchi-Palmer-figure-task* (Kimchi & Palmer, 1982). Nesta tarefa é requerido que decidam o mais rápido possível qual de duas figuras é semelhante a uma figura alvo, as figuras são constituídas por quadrados ou triângulos globais constituídos pelas mesmas figuras mais pequenas (locais). Esta tarefa inclui 24 estímulos, a globalidade vs. localidade do participante é acedida através de um somatório de escolhas globais vs. locais. Esta tarefa foi criada com o objetivo de melhorar a tarefa de Navon (1977) que poderia ser confundida com tamanho (e.g., Kimchi & Palmer, 1982). Nesta, o número das figuras locais altera fazendo variar a grande figura evitando a confusão da globalidade com o tamanho (Kimchi, 1992).

Uma outra tarefa utilizada, foi criada por Friedman, Fishbach, Förster e Werth (2003) e inclui sete mapas dos EUA e, dependendo da condição, ou os participantes teriam que olhar para todo o estado (*broad perceptual scope*) ou apenas para uma estrela vermelha que indicava apenas uma cidade (*narrow perceptual scope*).

Glomo^{sys}

Förster e Dannenberg (2010a) criaram o modelo, chamado GLOMO^{sys} (*the GLObal versus LOcal processing MOdel, a systems account*) (ver também Förster, 2012). Neste modelo, são indicados dois sistemas de processamento: o sistema global (*glo-sys*) e o sistema local (*lo-sys*). Ao ser ativado o *glo-sys* as pessoas percebem a *gestalt*, ativam na memória categorias mais amplas, integram informação em estruturas de conhecimento já existentes processando assim a novidade. Aquando a ativação do *lo-sys* as pessoas percebem os detalhes, e ativam categorias mais limitadas e tipicamente levam à exclusão e diferenciação, processando familiaridade.

O GLOMO^{sys} integra e procura compreender os mecanismos cognitivos subjacentes a ambos os tipos de processamento (o como); as variáveis que levam ao processamento global/local; discute o porquê das pessoas entrarem em ambos os tipos de processamento, i.e., as suas funções.

Os autores alertam que ainda é necessária investigação para aprofundar este modelo, nomeadamente para perceber de este é dicotómico (*glo-sys* vs. *lo-sys*) ou se é um continuum; argumentando, no entanto que será difícil “estar” nos dois processamentos ao mesmo tempo – ver as árvores e simultaneamente ver a floresta (Förster, 2012; Förster & Dannenberg, 2010b).

O GLOMO^{sys} postula que o processamento global/local é transferido para outras tarefas sem que haja essa consciência; havendo uma relação entre processamento perceptivo e estilos de processamento conceptuais.

Num estudo acerca de julgamentos sociais, Förster, Liberman e Kuschel (2008), primaram processamento através da tarefa de Navon, de mapas e de distância temporal. Nesta tarefa era requerido aos participantes que se comparassem com pessoas alvo. Os resultados indicaram que o processamento global levava a uma maior assimilação, i.e., as pessoas incluem-se a si próprios na categoria dos alvos – percebem-se a si próprias como mais parecidas aos alvos – enquanto que o processamento local elicita a uma exclusão e contraste.

Förster (2009) verificou através da tarefa de Navon que existe uma ligação bidirecional entre processamento global e maior procura de similaridades (num programa de

televisão) e do processamento local com uma maior procura das diferenças.

Relativamente à criatividade foi verificado de forma sistemática que um processamento global leva a uma maior criatividade (e.g. Friedman & Förster, 2001; Förster et al., 2009; Förster & Denzler, 2012). Por exemplo, Friedman et al. (2003) através da primação do foco de atenção (e.g. mapas dos EUA) descobriram que os participantes primados com uma maior amplitude da atenção apontam usos mais originais de um tijolo e encontram exemplares mais improváveis de algumas categorias como “pássaros”, “cores”, “frutas”, “móveis”, “desportos”, “vegetais” e “veículos” enquanto que num foco limitado de atenção (e.g. numa pequena parte do mapa) a ativação de exemplares originais fica, pelo menos momentaneamente, inibida. Segundo este Modelo a distinção entre ambos os processamentos não se encontra ligada de forma restritiva à visão, diferentes primações do processamento global (e.g. visual, olfativa, gustativa) geram por exemplo (Förster & Denzler, 2012) maior criatividade (títulos mais criativos para um *cartoon*).

Macrae e Lewis (2002) através da primação da tarefa de Navon verificaram que o processamento global leva a um melhor reconhecimento de faces enquanto o processamento local o inibe, comparando com um grupo de controlo. Resultados nesta linha foram encontrados por Förster (2010) acrescentando, além disso, que o processamento local está associado a aumento de reconhecimento verbal.

Inúmeras variáveis “do mundo real” poderão levar ao processamento global-local (ver Förster, 2012; Förster & Dannenberg, 2010a para revisão). Em seguida serão destacados alguns exemplos apontados pelo *Glo-mo^{sys}* bem como outros que investigação mais recente tem destacado. É apontado pelos autores que pode ser informativo das funções do *glo-sys* e *lo-sys* identificar as relações entre estas variáveis. Estes sugerem que a novidade/familiaridade ou o focus regulatório podem explicar a integração destas variáveis (Förster, 2012; Förster & Dannenberg, 2010a). Aliás, um dos pressupostos deste modelo é que o processamento é baseado em fatores comuns (*psychological “glue”*).

Relativamente aos obstáculos, parece que (Marguc, Förster, & Kleef, 2011) mais obstáculos ao nível físico (labirintos) e mesmo auditivos estão associados a um foco de atenção mais abrangente, parece que quando as pessoas enfrentam um obstáculo começam a funcionar globalmente para o enfrentar, até porque apenas os participantes que estavam envolvidos no objetivo de terminar a tarefa (não voláteis) é que mudaram o seu modo de processar a informação, não tendo os restantes (voláteis) mudado o modo de processar.

No que concerne à novidade/familiaridade, esperar algo novo está associado a um processamento global em comparação com um grupo de controlo e a ideia de familiaridade associado a um processamento local (medido pela tarefa de Navon e de Kimchi e Palmer) (Förster, Liberman, Shapira, 2009). Foi igualmente apontado pelos autores do estudo que quando novas informações nos chegam, estas precisam de ser integradas nas estruturas de conhecimento já existente, por sua vez, o tipo de processamento que mais dá lugar a esta integração é o global. Contudo, se esta “novidade” for de algum modo ameaçadora as pessoas poderão processar informação de forma mais analítica (Förster, Marguc & Gillebaart, 2010).

O estado de espírito tem um forte efeito no modo de processar informação percetiva, mais especificamente, um estado de espírito negativo tem sido associado a um processamento local e um estado de espírito positivo a um processamento global. Por exemplo, Gasper e Clore (2002) primaram Estado de Espírito numa tarefa em que os participantes teriam que escrever sobre um acontecimento das suas vidas pessoais que os fez sentir “felizes e positivos” ou “tristes e negativos” ou “um dia típico das suas semanas” (grupo de controlo). De modo a verificar o tipo de processamento utilizaram a *Kimchi-Palmer-Task*. Os resultados indicaram que os indivíduos primados com um estado de espírito positivo fizeram mais escolhas globais do que os primados com estado de espírito negativo (no grupo de controlo os participantes ativaram igualmente um estado de espírito positivo, e por isso os resultados foram semelhantes aos primados com estado de espírito positivo; o estado de espírito negativo diminui as escolhas globais. Gasper (2004) replicou estes resultados. Fredrickson e Branigan (2005) verificaram em relação a um grupo de controlo, que um estado de espírito positivo aumentava os *scopes* de atenção.

Chartrand, Baaren e Bargh (2006) acrescentam que uma exposição prolongada a estímulos de valência emocional positiva-negativa afeta automaticamente e fora da consciência os estados de espírito (positivo - negativo) e consequentemente o modo de processar informação (heurístico - analítico). Os indivíduos que se encontram num estado de espírito positivo têm maior probabilidade de usar heurísticas do que os em estados negativos (Melton, 1995).

Mesmo num estudo relativo a acontecimentos autobiográficos com uma prévia manipulação de estado de espírito, num estado de espírito positivo os participantes fazem descrições mais abstratas (em termos do “porquê”), enquanto que indivíduos num estado de espírito negativo têm maior tendência para os descreverem de forma mais detalhada (em termos do “como”) (Beukeboom & Semin, 2005).

A meta-análise de Baas, De Dreu e Nijstad (2008) corrobora estes resultados, já que ao avaliar a ligação entre humor positivo e criatividade sugerem que a criatividade é uma função de maior flexibilidade de processamento e por isso a uma atenção conceptual mais ampla; que está associada a um processamento mais globalista.

Os indivíduos no estado de espírito negativo têm maior probabilidade de ver as árvores do que a floresta e os indivíduos num estado de espírito positivo o inverso. Inúmeras investigações têm corroborado estes resultados apesar de mais atualmente esta ligação tão estreita possa ser contestada (Clore, Schiller & Shaked, 2018). Por exemplo, Schmid, Mast, Bombari, Mast e Lobmaier (2011) confirmaram que um estado de espírito positivo leva a um processamento mais global, apesar disso, ao contrário do expectável, um estado de espírito positivo não se traduziu num menor processamento local. Mais surpreendentemente, alguns autores (Huntsinger, Clore & Bar-Anan, 2010) criaram um paradigma em que se dava a primação de um processamento global-local, seguidamente uma primação de estado de espírito e de seguida era medido o processamento. Os investigadores concluíram que numa maior acessibilidade do processamento global (e.g. primado pela tarefa de Navon) um estado de espírito positivo levava a um processamento global em comparação com estados de espírito negativos (e.g. medido pela *Kimchi-Palmer-figure task*); no entanto quando era mais acessível um processamento local, um estado de espírito positivo levava a um maior número de escolhas locais do que um estado de espírito negativo. Este estudo mostra que a ligação entre processamento global-local e estado espírito positivo-negativo também é explicada pela acessibilidade, e que esta, inclusive, pode reverter a ligação esperada.

Também foi encontrada ligação entre alguns aspetos da psicopatologia e processamento. Nomeadamente a ansiedade (Derryberry & Reed, 1998; Remmers & Zander, 2018) e a compulsão de comer prejudica (Becker et al, 2017) o processamento holístico; além disso pessoas com uma perturbação obsessiva-compulsiva focam-se mais nas letras locais na tarefa de Navon (Yovel, Revelle & Mineka, 2005).

Processamento e Género

Na literatura não é muito claro qual o efeito de género no processamento de informação. Existem estudos que indicam que as mulheres processam mais estímulos locais e os homens processam mais estímulos globais (Roalf, Lowery & Turetsky, 2006; Pletzer, 2014; Scheuringer & Pletzer, 2016; Razumnikova & Volf, 2011). Por exemplo, Scheuringer e Pletzer (2016) verificaram se as escolhas globais locais variavam consoante o género na *Kimchi Palmer Task*, curiosamente não houve diferenças de género no referente às escolhas

do participante; as diferenças apenas foram encontradas nos tempos de reação; sendo que as mulheres eram mais rápidas a fazer escolhas locais e os homens a fazer escolhas globais. Já Razumnikova e Volf (2011) utilizando a Tarefa de Navon, encontraram resultados de que as mulheres processam mais rapidamente estímulos locais e os homens processam mais rapidamente estímulos globais.

Outras investigações destacam o inverso, i.e., que as mulheres processam informação mais globalmente e os homens localmente (Schmid et al., 2011), nomeadamente no reconhecimento de emoções (Hall, Witelson, Szechtman, & Nahmias, 2004) ou apontam que as diferenças de género, ao nível da perceção visual, dependem do contexto e da tarefa (Kimchi, Amishav & Sulitzeanu-Kenan, 2009).

Construal Level Theory

A *Construal Level Theory* (CLT, Trope & Liberman, 2003; Trope & Liberman, 2010; Liberman & Trope, 2008; Liberman & Trope, 2014) postulando que a distância psicológica está relacionada com o modo de representar informação, i.e., com as representações mentais (Trope & Liberman, 2003).

A distância psicológica, sendo uma experiência egocêntrica, refere-se a uma sensação subjetiva de que eventos, objetos ou indivíduos estão afastados ou próximos do *self* e da experiência presente (Trope & Liberman, 2010). A distância pode-se referir à distância temporal, social, espacial e hipotética (Liberman & Trope, 2014), e todas elas têm como ponto zero, de referência, o *self* ou o “aqui e agora”.

Qualquer evento ou objeto pode ser representado em diferentes níveis de representação (*construal*) que tem funções cognitivas diferentes. Ou seja, dependendo da informação, e se esta é pertencente, por exemplo, a um futuro/passado próximo ou distante as pessoas vão construir diferentes representações dessa mesma informação, isto porque naturalmente as pessoas conhecem menos acerca de um futuro distante e pensam nele de forma mais abstrata. As representações podem ser de nível superior (*high level construal*) ou de nível inferior (*low level construal*) (Trope & Liberman, 2003; Trope & Liberman, 2010). As representações de nível superior servem a uma representação de objetos distantes, porque com a distância é necessário manter o essencial e um quadro genérico e as suas propriedades invariantes. São representações mais abstratas, esquemáticas, simples, coerentes que omitem os detalhes. Servindo para “transcender o aqui e agora”, ou seja, tanto as dimensões temporais como as espaciais. (Trope & Liberman, 2010). Quando um evento é percebido a uma maior distância temporal, maior é a probabilidade de este ser representado em termos de

características centrais e abstratas, i.e., *high level construal*, e menor é a probabilidade de ser percebido pelos seus detalhes. Estes são usado para o planeamento de eventos mais distantes temporalmente, compreensão do passado, tomada de decisão em situações insertas, situações hipotéticas, maior distância social. Por outro lado, as representações de nível inferior acarretam uma representação mais minuciosa, rica, detalhada, concretas, pouco estruturada para um uso imediato, servindo para o presente (Trope & Liberman, 2010). A proximidade psicológica é associada a representações de nível inferior. A título de exemplo, é possível haver uma referência ao mesmo evento como “alguém está a jogar à bola” podendo-se acrescentar detalhes como a cor da bola, o local do jogo – no baixo nível – ou “alguém está a divertir-se” – num alto nível. À segunda forma de representação omite-se o detalhe “bola”, tendo-se assim uma menor informação sobre a ação, o objeto envolvente na ação e o contexto do evento (Trope & Liberman, 2010). Há assim uma decisão implícita acerca das características centrais e periféricas do acontecimento, omite-se as secundárias e mantêm-se as essenciais (Liberman & Trope, 2008).

As representações de nível superior e inferior são condicionadas pela distância espacial (Fujita, Henderson, Eng, Trope, & Liberman, 2006), temporal (Liberman & Trope, 1998; Liberman, Sagristano & Trope, 2002), social (Liviatan, Trope, & Liberman, 2008) e hipotética (Wakslak, Trope, Liberman, & Alony, 2006).

De forma a ativar representações de nível superior a investigação tem usado a questão “porque” e de modo a ativar representações de nível inferior utiliza a questão “como?” (e.g. Liberman & Trope, 1998; Liberman, Trope, McCrea & Sherman, 2007)

Objetivos distantes serão representados num nível superior e representações de nível superior ativarão objetos mais distantes (Trope & Liberman, 2010). Além disso, como foi referido, a distância psicológica aplica-se e reflete-se em diferentes dimensões – social, temporal, espacial, hipotética. Estas dimensões são unidas pelo conceito de distância psicológica, o que significa que estão associadas mentalmente e que, de forma automática, uma dimensão da distância psicológica ativará as outras dimensões, porque ao nível da representação mental elas encontram-se ligadas (Liberman & Trope, 2008). Assim, em hipótese, “há muito tempo atrás” (distância temporal) ativará a representação de um “lugar longínquo” (distância espacial). Esta ideia foi corroborada para as quatro distâncias psicológicas por Bar-Anan, Liberman e Trope (2006).

Para além disso, Henderson, Fujita, Trope e Liberman (2006) encontraram evidência que a distância espacial afeta os julgamentos e tomada de decisão, mais especificamente, uma maior distância espacial promoveu interpretações de nível superior (maior estruturação do

comportamento em unidades mais globais, ligação de comportamento a disposições globais, menor ligação a características específicas da situação).

Ligação CLT e GLOMO^{SYS}

A CLT é aplicada tanto ao nível da abstração conceptual como é aplicável a um sistema percetivo (Trope & Liberman, 2008, 2010). A distinção entre representações de nível superior e de nível inferior relacionam-se respetivamente com o processamento global e o processamento local. Por exemplo, a uma maior distância é possível ver a floresta (representação de nível superior), mas a uma distância menor provavelmente só conseguiríamos ver as árvores (representação de baixo nível) – para ver as árvores aproximamo-nos e para ver a floresta afastamo-nos (Trope & Liberman, 2010); ou seja, a uma maior distância psicológica de um objeto as suas características genéricas são mais dominantes, mas os seus detalhes “*desaparecem*”, e vice-versa. A perceção globalista ou localista pode ser vista como uma forma não literal de distância espacial física: as pessoas podem escolher olhar para os detalhes de um estímulo visual e ignorar a *gestalt* – como se estivessem mais próximos do estímulo – ou atender ao todo, ignorando as partes – como se fisicamente estivessem mais afastadas.

Do ponto de vista empírico Liberman e Förster (2009a) verificaram que a distância psicológica aos níveis temporais, espaciais e sociais, aumenta o processamento global ao nível de estímulos visuais. Neste sentido, primaram distância psicológica pedindo aos participantes que escrevessem acerca do seu dia de amanhã ou um ano depois (distância temporal); se imaginassem sentados numa cadeira a cinco centímetros, cinco metros ou a dez metros do seu melhor amigo (distância espacial) ou que imaginassem que encontrariam o seu médico de família, com quem teriam uma relação próxima, média ou fossem casados com ele (distância social). De modo a verificar a relação causal, os mesmos autores (Liberman & Förster, 2009b) primaram processamento global/local através da Navon Task e esta teve o impacto esperado na distância temporal (estimar quanto tempo demorariam a ir a uma consulta de dentista grátis), espacial (distância entre o próprio e uma cidade), social (estimar a proximidade entre o próprio e o medico de família), hipotética (estimar a probabilidade de serem os melhores no seu campo de trabalho); ou seja, o processamento global aumentou a estimativa de todas as distâncias psicológicas.

Além disso uma perspetiva temporal de um futuro mais distante aumenta o pensamento criativo e enfraquece um pensamento concreto ou analítico (Förster, Friedman & Liberman, 2004) respetivamente ligados a um processamento global e local (Friedman &

Förster, 2001; Förster et al., 2009; Förster & Denzler, 2012).

A ligação do processamento e do amor/desejo sexual

Anteriormente referiu-se que um grupo de investigadores (Förster et al., 2009; Förster et al., 2010; Förster, 2010) associou os sentimentos amor (luxúria) ao processamento de informação. Os investigadores utilizaram um paradigma que permitiu primar vários sentimentos: indicaram aos participantes para imaginar um passeio com alguém que amassem e procurassem reviver o quanto apaixonados se sentiam (amor); imaginassem uma situação de sexo casual com alguém por quem se sentissem atraídos mas por quem não nutrissem sentimentos amorosos (desejo sexual) (Förster et al., 2009; Förster et al., 2010; Förster, 2010); ou que imaginassem um passeio com um amigo de longa data que eles gostassem mas pelo qual não tivessem inclinações amorosas (amizade) (Förster et al., 2010). Os participantes conseguiram evocar situações distintas o que corrobora esta ideia de desejo sexual e amor associados a diferentes processos cognitivos.

Para além desta primação direta acrescentam que a primação funcionaria também subliminarmente e que estes processos se desencadeariam por um processo automático (Förster, et al., 2009; Förster et al., 2010; Förster, 2010). Nesta tarefa apareciam palavras como “amor”, “sexo”, “felicidade” subliminarmente enquanto os participantes executavam uma tarefa em que o (alegado) objetivo era indicar onde aparecia um estímulo no ecrã, do lado esquerdo ou direito.

Os resultados indicaram, de forma consistente, que a primação de amor leva a um processamento mais global e a primação de desejo sexual (ou luxúria, ou sexo) leva a um processamento mais local. A amizade funciona de forma semelhante ao amor.

Förster e colaboradores argumentaram que os seus resultados se relacionam com a distância temporal (Trope & Liberman, 2003), inclusive os participantes dos seus estudos evocam situações de amor numa perspetiva de futuro distante (desejos, metas) em relação à evocação de desejo sexual ou a um grupo de controlo (Förster et al., 2009), i.e., amor e amizade são sentimentos mais abstratos, que envolvem comprometimento e ligação tendo uma perspetiva de longo prazo, e estão associados a um ideal, enquanto que sexo casual tem uma perspetiva do “aqui e do agora” (ver também Förster & Dannenberg 2010b). Para testar esta hipótese, recorram também à primação do sentimento felicidade que contém em si a componente de abstração, e uma valência emocional positiva, mas não possui a perspetiva de longo termo, e tal como esperado esta não tem um impacto como o amor (Förster et al., 2010; Förster, 2010). Estes estudos para além de darem suporte à ligação entre amor/luxúria e

processamento global/local, dão indicações que esta relação é mediada pela perspectiva temporal.

Adicionalmente, destacam que o amor promove uma menor diferenciação das qualidades do parceiro em relação à amizade e luxúria, mostrando a luxúria o nível mais acentuado de diferenciação (Förster et al., 2009). Tal como um processamento global está ligado a uma menor diferenciação e um processamento local ao inverso (Förster, 2009). Ademais, o amor promove um melhor reconhecimento facial enquanto luxúria melhora o reconhecimento verbal e inibe o reconhecimento de faces (Förster, 2010). Igualmente parece que a primação de amor aumenta a recordação (memória) já que amplia a motivação para a tarefa e a sua consequente atenção (Lamy, Guéguen & Fisher-Lokou, 2016) aumenta a criatividade (Griskevicius, Cialdini & Kenrick, 2006) e o desejo sexual inibe a criatividade e está relacionado com um processamento analítico (Förster, et al., 2009). Segundo Förster e colaboradores o que medeia este efeito é a ativação de um processamento global ou local, respetivamente.

Em suma, parece que o que medeia a relação entre amor (sexo) e processamento é a perspectiva temporal. Além disso, o impacto do amor em tarefas mais complexas como a criatividade e o maior reconhecimento de faces e menor diferenciação parece ser explicado pela ativação do processamento global.

Todavia, os resultados não parecem ser assim tão claros se repararmos que luxúria está associada a um processamento local (Förster, et al., 2010), está associada ao aumento de reconhecimento de palavras (Förster, 2010), está igualmente associada a uma inibição do processamento global (Förster, et al., 2010) e a uma inibição do reconhecimento de faces (Förster, 2010). Constata-se que a luxúria inibe a possibilidade das pessoas perceberem uma *gestalt* mais geral. Por outro lado, o amor apesar de aumentar um processamento global (Förster, et al., 2010) e produzir um efeito de melhor reconhecimento facial (Förster, 2010) não reduz um processamento local de forma significativa (em comparação com um grupo de controlo) nem o reconhecimento de palavras.

Mais recentemente, a investigação de Lamy et al. (2016) suporta esta ideia relativamente à memória com uma tarefa de problema-solução. Os resultados indicaram que participantes após primação de amor, em comparação com um grupo de controlo (não havendo primação de luxúria), apresentaram maior compreensão profunda – associada ao processamento global – e de recordação de detalhes mais periféricos, não havendo uma diminuição deste último efeito.

Förster e colaboradores põem em hipótese que num estado de amor, os dois tipos de processamento podem funcionar, apesar do processamento global funcionar melhor, e que um estado de amor necessite de uma boa memória ao nível de faces, mas também ao nível de informações verbais. Podemos presumir que amor pode englobar e necessitar de mecanismos cognitivos mais complexos que a luxúria. Esta ideia já tinha sido apontada pelo modelo de Neff e Karney (2002) ao demonstrarem que as pessoas ao amarem um parceiro percecionam-no a nível das suas características globais e específicas (i.e., local), e que os enviesamentos ao nível global não inibem a perceção de características específicas.

Um outro estudo do mesmo grupo de investigadores (Epstude & Förster, 2011) questionou se estes efeitos poderiam acontecer de forma inversa, tentando demonstrar a relação causal do efeito, i.e., se a primação de um processamento global ou local, levaria as pessoas a ativarem sentimentos de amor e desejo sexual respetivamente em situações românticas ambíguas. Os resultados são de acordo com o esperado. Para isso, e de modo a primar um determinado nível de representação (*level of construal*) os participantes observavam seis vinhetas sobre um ator. A tarefa consistia em escreverem porque é que esta personagem fazia algo (*high level of construal*) ou como é que o fazia (*low level of construal*) (Estudo 1). Ou utilizando a tarefa de Fujita, Trope, Liberman e Levin-Sagi (2006, cit. por Epstude & Förster, 2011) os participantes completavam 40 frases, como “*o Empire state Building é um exemplo de...*”, tendo que inferir uma categoria de ordem superior, ou “*um exemplo para um arranha-céu é...*” tendo que inferir uma interpretação de nível inferior (Estudo 2 e 3). A tarefa seguinte consistia na leitura de uma história em aberto que as participantes teriam que terminar. Esta vinheta relatava um episódio em que um homem e uma mulher se conheciam num bar e se consideravam mutuamente atraentes e por fim o homem levava a mulher a casa. Após escreverem o final da história os participantes responderam a um grupo de perguntas com uma escala de resposta de 1 a 7, que se relacionavam em saber se os participantes pensavam: que este casal estava apaixonado, se seria um caso de uma noite, e se se manteriam em contacto passado um ano. Os resultados apontam que indivíduos primados com um nível de representação superior interpretavam a situação como mais amorosa do que sexual e viam maior probabilidade na manutenção do contacto passado um ano, já os primados com um nível de representação inferior o inverso acontecia, vendo a situação como mais sexual do que amorosa e vendo menor probabilidade na manutenção do contacto.

Além disso, com procedimentos semelhantes concluíram que numa situação de final de relação um nível de representação superior levava a uma maior perceção de possibilidade

de retomar a relação e num nível de representação inferior o inverso aconteceria.

Efeitos de estado de espírito, género e de estado de relação.

Um tipo de processamento global foi sistematicamente relacionado com um estado de espírito positivo (e.g. Gasper and Clore, 2002, Gasper, 2004). No entanto, nos estudos de Förster e colaboradores estes fazem a primação de amor e desejo sexual apontando que consequentemente poderão estar a provocar efeitos na tarefa seguinte de avaliação do estado de espírito; sendo possível que estes possam estar associados a uma valência emocional positiva. Num estudo mais recente, a primação de amor não parece levar a um estado de espírito positivo (Lamy, et al., 2016) No entanto, estes podem ser efeitos apenas da sua amostra. Como apontado em inúmeras investigações existe um *lado negro* do amor e da sexualidade (e.g. Anderson & Cyranowski, 1994); nomeadamente as relações próximas podem ser associadas a emoções de valência emocional positiva como amor e compaixão mas podem ter associadas emoções de valência emocional negativa como o ciúme, medo e a zanga (Fitness, 2006). Mesmo no estudo de Epstude e Förster (2011) que fazem a primação de processamento não existem efeitos do estado de espírito. Mesmo assim – e apesar da aparente consistência destes resultados – importa estar atento a esta variável tendo em conta o seu impacto potencial no processamento e nos sentimentos subjacentes às relações interpessoais.

Em nenhum dos estudos de Förster a relação entre amor e processamento é influenciada pelo género e é de notar que no último estudo (Epstude & Förster, 2011) apenas participaram indivíduos do género feminino.

O estado de relação, se os indivíduos estão solteiros se comprometidos, não teve qualquer efeito nos estudos de Förster e colaboradores, por outro lado Epstude e Förster (2011) não verificaram esta variável. Contudo, a investigação tem apontado que as pessoas que se encontram numa relação amorosa têm tendência a reportar menor atração por alvos atraentes, nomeadamente porque estes são vistos como potenciais ameaças (e.g. Rodrigues & Lopes, 2017). Este fenómeno deve-se ao facto de indivíduos numa relação amorosa tenderem a comportar-se de forma a proteger a estabilidade da relação, i.e., têm um comportamento de derrogação de alternativas resultando numa menor atenção e atração sentida por pessoas alternativas à pessoa da relação presente (e.g., Rodrigues & Garcia-Marques, 2005; Rodrigues, Lopes & Kumashiro, 2017; Johnson & Rusbult, 1989; Simpson, Gangestad, & Lerma, 1991).

Crítica

Atende-se que neste grupo de estudos os autores apenas tentaram compreender esta relação num contexto das relações íntimas ou *dating* (ora pediram a participantes que se posicionassem numa situação ora pediram que avaliassem o desfecho de histórias). Sabemos que o contexto das relações íntimas tem a particularidade de serem relações voluntárias, i.e., são escolhidas por nós. Todavia, também outras relações interpessoais são relevantes nas nossas vidas e não têm este carácter voluntário, como por exemplo, relações profissionais que são relações sociais, mas estabelecidas exogenamente (ver VanLear, Koerner & Allen, 2006).

Além disso, a internet apresenta um papel de crescente importância nas relações interpessoais (e.g. Raacke, & Bonds-Raacke, 2008; Ellison, Steinfield & Lampe, 2007; Oh, Ozkaya, & LaRose, 2014), podendo melhorar a ligação com amigos e familiares (Howard, Rainie & Jones, 2001). Muitos indivíduos utilizam as redes sociais para formarem relações (Raacke & Bonds-Raacke, 2008; Finkel, Eastwick, Karney, Reis, & Sprecher, 2012). Existem igualmente diferenças de género no uso de internet, nomeadamente, os homens fazem mais uso para procurar relações românticas e de cariz sexual, por outro lado as mulheres fazem um maior uso para comunicação interpessoal e manutenção de relações (Weiser, 2000; Boneva, Kraut & Frohlich, 2001). Já ao nível de relações de amizade não parecem existir diferenças de género (Raacke & Bonds-Raacke, 2008).

Referências

- Acevedo, B. P., Aron, A., Fisher, H. E., & Brown, L. L. (2011). Neural correlates of long-term intense romantic love. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 7(2), 145–159. doi:10.1093/scan/nsq092.
- Anderson, B. L., & Cyranowski, J. M. (1994). Women's sexual self-schema. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 1079–1100.
- Aron, A., & Aron, E. N. (1986). *Love and the expansion of self: Understanding attraction and satisfaction*. New York, NY, US: Hemisphere Publishing Corp/Harper & Row Publishers.
- Aron, A., Fisher, H. E., & Strong, G. (2006). Romantic love. In A. L. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 595-614). New York: Cambridge University Press.
- Aron, A., & Westbay, L. (1996). Dimensions of the prototype of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 535.

- Bar-Anan, Y., Liberman, N., & Trope, Y. (2006). The association between psychological distance and construal level: Evidence from an implicit association test. *Journal of Experimental Psychology: General*, 135(4), 609-622. doi:10.1037/0096-3445.135.4.609.
- Bartels, A., & Zeki, S. (2000). The neural basis of romantic love. *NeuroReport*, 11(17), 3829–3834. doi:10.1097/00001756-200011270-00046
- Berscheid, E., & Meyers, S. (1996). A social categorical approach to a question about love. *Personal Relationships*, 3, 19-43.
- Berscheid, E., & Reis, H. (1998). Attraction and close relationships. In D. Gilbert, S. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (4th Edition, pp. 193-281). New York: McGraw-Hill.
- Berscheid, E., & Walster, E. (1979). *Interpersonal attraction* (2nd ed.). Reading, Mass.: Addison-Wesley.
- Becker, K. R., Plessow, F., Coniglio, K. A., Tabri, N., Franko, D. L., Zayas, L. V., ... & Eddy, K. T. (2017). Global/local processing style: Explaining the relationship between trait anxiety and binge eating. *International Journal of Eating Disorders*, 50(11), 1264-1272
- Boneva, B., Kraut, R., & Frohlich, D. (2001). Using e-mail for personal relationships: The difference gender makes. *American behavioral scientist*, 45(3), 530-549.
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and brain sciences*, 12(1), 1-14.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of personality and social psychology*, 58(4), 644.
- Conley, T. D., Moors, A. C., Matsick, J. L., Ziegler, A., & Valentine, B. A. (2011). Women, men, and the bedroom: Methodological and conceptual insights that narrow, reframe, and eliminate gender differences in sexuality. *Current Directions in Psychological Science*, 20(5), 296-300.
- Diamond, L. M. (2003). What does sexual orientation orient? A biobehavioral model distinguishing romantic love and sexual desire. *Psychological Review*, 110, 173–192.
- Diamond, L. M. (2004). Emerging perspectives on distinctions between romantic love and sexual desire. *Current directions in psychological science*, 13(3), 116-119.
- Derryberry, D., & Reed, M. A. (1998). Anxiety and attentional focusing: Trait, state and hemispheric influences. *Personality and individual differences*, 25(4), 745-761.
- Dion, K., Berscheid, E., & Walster, E. (1972). What is beautiful is good. *Journal of Personality and Social Psychology*, 24(3), 285–290. doi:10.1037/h0033731
- Dion, K. L., & Dion, K. K. (1973). Correlates of romantic love. *Journal of Consulting and*

- Clinical Psychology*, 41(1), 51–56. doi:10.1037/h0035571.
- Ellison, N. B., Steinfield, C., & Lampe, C. (2007). The benefits of Facebook “friends:” Social capital and college students’ use of online social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12(4), 1143-1168.
- Epstude, K., & Förster, J. (2011). Seeing love, or seeing lust: How people interpret ambiguous romantic situations. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47(5), 1017-1020.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (2004). Attachment and sexuality in close relationships. In J. H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships* (pp. 183-201). New York: Psychology Press.
- Fehr, B. (1988). Prototype analysis of the concepts of love and commitment. *Journal of personality and social psychology*, 55(4), 557.
- Fehr, B. (1994). Prototype-based assessment of laypeople’s views of love. *Personal Relationships*, 1(4), 309–331. doi:10.1111/j.1475-6811.1994.tb00068.x
- Fehr, B., & Russell, J. A. (1984). Concept of emotion viewed from a prototype perspective. *Journal of experimental psychology: General*, 113(3), 464.
- Fehr, B., & Russell, J. A. (1991). The concept of love viewed from a prototype perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(3), 425–438. doi:10.1037/0022-3514.60.3.425.
- Feingold, A. (1990). Gender differences in effects of physical attractiveness on romantic attraction: A comparison across five research paradigms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 981-993. doi: 10.1037/0022-3514.59.5.981.
- Finkel, E. J., Eastwick, P. W., Karney, B. R., Reis, H. T., & Sprecher, S. (2012). Online dating: A critical analysis from the perspective of psychological science. *Psychological Science in the Public Interest*, 13(1), 3-66.
- Fisher, H. E. (2004). *Why We Love: The nature and chemistry of romantic love*. New York: Henry Holt and Company.
- Fisher, H. E., Aron, A., & Brown, L. L. (2005). Romantic love: An fMRI study of a neural mechanism for mate choice. *The Journal of Comparative Neurology*, 493(1), 58–62. doi:10.1002/cne.20772
- Fitness, J. (2006). Emotion and Cognition In P. Noller, & J. Feeney (Eds), *Close Relationships: functions, forms and processes* (pp. 285-203). New York: Psychology Press.

- Fletcher, G. J., Overall, N., Friesen, M. (2006). Social cognition in Intimate Relationships. In A. L. Vangelisti, & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 353-368). New York: Cambridge University Press.
- Fletcher, G. J., Simpson, J. A., Thomas, G., & Giles, L. (1999). Ideals in intimate relationships. *Journal of personality and social psychology*, 76(1), 72.
- Förster, J. (2009). Relations between perceptual and conceptual scope: How global versus local processing fits a focus on similarity versus dissimilarity. *Journal of Experimental Psychology: General*, 138(1), 88-111.
- Förster, J. (2010). How love and sex can influence recognition of faces and words: A processing model account. *European Journal of Social Psychology*, 40, 524–535, doi: 10.1002/ejsp.656.
- Förster, J., & Dannenberg, L. (2010a). GLOMO^{SYS}: A systems account of global versus local processing. *Psychological Inquiry*, 21, 175–197.
- Förster, J., & Dannenberg, L. (2010b). GLOMO^{SYS}: A systems account of global versus local processing. *Psychological Inquiry*, 21, 175– 197. A detailed summary of the GLOMO^{SYS} model.
- Förster, J., & Denzler, M. (2012). Sense creative! The impact of global and local vision, hearing, touching, tasting, and smelling on creative and analytic thought. *Social Psychological and Personality Science*, 3, 108–117. ^[1]_{SEP}
- Förster, J., Epstude, K., & Özelsel, A. (2009). Why love has wings and sex has not: How reminders of love and sex influence creative and analytic thinking. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35 (11), 1479-91 doi: 10.1177/0146167209342755.
- Förster, J., Friedman, R. S., & Liberman, N. (2004). Temporal construal effects on abstract and concrete thinking: Consequences for insight and creative cognition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87, 177–189.
- Förster, J., Friedman, R. S., Özelsel, A., & Denzler, M. (2006). Enactment of approach and avoidance behavior influences the scope of perceptual and conceptual attention. *Journal of Experimental Social Psychology*, 42(2), 133-146.
- Förster, J., & Higgins, E. T. (2005). How global versus local perception fits regulatory focus. *Psychological science*, 16(8), 631-636.
- Förster, J., Liberman, N., & Kuschel, S. (2008). The effect of global versus local processing styles on assimilation versus contrast in social judgment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 94, 579–599.

- Förster, J., Liberman, N., & Shapira, O. (2009). Preparing for novel versus familiar events: Shifts in global and local processing. *Journal of Experimental Psychology: General*, 138, 383–399.
- Förster, J., Marguc, J., & Gillebaart, M. (2010). Novelty categorization theory. *Social and Personality Psychology Compass*, 4(9), 736-755.
- Förster, J., Özelsel, A., & Epstude, K. (2010). How love and lust change people's perception of relationship partners. *Journal of Experimental Social Psychology*, 46(2), 237-246.
- Friedman, R. S., Fishbach, A., Förster, J., & Werth, L. (2003). Attentional priming effects on creativity. *Creativity Research Journal*, 15, 277–286.
- Friedman, R. S., & Förster, J. (2001). The effects of promotion and prevention cues on creativity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 1001–1013.
- Fujita, K., Henderson, M. D., Eng, J., Trope, Y., & Liberman, N. (2006). Spatial distance and mental construal of social events. *Psychological Science*, 17(4), 278-282.
- Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and brain sciences*, 23(4), 573-587.
- Gillath, O., Mikulincer, M., Birnbaum, G. E., & Shaver, P. R. (2008). When Sex Primes Love: Subliminal Sexual Priming Motivates Relationship Goal Pursuit. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34(8), 1057–1069. doi:10.1177/0146167208318141.
- Gonzaga, G. C., Turner, R. A., Keltner, D., Campos, B., & Altemus, M. (2006). Romantic love and sexual desire in close relationships. *Emotion*, 6(2), 163–179. doi:10.1037/1528-3542.6.2.163.
- Hall, G. B., Witelson, S. F., Szechtman, H., & Nahmias, C. (2004). Sex differences in functional activation patterns revealed by increased emotion processing demands. *Neuroreport*, 15(2), 219-223.
- Hatfield, E., & Sprecher, S. (1986). Measuring passionate love in intimate relationships. *Journal of adolescence*, 9(4), 383-410.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of personality and social psychology*, 52(3), 511.
- Henderson, M. D., Fujita, K., Trope, Y., & Liberman, N. (2006). Transcending the “here”: The effect of spatial distance on social judgment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 845–856.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 392-402.

- Howard, P. E., Rainie, L., & Jones, S. (2001). Days and nights on the Internet: The impact of a diffusing technology. *American Behavioral Scientist*, 45(3), 383-404.
- Huntsinger, J. R., Clore, G. L., & Bar-Anan, Y. (2010). Mood and global–local focus: Priming a local focus reverses the link between mood and global–local processing. *Emotion*, 10(5), 722.
- Jackson, J. J., & Kirkpatrick, L. A. (2007). The structure and measurement of human mating strategies: Toward a multidimensional model of sociosexuality. *Evolution and Human Behavior*, 28(6), 382-391.
- Johnson, D. J., & Rusbult, C. E. (1989). Resisting temptation: Devaluation of alternative partners as a means of maintaining commitment in close relationships. *Journal of personality and social Psychology*, 57(6), 967.
- Jonason, P. K. (2013). Four functions for four relationships: Consensus definitions of university students. *Archives of Sexual Behavior*, 42, 1407–1414. doi:10.1007/s10508-013-0189-7
- Kimchi, R. (1992). Primacy of wholistic processing and global/local paradigm: a critical review. *Psychological Bulletin*, 112(1), 24-38.
- Kimchi, R., Amishav, R., & Sulitzeanu-Kenan, A. (2009). Gender differences in global–local perception? Evidence from orientation and shape judgments. *Acta Psychologica*, 130(1), 64-71.
- Kimchi, R., & Palmer, S. (1982). Form and texture in hierarchically constructed pattern. *Journal of Experimental Psychology*, 8(4), 521-535.
- Lamy, L., Guéguen, N., & Fischer-Lokou, J. (2016). Remember it with love: Effects of love priming on text recall. *Review of psychology*, 23(1-2), 3-14.
- Lasswell, T. E., & Lasswell, M. E. (1976). I Love You But I'm Not In Love with You*. *Journal of Marital and Family Therapy*, 2(3), 211–224. doi:10.1111/j.1752-0606.1976.tb00413.x.
- Lee, J. A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3(2), 173-182.
- Lee, J. A. (1988). Love-styles. In R. J. Sternberg, & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 38-67). New Haven, CT, US: Yale University Press.
- Liberman, N., & Förster, J. (2009a). The Effect of Psychological Distance on Perceptual Level of Construal. *Cognitive Science*, 33(7), 1330–1341. doi:10.1111/j.1551-6709.2009.01061.x.
- Liberman, N., & Förster, J. (2009b). Distancing from experienced self: How global-versus-

- local perception affects estimation of psychological distance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97, 203–216.
- Liberman, N., Sagristano, M. D., & Trope, Y. (2002). The effect of temporal distance on level of mental construal. *Journal of experimental social psychology*, 38(6), 523-534.
- Liberman, N., & Trope, Y. (1998). The role of feasibility and desirability considerations in near and distant future decisions: A test of temporal construal theory. *Journal of personality and social psychology*, 75(1), 5.
- Liberman, N., & Trope, Y. (2008). The psychology of transcending the here and now. *Science*, 322 (5905), 1201-1205.
- Liberman, N., & Trope, Y. (2014). Traversing psychological distance. *Trends in cognitive sciences*, 18(7), 364-369. doi: 10.1016/j.tics.2014.03.001.
- Liberman, N., Trope, Y., McCrea, S. M., & Sherman, S. J. (2007). The effect of level of construal on the temporal distance of activity enactment. *Journal of Experimental Social Psychology*, 43, 143-149.
- Liviatan, I., Trope, Y., & Liberman, N. (2008). Interpersonal similarity as a social distance dimension: Implications for perception of others' actions. *Journal of experimental social psychology*, 44(5), 1256-1269.
- Luo, S., & Zhang, G. (2009). What Leads to Romantic Attraction: Similarity, Reciprocity, Security, or Beauty? Evidence From a Speed-Dating Study. *Journal of Personality*, 77(4), 933–964. doi:10.1111/j.1467-6494.2009.00570.x.
- Macrae, C. N., & Lewis, H. L. (2002). Do I know you? Processing orientation and face recognition. *Psychological Science*, 13(2), 194-196.
- Marguc, J., Förster, J., & Van Kleef, G. A. (2011). Stepping back to see the big picture: When obstacles elicit global processing. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(5), 883-901. doi: 10.1037/a0025013.
- Navon, D. (1977). Forest before trees: The precedence of global features in visual perception. *Cognitive Psychology*, 9, 353– 383.
- Neff, L. A., & Karney, B. R. (2002). Judgments of a relationship partner: Specific accuracy but global enhancement. *Journal of personality*, 70(6), 1079-1112.
- Neff, L. A., & Karney, B. R. (2005). To know you is to love you: The implications of global adoration and specific accuracy for marital relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88(3), 480.
- Neff, L. A., & Karney, B. R. (2009). Stress and reactivity to daily relationship experiences: How stress hinders adaptive processes in marriage. *Journal of Personality and Social*

- Psychology*, 97(3), 435.
- Neto, F. (1994). Love styles among portuguese students. *The Journal of Psychology*, 128(5), 613-616.
- Newcomb, T. (1963). Stabilities underlying changes in interpersonal attraction. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 66, 376-386.
- Noller, P. (1996). What is this thing called love? Defining the love that supports marriage and family. *Personal Relationships*, 3(1), 97-115.
- Oh, H. J., Ozkaya, E., & LaRose, R. (2014). How does online social networking enhance life satisfaction? The relationships among online supportive interaction, affect, perceived social support, sense of community, and life satisfaction. *Computers in Human Behavior*, 30, 69-78.
- Peele, S. (1988). Fools for love: the romantic ideal, psychological theory, and addictive love. In R. J. Sternberg, & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 159-188). New Haven, CT, US: Yale University Press.
- Penke, L., & Asendorpf, J. B. (2008). Beyond global sociosexual orientations: A more differentiated look at sociosexuality and its effects on courtship and romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 1113-1135. doi:10.1037/0022-3514.95.5.1113.
- Pletzer, B. (2014). Sex-specific strategy use and global-local processing: a perspective toward integrating sex differences in cognition. *Frontiers in neuroscience*, 8, 425.
- Raacke, J., & Bonds-Raacke, J. (2008). MySpace and Facebook: Applying the uses and gratifications theory to exploring friend-networking sites. *Cyberpsychology & behavior*, 11(2), 169-174.
- Razumnikova, O. M., & Volf, N. V. (2011). Information processing specialization during interference between global and local aspects of visual hierarchical stimuli in men and women. *Human Physiology*, 37(2), 137-142.
- Regan, P. C., & Berscheid, E. (1995). Gender differences in beliefs about the causes of male and female desire. *Personal Relationships*, 2, 345-358.
- Regan, P. C., & Berscheid, E. (1996). Beliefs about the state, goals, and objects of sexual desire. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 22(2), 110-120.
- Regan, P. C. & Berscheid, E. (1999). *Lust: What we know about human sexual desire*. London: Sage Publications.
- Regan, P. C., & Dreyer, C. S. (1999). Lust? Love? Status? *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 11(1), 1-24. doi:10.1300/j056v11n01_01

- Regan, P. C., Kocan, E. R., & Whitlock, T. (1998). Ain't Love Grand! A Prototype Analysis of the Concept of Romantic Love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(3), 411–420. doi:10.1177/0265407598153006.
- Regan, P. C., Levin, L., Sprecher, S., Christopher, F. S., & Gate, R. (2000). Partner preferences: What characteristics do men and women desire in their short-term sexual and long-term romantic partners?. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 12(3), 1-21.
- Reis, H. T., & Aron, A. (2008). Love: What is it, why does it matter, and how does it operate?. *Perspectives on Psychological Science*, 3(1), 80-86.
- Remmers, C., & Zander, T. (2018). Why You Don't See the Forest for the Trees When You Are Anxious: Anxiety Impairs Intuitive Decision Making. *Clinical Psychological Science*, 6(1), 48-62.
- Roalf, D., Lowery, N., & Turetsky, B. I. (2006). Behavioral and physiological findings of gender differences in global-local visual processing. *Brain and Cognition*, 60(1), 32-42.
- Rodrigues, D. (2010). “Só de olhar para ti...”: O fenómeno de atracção inicial (Tese de Doutoramento não publicada). Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal.
- Rodrigues, D., & Garcia-Marques, T. (2005). Marquemos o encontro ao cimo da escada: O papel da activação fisiológica na atracção interpessoal. *Análise Psicológica*, 23(4), 427-436.
- Rodrigues, D., & Garcia-Marques, T. (2007). Estou caidinho (a) por ti. Concepção e validação do Índice do Sentimento C (“estar caidinho por...”). *Laboratório de psicologia*, 5(1), 3-15.
- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2017). Sociosexuality, commitment, and sexual desire for an attractive person. *Archives of sexual behavior*, 46(3), 775-788.
- Rodrigues D., Lopes D., & Kumashiro M. (2017). The “I” in us, or the eye on us? Regulatory focus, commitment and derogation of an attractive alternative person. *PLoS ONE*, 12(3): e0174350. doi: 10.1371/journal.pone.0174350
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Pereira, M. (2016). “We agree and now everything goes my way”: Consensual sexual nonmonogamy, extradyadic sex, and relationship satisfaction. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 19(6), 373-379.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265–273.

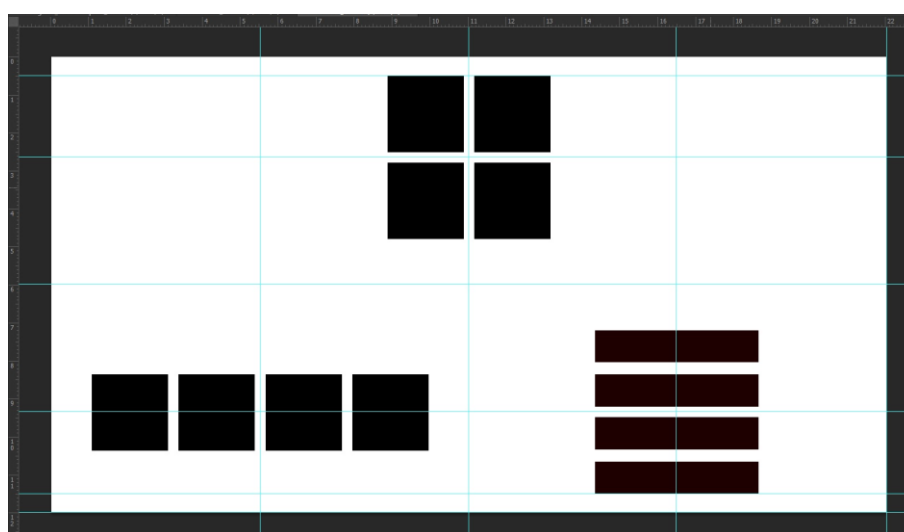
- Schachner, D. A., & Schaver, P. R. (2004). Attachment dimensions and sexual motives. *Personal Relationships, 11*, 179–195.
- Scheuringer, A., & Pletzer, B. (2016). Sex differences in the Kimchi-Palmer task revisited: Global reaction times, but not number of global choices differ between adult men and women. *Physiology & behavior, 165*, 159-165.
- Schmitt, D. P. (2003). Universal sex differences in the desire for sexual variety: Tests from 52 nations, 6 continents, and 13 islands. *Journal of personality and social psychology, 85*(1), 85.
- Schmitt, D. P. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture, and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences, 28*(2), 247-275.
- Schmitt, D. P., Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (2001). Are men really more 'oriented' toward short-term mating than women? A critical review of theory and research. *Psychology, Evolution & Gender, 3*(3), 211-239.
- Schmid, P. C., Mast, M. S., Bombari, D., Mast, F. W., & Lobmaier, J. S. (2011). How mood states affect information processing during facial emotion recognition: an eye tracking study. *Swiss Journal of Psychology, 70*, 223-231. doi: 10.1024/1421-0185/a000060
- Shaver, P. R., & Hazan, C. (1988). A biased overview of the study of love. *Journal of Social and Personal relationships, 5*(4), 473-501.
- Shaver, P. R., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). The integration of three behavioral systems. In R. J. Sternberg, & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 68-99). New Haven, CT, US: Yale University Press.
- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology, 60*, 870–883. doi:10.1037/0022-3514.60.6.870.
- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1992). Sociosexuality and romantic partner choice. *Journal of Personality, 60*, 31–51. doi:10.1111/j.1467-6494.1992.tb00264.x.
- Simpson, J. A., Gangestad, S. W., & Biek, M. (1993). Personality and nonverbal social behavior: An ethological perspective of relationship initiation. *Journal of Experimental Social Psychology, 29*, 434–461. doi:10.1006/jesp.1993.1020.
- Simpson, J. A., Gangestad, S. W., Christensen, P. N., & Leck, K. (1999). Fluctuating asymmetry, sociosexuality, and intrasexual competitive tactics. *Journal of Personality and Social Psychology, 76*(1), 159.

- Simpson, J. A., Gangestad, S., & Lerma, M. (1990). Perception of physical attractiveness: Mechanisms involved in the maintenance of romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1192–1201. doi: 10.1037/0022-3514.59.6.1192.
- Simpson, J. A., Wilson, C. L., & Winterheld, H. A. (2004). Sociosexuality and romantic relationships. In J. H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships* (pp. 87–112). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Smith, E., Mackie, D., Claypool, H. (2015). *Atraccion relationships and love In Social Psychology*. New York: Psychology Press.
- Sprecher, S., & Regan, P. C. (1998). Passionate and companionate love in courting and young married couples. *Sociological Inquiry*, 68(2), 163-185.
- Sprecher, S., Sullivan, Q., & Hatfield, E. (1994). Mate selection preferences: gender differences examined in a national sample. *Journal of personality and social psychology*, 66(6), 1074.
- Sprecher, S., Treger, S., & Sakaluk, J. K. (2013). Premarital sexual standards and sociosexuality: Gender, ethnicity, and cohort differences. *Archives of Sexual Behavior*, 42(8), 1395-1405.
- Stefanou, C., & McCabe, M. P. (2012). Adult attachment and sexual functioning: A review of past research. *The Journal of Sexual Medicine*, 9 (10), 2499–2507.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological review*, 93(2), 119.
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating of love. In R. J. Sternberg, & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 119-138). New Haven, CT, US: Yale University Press.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27(3), 313-335.
- Trope, Y., & Liberman, N. (2003). Temporal construal. *Psychological Review*, 110, 403–421.
- Trope, Y., & Liberman, N. (2010). Construal-level theory of psychological distance. *Psychological Review*, 117, 440–463.
- VanLear, C. A., Koerner A., & Allen, D. (2006) Relationships Typologies. In A. L. Vangelisti, & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 91-110). New York: Cambridge University Press.
- Wakslak, C. J., Trope, Y., Liberman, N., & Alony, R. (2006). Seeing the forest when entry is unlikely: probability and the mental representation of events. *Journal of Experimental Psychology: General*, 135(4), 641.

- Weiser, E. B. (2000). Gender differences in Internet use patterns and Internet application preferences: A two-sample comparison. *Cyberpsychology and behavior*, 3(2), 167-178.
- Yovel, I., Revelle, W., & Mineka, S. (2005). Who sees trees before forest? The obsessive-compulsive style of visual attention. *Psychological science*, 16(2), 123-129.

Anexo B – Desenvolvimento de materiais

Os 24 estímulos criados podem ser agrupados em três séries distintas, sendo duas delas baseadas nas investigações de Kimchi e Palmer (1982) e outra criada para o presente estudo. Estes estímulos foram criados no *software Adobe Photoshop* numa página de 22 cm por 12 cm, sendo as figuras quadrados e retângulos. Para uniformizar onde as figuras iriam aparecer na folha, utilizaram-se algumas linhas de referência. Fez-se uma margem na parte superior e inferior da folha de 0.5 cm, de seguida dividiu-se a folha em 4 quadrantes. Os quadrados da figura alvo ficaram no centro dos quadrantes superiores sobrepostos com a margem superior, a partir do centro do quadrado foi criada a linha horizontal de referência, ou seja, todas as figuras alvo aparecem no mesmo centro (11 cm na horizontal e 2,6 cm na vertical). As figuras de escolha apareciam no centro vertical do 3º quadrante e no centro do 4º quadrante, no caso de se tratar de um quadrado coincide com a margem inferior, e do mesmo modo, a partir desta marca, criou-se uma linha horizontal de referência, mais especificamente a figura da direita aparece sempre no centro de aproximadamente 5.6 cm na horizontal e aproximadamente 9.3 cm na vertical, a figura da esquerda aparece a 16.3 cm na horizontal e a aproximadamente 9.3 cm na vertical (ver figura).

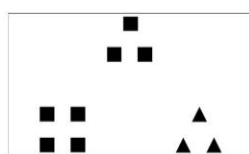


Procurou-se encontrar medidas o mais próximo possível da tarefa original. O lado do

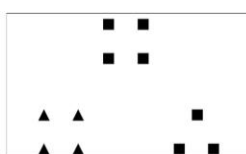
quadrado global foi de 4.3 cm e do retângulo global 2cm por 8.9cm, e estas medidas mantiveram-se nos 24 estímulos. Relativamente às figuras locais nos primeiros 8 estímulos os quadrados tinham de lado 2cm e os retângulos 0.85 por 4.3 cm, o espaçamento entre as figuras globais foi de 0.3 cm; cada figura global era formada por 4 figuras. Nos segundos 8 estímulos os quadrados locais mediram de lado 0.85cm, tendo um espaçamento entre si de aproximadamente 0.85cm; já os retângulos locais mediram 0.28 por 4.3 cm, com um espaçamento de aproximadamente 0.3cm. Neste grupo cada figura global era constituída por 8 figuras. Por último, nos 8 estímulos seguintes, 16 figuras compunham uma figura global, os quadrados locais eram da mesma dimensão que as anteriores (0.85 por 0.85 cm) e os retângulos mediram 0.28cm por 2cm; o espaçamento entre as figuras foi de aproximadamente 0.3cm.

Na execução das figuras procedeu-se a alguns arredondamentos o que implicou que alguns dos espaçamentos entre as figuras locais – que perfazem as globais – não fossem todos similares. Não foi possível ter uma precisão menor que o milímetro no programa utilizado, no entanto, não parecem ser desvios relevantes.

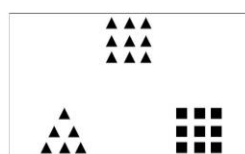
Anexo C - Estímulos da medida de Processamento Global-Local



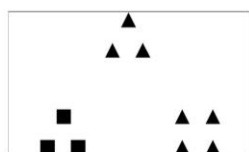
Estímulo 1



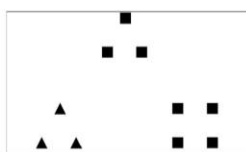
Estímulo 2



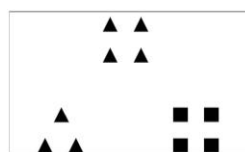
Estímulo 3



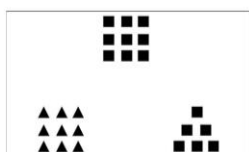
Estímulo 4



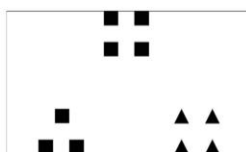
Estímulo 5



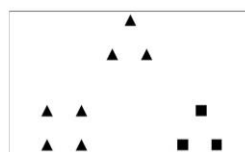
Estímulo 6



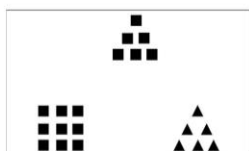
Estímulo 7



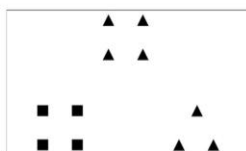
Estímulo 8



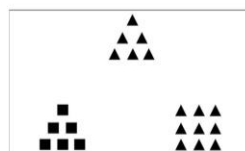
Estímulo 9



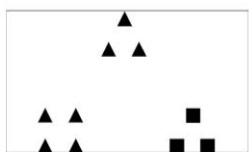
Estímulo 10



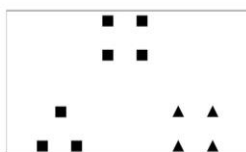
Estímulo 11



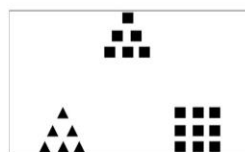
Estímulo 12



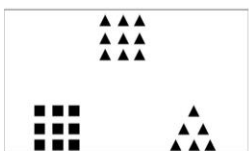
Estímulo 13



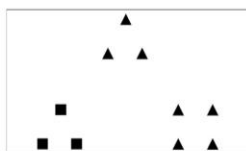
Estímulo 14



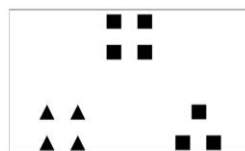
Estímulo 15



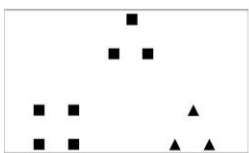
Estímulo 16



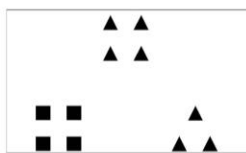
Estímulo 17



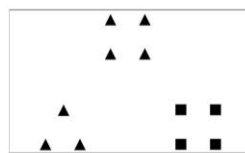
Estímulo 18



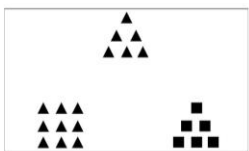
Estímulo 19



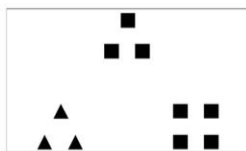
Estímulo 20



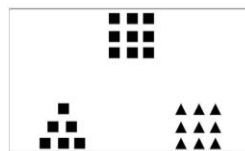
Estímulo 21



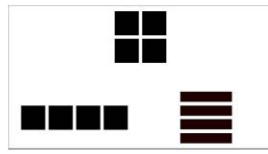
Estímulo 22



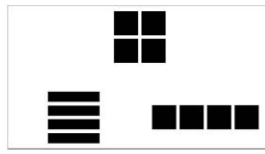
Estímulo 23



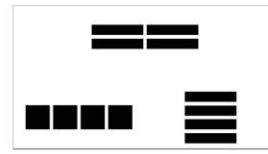
Estímulo 24



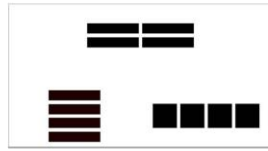
Estímulo 25



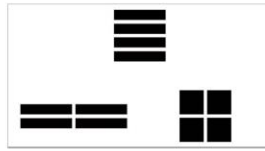
Estímulo 26



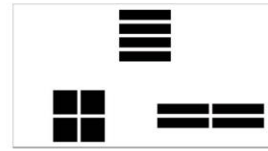
Estímulo 27



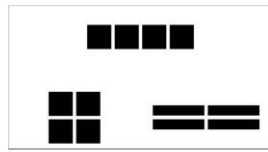
Estímulo 28



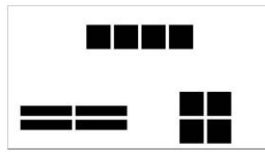
Estímulo 29



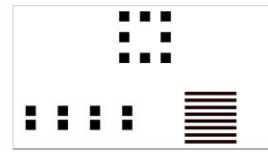
Estímulo 30



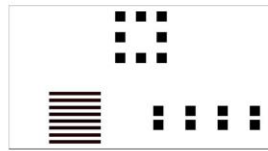
Estímulo 31



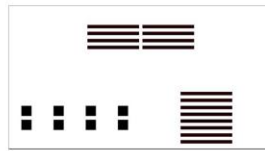
Estímulo 32



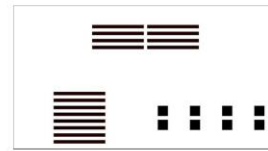
Estímulo 33



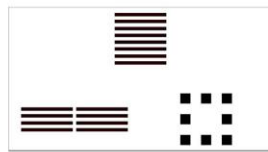
Estímulo 34



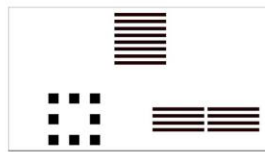
Estímulo 35



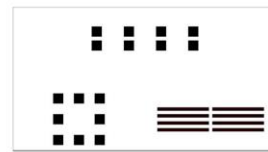
Estímulo 36



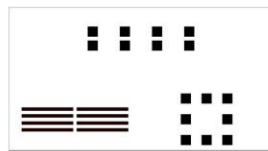
Estímulo 37



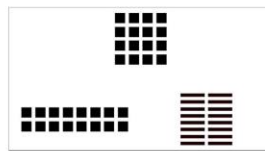
Estímulo 38



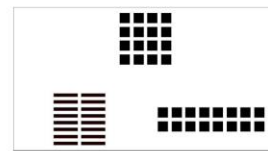
Estímulo 39



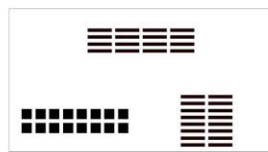
Estímulo 40



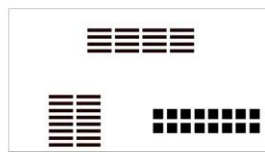
Estímulo 41



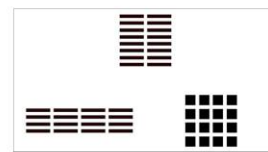
Estímulo 42



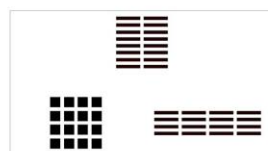
Estímulo 43



Estímulo 44



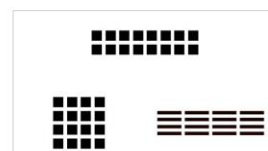
Estímulo 45



Estímulo 46



Estímulo 47



Estímulo 48

Anexo D – Critérios de inclusão e exclusão de dados para análise

D1: Correlações entre o **tempo** de resposta ao estudo e variáveis principais em estudo

	Process.	Socio	E. Espírito	Comp. Sex.	Amizade	Sexo	Amor
Tempo	.08 ($p=.47$)	.13 ($p=.23$)	.03 ($p=.81$)	.10 ($p=.39$)	.12 ($p=.29$)	.13 ($p=.25$)	.05 ($p=.64$)

D2: Tempo que os participantes demoraram a responder ao estudo (em segundos)

	Média	SD	Mínimo	Máximo	Mediana
Tempo	631.72	555.82	274.00	4041.00	482.00

D3: Correlações entre a **idade** dos participantes e variáveis principais em estudo

	Process.	Socio	E. Espírito	Comp. Sex.	Amizade	Sexo	Amor
Idade	.06 ($p=.57$)	.010 ($p=.93$)	-.19 ($p=.08$)	.00 ($p=.98$)	-.05 ($p=.65$)	-.11 ($p=.31$)	-.13 ($p=.24$)

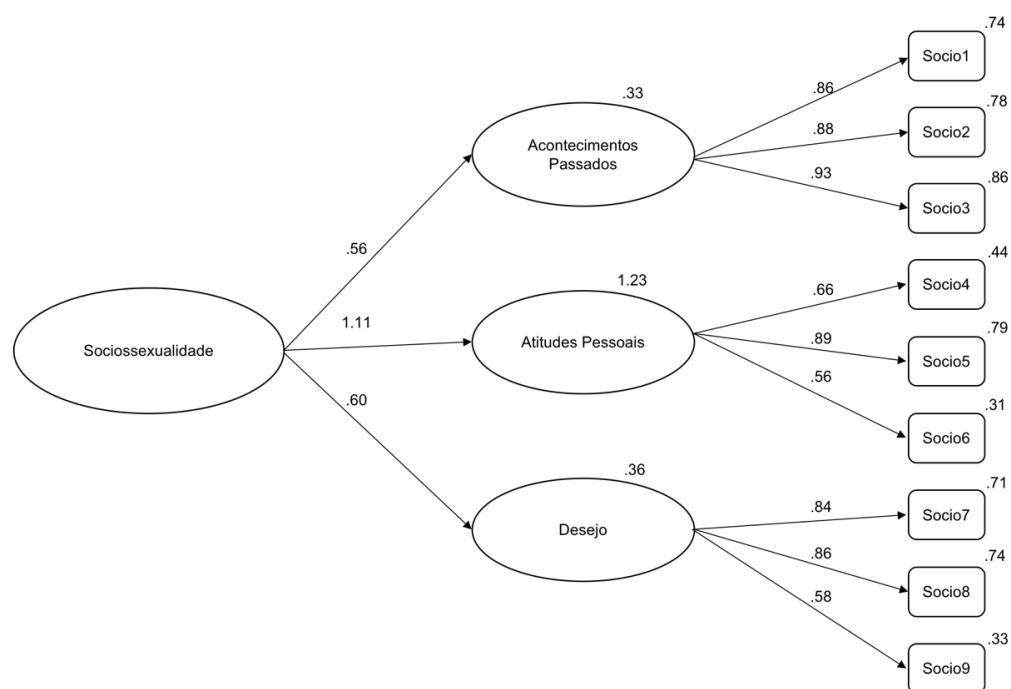
D4: Médias e Anova relativas às Habilitações Literárias

	<i>M</i> Secundário	<i>SD</i>	<i>M</i> licenciatura	<i>SD</i>	<i>M</i> mestra <i>do</i>	<i>SD</i>	<i>df</i>	<i>F</i>	<i>Sig</i>
Process	27.73	14.63	31.59	12.39	32.43	13.32	2, 79	0.75	.48
Socio	3,71	1.20	3.27	1.268	3.03	0.99	2, 79	1.29	.28
Estado de espírito	4.58	1,84	4.04	1.72	3.38	2.10	2, 79	1.36	.26
Comp_sex	1.64	1.00	1.47	0.93	1.00	0.00	2, 79	1.28	.28
Amizade	4.36	1.43	4.17	1.37	3.43	1.62	2, 79	1.18	.31
D. sexual	4.45	1.85	3.47	1.76	3.57	2.44	2, 79	2.24	.11
Amor	3.86	1.78	3.32	1.82	3.43	2.57	2, 79	0.65	.52

D5: Anova e Médias referentes ao Meio de Resposta com as principais variáveis em estudo

	<i>MComput</i>	<i>SD</i>	<i>MTablet</i>	<i>SD</i>	<i>MTelemóv el</i>	<i>SD</i>	<i>df</i>	<i>F</i>	<i>Sig</i>
Process	30.32	13.61	27.33	9.87	32.24	12.44	2, 78	0.26	.77
Socio	3.40	1.33	2.56	0.59	3.37	1.04	2, 78	0.66	.52
Estado de espírito	3.94	1.67	3.22	0.84	4.75	2.13	2, 78	1.99	.14
Comport_sex	1.51	0.97	1.67	1.16	1.38	0.81	2, 78	0.21	.82
Amizade	4.14	1.47	5.00	1.00	4.00	1.27	2, 78	0.66	.52
D. Sexual	3.72	1.79	3.00	2.00	3.81	2.11	2, 78	0.24	.79
Amor	3.42	1.78	4.00	2.65	3.43	2.04	2, 78	0.14	.87

Anexo E – Estudo das características métricas da escala de sociossexualidade (AFE)



Anexo F – Teste T entre género e índices de processamento

	<i>G.L.</i>	<i>F</i>	<i>Sig</i>	<i>Soma dos quadrados</i>	<i>Média dos quadrados</i>
Processamento_ variável contínua	1,80	0.85	.36	145.28	145.28

Anexo G – Teste de regressões do modelo entre processamento e homossexualidade com a variável critério desejo sexual

<i>Variáveis preditoras</i>	<i>Não-Padronizados</i>	β	<i>T</i>	<i>Sig</i>
Constante	3.69		17.63	.00
Processamento centrada	-0.00	-.02	-0.14	.89
Somossexualidade centrada	0.36	.24	2.11	.04
Interação (Processamento *Somossexualidade)	-0.01	-.12	-1.10	.27

Anexo H – Correlações entre processamento e homossexualidade e as três variáveis dependentes (amor, desejo sexual, amizade) para ambos os géneros separadamente; para ambos os contextos (G) e para cada um deles separadamente

H1: Correlações relativas ao sexo masculino ($N=33$) para contexto social ($N=18$) e profissional ($N=15$)

	Somossexualidade	D. sexual	Amor	Amizade
Process G	-.31 ($p=.08$)	-.19 ($p=.29$)	-.04 ($p=.82$)	.04 ($p=.81$)
Social	-.10 ($p=.70$)	-.13 ($p=.60$)	.24 ($p=.35$)	.42 ($p=.08$)
Prof	-.54* ($p=.04$)	-.20 ($p=.47$)	-.41 ($p=.13$)	-.39 ($p=.15$)
Somossex G		.44** ($p=.01$)	.14 ($p=.43$)	.20 ($p=.26$)
Social		.52* ($p=.03$)	.10 ($p=.71$)	.06 ($p=.82$)
Prof		.38 ($p=.16$)	.17 ($p=.54$)	.33 ($p=.23$)
D. sexual G			.59** ($p<.001$)	.61** ($p<.001$)
Social			.69** ($p<.01$)	.41 ($p=.05$)
Prof			.47 ($p=.08$)	.70** ($p<.01$)
Amor G				.79** ($p<.001$)
Social				.76** ($p<.001$)
Prof				.82** ($p<.001$)

H2: Correlações relativas ao sexo feminino ($N=49$) para social ($N=26$) e profissional ($N=23$)

	Somossexualidade	D. sexual	Amor	Amizade
Process G	-.24 ($p=.10$)	.03 ($p=.86$)	.05 ($p=.72$)	.07 ($p=.63$)
Social	-.20 ($p=.32$)	.41* ($p=.04$)	.35 ($p=.08$)	.06 ($p=.77$)
Prof	-.31 ($p=.15$)	-.30 ($p=.17$)	-.22 ($p=.31$)	.12 ($p=.59$)
Somossex G		.02 ($p=.91$)	-.05 ($p=.72$)	-.22 ($p=.12$)
Social		-.02 ($p=.91$)	-.10 ($p=.63$)	-.25 ($p=.22$)
Prof		.15 ($p=.50$)	.07 ($p=.74$)	-.13 ($p=.55$)

D. sexual G			.84** ($p<.001$)	.44** ($p<.01$)
Social			.68** ($p<.001$)	.34 ($p=.09$)
Prof			.95** ($p<.001$)	.47* ($p=.02$)
Amor G				.51** ($p<.001$)
Social				.37 ($p=.07$)
Prof				.63** ($p<.001$)

Anexo I – Teste de regressões do modelo entre processamento e homossexualidade com a variável critério desejo sexual apenas para os participantes do gênero feminino

<i>Variáveis Predictoras</i>	<i>Não-Padronizados</i>	β	<i>T</i>	<i>Sig</i>
Constante	3.28		11.94	.00
Processamento centrada	0.01	.04	0.26	.79
Somossexualidade centrada	0.02	.02	0.11	.92
Interação (Processamento *Somossexualidade)	0.01	.08	0.54	.59

Anexo J – Teste da Moderação a partir de regressões com as variáveis critério processamento e homossexualidade com a variável critério amor

J1: Modelo de Regressão para ambos os sexos

	R^2	R^2 . <i>Ajustado</i>	<i>Erro</i>	<i>Soma dos quadrados</i>	<i>df</i>	<i>Média dos quadrados</i>	<i>F</i>	<i>Sig</i>
Regressão	.02	-.02	1.89	4.57	3	1.52	0.43	.73
Resíduo				277.88	78	3.56		
Total				282.45	81			

<i>Variáveis Predictoras</i>	<i>Não-Padronizados</i>	β	<i>T</i>	<i>Sig</i>
Constante	3.42		15.88	.00
Processamento centrada	0.00	.02	0.18	.86
Somossexualidade centrada	0.10	.06	0.54	.59
Interação (Processamento *Somossexualidade)	-0.01	-.11	-0.98	.33

J2: Modelo de Regressão para o sexo Masculino

	R^2	R^2 . <i>Ajustado</i>	<i>Erro</i>	<i>Soma dos quadrados</i>	<i>df</i>	<i>Média dos quadrados</i>	<i>F</i>	<i>Sig</i>
Regressão	.22	.14	1.68	22.50	3	7.50	2.66	.07
Resíduo				81.75	29	2.82		
Total				104.24	32			

<i>Variáveis Predictoras</i>	<i>Não-Padronizados</i>	β	<i>T</i>	<i>Sig</i>
Constante	3.60		11.45	.00
Processamento centrada	0.02	.13	0.707	.49
Sociossexualidade centrada	0.06	.04	0.23	.82
Interação (Processamento *Sociossexualidade)	-0.05	-.48	-2.69	.01

J3: Modelo de Regressão para o Sexo Feminino

	R^2	R^2 <i>Ajustado</i>	<i>Erro</i>	<i>Soma dos</i> <i>quadrados</i>	<i>df</i>	<i>Média dos</i> <i>quadrados</i>	<i>F</i>	<i>Sig</i>
Regressão	.02	-.05	1.93	2.80	3	0.93	0.25	.86
Resíduo				167.74	45	3.73		
Total				170.53	48			

<i>Variáveis Predictoras</i>	<i>Não-Padronizados</i>	β	<i>T</i>	<i>Sig</i>
Constante	3.24		11.24	.00
Processamento centrada	0.01	.05	0.35	.73
Sociossexualidade centrada	-0.08	-.05	-0.35	.73
Interação (Processamento *Sociossexualidade)	0.01	.11	0.74	.46

Anexo K - Análises multivariadas e univariadas (MANCOVA)

K1: Output Mancova, testes multivariados com as variáveis amizade, sexo e amor

<i>Effect</i>		Valor	<i>F</i>	<i>Graus de liberdade</i>	<i>Sig.</i>	η
Intercept	Pillai's Trace	,534	25,982 ^b	3, 68	,000	,534
	Wilks' Lambda	,466	25,982 ^b	3, 68	,000	,534
	Hotelling's Trace	1,146	25,982 ^b	3, 68	,000	,534
	Roy's Largest Root	1,146	25,982 ^b	3, 68	,000	,534
Comportam ento Sexual	Pillai's Trace	,031	,721 ^b	3, 68	,543	,031
	Wilks' Lambda	,969	,721 ^b	3, 68	,543	,031
	Hotelling's Trace	,032	,721 ^b	3, 68	,543	,031
	Roy's Largest Root	,032	,721 ^b	3, 68	,543	,031
Estado de Espírito	Pillai's Trace	,007	,155 ^b	3, 68	,926	,007
	Wilks' Lambda	,993	,155 ^b	3, 68	,926	,007
	Hotelling's Trace	,007	,155 ^b	3, 68	,926	,007
	Roy's Largest Root	,007	,155 ^b	3, 68	,926	,007

Sociossexualidade	Pillai's Trace	,083	2,044 ^b	3, 68	,116	,083
	Wilks' Lambda	,917	2,044 ^b	3, 68	,116	,083
	Hotelling's Trace	,090	2,044 ^b	3, 68	,116	,083
	Roy's Largest Root	,090	2,044 ^b	3, 68	,116	,083
Género	Pillai's Trace	,171	4,684 ^b	3, 68	,005	,171
	Wilks' Lambda	,829	4,684 ^b	3, 68	,005	,171
	Hotelling's Trace	,207	4,684 ^b	3, 68	,005	,171
	Roy's Largest Root	,207	4,684 ^b	3, 68	,005	,171
Contexto	Pillai's Trace	,205	5,832 ^b	3, 68	,001	,205
	Wilks' Lambda	,795	5,832 ^b	3, 68	,001	,205
	Hotelling's Trace	,257	5,832 ^b	3, 68	,001	,205
	Roy's Largest Root	,257	5,832 ^b	3, 68	,001	,205
Processamento	Pillai's Trace	,020	,452 ^b	3, 68	,717	,020
	Wilks' Lambda	,980	,452 ^b	3, 68	,717	,020
	Hotelling's Trace	,020	,452 ^b	3, 68	,717	,020
	Roy's Largest Root	,020	,452 ^b	3, 68	,717	,020
Género *	Pillai's Trace	,063	1,522 ^b	3, 68	,217	,063
	Wilks' Lambda	,937	1,522 ^b	3, 68	,217	,063
	Hotelling's Trace	,067	1,522 ^b	3, 68	,217	,063
	Roy's Largest Root	,067	1,522 ^b	3, 68	,217	,063
Processamento	Pillai's Trace	,077	1,891 ^b	3, 68	,139	,077
	Wilks' Lambda	,923	1,891 ^b	3, 68	,139	,077
	Hotelling's Trace	,083	1,891 ^b	3, 68	,139	,077
	Roy's Largest Root	,083	1,891 ^b	3, 68	,139	,077
CONTEXT O *	Pillai's Trace	,119	3,050 ^b	3, 68	,034	,119
	Wilks' Lambda	,881	3,050 ^b	3, 68	,034	,119
Processamento	Hotelling's Trace	,135	3,050 ^b	3, 68	,034	,119
	Roy's Largest Root	,135	3,050 ^b	3, 68	,034	,119
Género *	Pillai's Trace	,089	2,218 ^b	3, 68	,094	,089
Contexto *	Wilks' Lambda	,911	2,218 ^b	3, 68	,094	,089
Processamento	Hotelling's Trace	,098	2,218 ^b	3, 68	,094	,089
	Roy's Largest Root	,098	2,218 ^b	3, 68	,094	,089

K2: Análise univariada do impacto do processamento nas variáveis amor, desejo sexual e amizade

	M_{Global} (n=50)	SD	M_{Local} (n=31)	SD	df	F	Sig	η^2
D. Sexual	3.64	1.68	3.84	2.16	1,68	0.63	.43	.00
Amor	3.44	1.79	3.45	1.99	1,68	0.25	.62	.00
Amizade	4.12	1.27	4.16	1.61	1,68	1.1	.30	.02

K3: Análise univariada do impacto do contexto nas variáveis amor, desejo sexual e amizade

	M_{Social} ($N=44$)	SD	$M_{Profissional}$ ($N=37$)	SD	df	F	Sig	η^2
D. Sexual	3.20	1.64	4.32	1.96	1,68	13.19	.00	.16
Amor	3.00	1.82	3.97	1.79	1,68	9.37	.00	.12
Amizade	3.80	1.44	4.54	1.26	1,68	12.75	.00	.15

K4: Análise univariada do impacto do **gênero** nas variáveis amor, desejo sexual e amizade

	$M_{Masculino}$ $N=33$	SD	$M_{Feminino}$ $N=48$	SD	df	F	Sig	η^2
D. Sexual	4.48	1.77	3.19	1.76	1, 68	12.7	.00	.15
Amor	3.85	1.81	3.17	1.86	1, 68	4.34	.04	.06
Amizade	4.36	1.88	3.98	1.15	1, 68	5.61	.02	.07

K5: Análise univariada do impacto da interação (processamento e contexto) nas variáveis desejo sexual amor e amizade.

	Global				Local							
	M_{Social} $N=27$	SD	$M_{Profiss}$ $N=23$	SD	M_{Social} $N=17$	SD	$M_{Profiss}$ $N=14$	SD	df	F	Sig	η^2
D. Sexual	3.34	1.45	3.87	1.91	2.82	1.88	5.07	1.86	3, 68	4.50	.04	.06
Amor	3.37	1.88	3.52	1.70	2.41	1.58	4.71	1.73	3, 68	6.55	.01	.09
Amizade	4.04	1.40	4.22	1.13	3.41	1.46	5.07	1.33	3, 68	7.84	.01	.10

Nota. O valor é significativo para $p < .05$

K6: Análise univariada do impacto da interação (processamento e gênero) nas variáveis amor, desejo sexual e amizade

	Global				Local							
	M_{Masc} $N=21$	SD	M_F $N=29$	SD	M_{Masc} $N=12$	SD	M_F $N=19$	SD	df	F	sig	η^2
D. Sexual	4.05	1.72	3.34	1.61	5.25	1.66	2.95	1.99	3, 68	4.58	.04	.06
Amor	3.67	1.74	3.28	1.83	4.17	1.95	3.00	1.94	3, 68	1.14	.29	.02
Amizade	4.19	1.44	4.07	1.16	4.67	1.88	3.84	1.39	3, 68	2.34	.13	.03

Nota1. O valor é significativo para $p < .05$

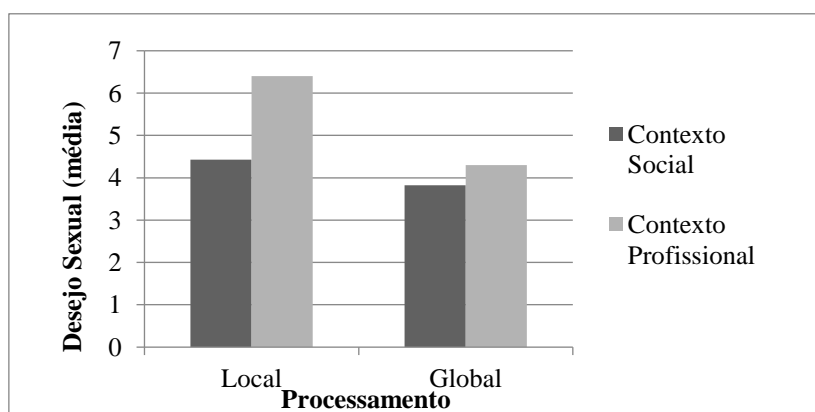
Nota2: Quanto à interação entre processamento e gênero, só existe um efeito principal para a variável sexo ($F(1,68)= 4.58$, $p=.04$). Mais especificamente, as mulheres apresentam medias semelhantes ao nível da vontade de ter sexo casual com o alvo no processamento global ($M= 3.34$; $SD=1.61$) e local ($M= 2.95$; $SD=1.99$), já os homens locais ($M= 5.25$; $SD=1.66$) reportam mais vontade de ser sexo casual com o alvo que os globais ($M=4.05$; $SD=1.72$).

K8: Análise univariada do impacto da interação (processamento, contexto e género) nas variáveis amor, desejo sexual e amizade

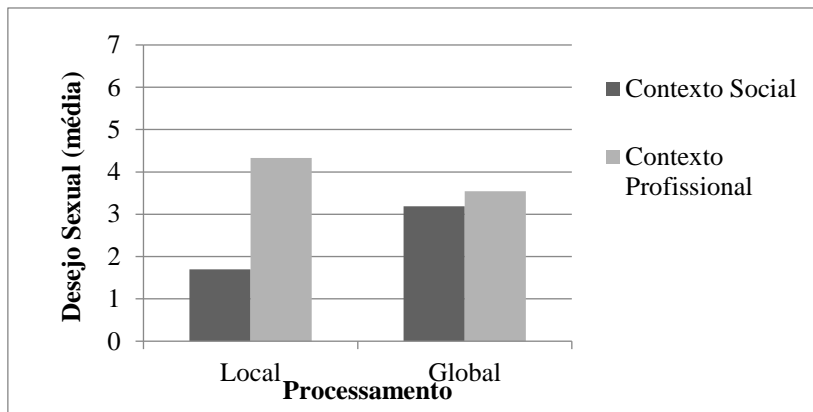
	Masculino								Feminino											
	Global				Local				Global				Local				df	F	sig	η^2
	M_{Soc} $n=11$	SD	M_{prof} $N=10$	SD	M_{soc} $n=7$	SD	M_{prof} $N=5$	SD	M_{Soc} $N=16$	SD	M_{prof} $N=13$	SD	M_{soc} $N=10$	SD	M_{prof} $N=9$	SD				
D. Sexual	3.82	1.54	4.30	1.95	4.43	1.40	6.40	1.34	3.19	1.38	3.54	1.90	1.70	1.25	4.33	1.73	3,68	1.12	.29	.02
Amor	3.73	2.10	3.60	1.35	3.14	1.57	5.60	1.52	3.13	1.75	3.46	1.98	1.90	1.45	4.22	1.72	3,68	.013	.91	.00
Amizade	4.18	1.72	4.20	1.14	3.43	1.27	6.40	.89	3.94	1.18	4.23	1.17	3.40	1.65	4.33	.87	3,68	2.76	.10	.04

Anexo L - Contrastes planeados

Apesar dos resultados não serem estatisticamente significativos procedeu-se a uma análise parcelar através de contrastes planeados, de modo a clarificar os resultados.



Interações entre processamento e contexto para o género masculino para a variável dependente desejo sexual

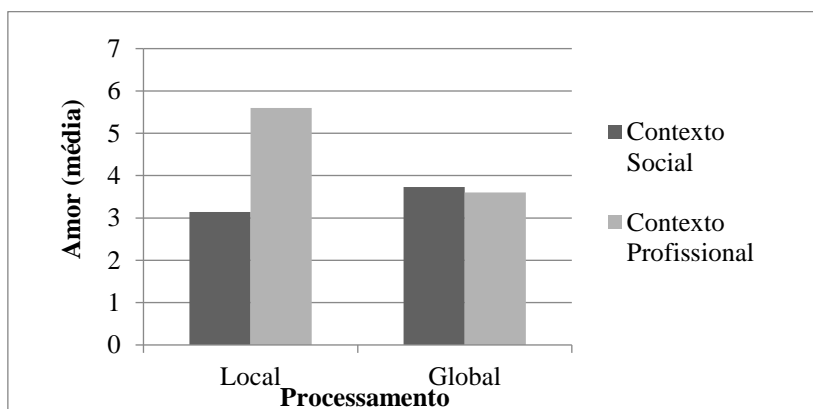


Interações entre processamento e contexto para o gênero feminino para a variável dependente desejo sexual

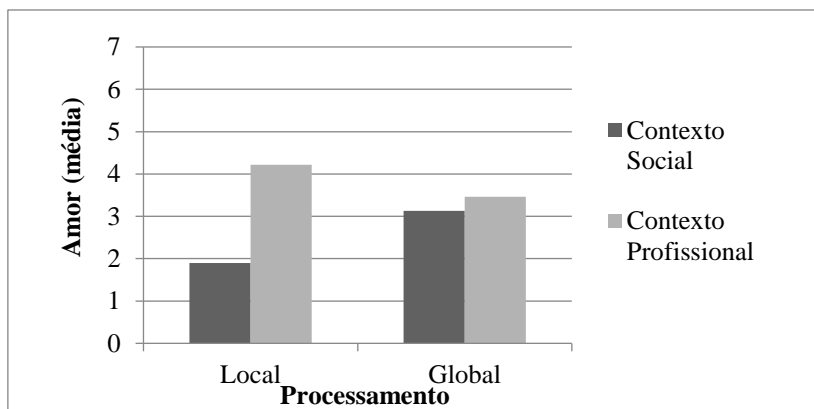
Ambos os gêneros, no processamento local, reportaram mais vontade de ter sexo casual (Figura 6) com o alvo no contexto profissional do que no contexto social, $t(1,73)_{\text{masculino}} = 4.44$; $p = .04$; $t(1,73)_{\text{feminino}} = 12.86$; $p < .001$. Também ambos, no processamento global, não diferiram na vontade de ter sexo casual com o alvo ($t < 1$).

Os homens, no contexto profissional, têm uma preferência por ter sexo casual no processamento local em relação ao global ($t(1,73) = 5.76$; $p = .02$), o que não acontece no contexto social ($t < 1$), apesar da tendência ser a mesma.

As mulheres, independentemente do processamento (Global ou Local) têm a mesma vontade de ter sexo casual no contexto profissional ($t(1,73) = 1.32$; $p = .26$), no entanto existem diferenças significativas para o contexto social $t(1,73) = 5.33$; $p = .02$), com preferência de ter sexo casual com o alvo no processamento global (tendência oposta à dos homens).



Interações entre processamento e contexto para o gênero masculino para a variável dependente amor

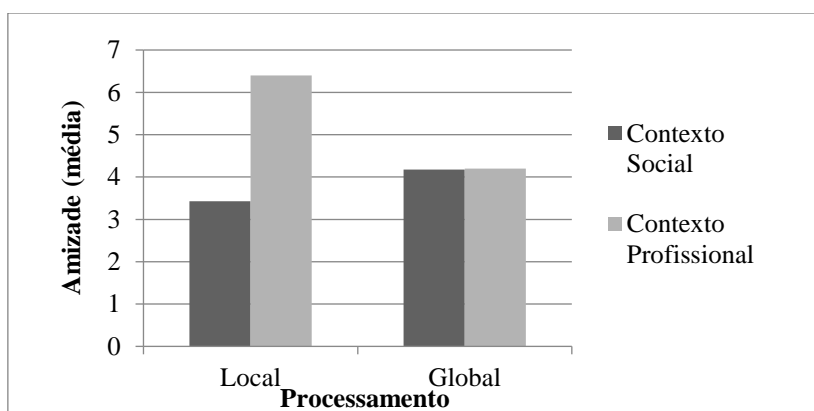


Interações entre processamento e contexto para o gênero feminino para a variável dependente amor

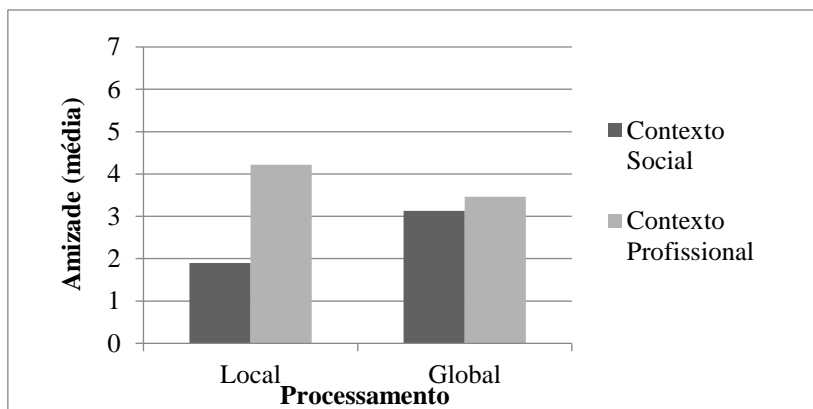
Ambos os gêneros, no processamento local, reportaram mais vontade de ter uma relação amorosa (Figura 7) com o alvo no contexto profissional do que no contexto social, $t(1,73)_{\text{masculino}} = 5.84$; $p=.02$; $t(1,73)_{\text{feminino}} = 8.47$; $p<.001$. Já no processamento global, tanto homens e mulheres, não apresentaram diferenças significativas relativamente ao modo como se sentem em ambos os contextos ($t<1$).

Nos homens e em contexto profissional, os níveis de amor são mais altos no processamento local que no global ($t(1,73) = 4.42$; $p=.04$), o que não acontece no contexto social, no qual os efeitos não são significativos ($t<1$), apesar da tendência ser a esperada.

As mulheres globais e locais comportam-se do mesmo modo no contextos profissional já que os efeitos não são significativos ($t(1,73) = 1.02$; $p=.32$), apesar da tendência ser a mesma que nos homens. Já para o contexto social estas reportam maior vontade de ter uma relação amorosa no processamento global que no local ($t(1,73) = 3.06$; $p=.08$), sendo a tendência também semelhante à dos homens.



Interações entre processamento e contexto para o gênero masculino para a variável dependente amizade



Interações entre processamento e contexto para o gênero feminino para a variável dependente amizade

Relativamente à amizade é possível apurar que, no gênero masculino, existem diferenças significativas ($t(1,73)=15.44$; $p<.001$) nos sentimentos de amizade entre o contexto social e o contexto profissional, perante um processamento Local, tendo sentimentos mais positivos no contexto profissional que no contexto social; o que não acontece no Processamento Global ($t<1$), em que não há diferenças na percepção da amizade nos dois contextos. Para as mulheres não existe o efeito do contexto na percepção de amizade nem no processamento Local ($t(1,73)=1.57$; $p=.12$), nem no Global ($t<1$).

Para ambos os gêneros e para o contexto social, apesar das direções serem as esperadas, não existem diferenças significativas na amizade nos dois processamentos; $t(73)_{\text{masculino}}=1.45$; $p=.23$; $t(1,73)_{\text{feminino}}=1.07$; $p=.31$. Já no contexto profissional, os homens têm mais sentimentos de amizade no processamento local que no global ($t(1,73)=9.67$; $p<.01$) para as mulheres este efeito não é significativo ($t<1$).

Anexo M - Tabelas para estudo das dimensões da homossexualidade referente a desejo sexual, amor e amizade

M1: Regressão Linear múltipla com as dimensões da homossexualidade como preditores e desejo sexual como critério

<i>Variáveis Predictoras</i>	<i>Não-Padronizados</i>	β	t	sig
<i>Constante</i>	1.81		3.13	.00
<i>Acontecimentos_Passad</i>	-0.42	-.31	-2.56	.01
<i>Atitudes</i>	0.29	.25	1.85	.07
<i>Desejo</i>	0.42	.35	2.98	.00

M2: Regressão Linear múltipla com as dimensões da homossexualidade como preditores e amizade como critério

<i>Variáveis Predictoras</i>	<i>Não-Padronizados</i>	β	<i>t</i>	<i>sig</i>
Constante	4.03		8.44	.00
Acontecimentos_Passad	-0.11	-.11	-0.84	.40
Atitudes	-0.10	-.11	-0.77	.44
Desejo	0.21	.24	1.81	.07

M3: Regressão Linear múltipla com as dimensões da homossexualidade como preditores e amor como critério

<i>Variáveis Predictoras</i>	<i>Não-Padronizados</i>	β	<i>t</i>	<i>sig</i>
Constante	2.74		4.48	.00
Acontecimentos_Passad	-0.31	-.23	-1.79	.08
Atitudes	-0.03	-.03	-0.19	.85
Desejo	0.40	.34	2.70	.01